BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"
Tombo nº 13.711
13.711

A RUSSIA SUBTERRANEA

STEPNIAK

A RUSSIA SUBTERRANEA

PERFIS E ESCORÇOS REVOLUCIONARIOS

TRADUCÇAO AUCTORIZADA

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORÍGENES LESSA"
Tombo N.º 13711
MUSEU LITERÁRIO

LISBOA
18, Rua Oriental do Passeio
1882

PROPRIEDADE LITTERARIA

Direitos de reproducção reservados

LISBOA—Typ. Castro Irmão

PREFACIO

O movimento socialista e revolucionario da Russia não podia deixar de attrahir a attenção da Europa occidental, o que justifica naturalmente a existencia em todas as linguas europêas de uma litteratura bastante vasta sobre o assumpto. Alguns d'estes escriptos não têem outro fim mais do que narrar simplesmente os factos; outros procuram ir mais fundo e tratam de descobrir as causas d'aquelle movimento. Passo em silencio um ramo inteiro d'esta litteratura: as novellas, os romances e os con-

tos, porque os seus auctores, buscando reproduzir sob fórma aprazivel os factos e os typos do mundo nihilista, põem seu principal cuidado em impressionar a imaginação dos leitores.

Força é confessar que uma grande parte de toda esta litteratura não tem o minimo valor. Os seus auctores não possuem o menor conhecimento dos factos que descrevem, recebendo-os em segunda ou em terceira mão, sem poderem verificar a authenticidade das fontes onde foram beber as suas noticias; não conhecem tão pouco a nação de que falam, sendo pobrissimas as informações que ha d'ella nos trabalhos publicados em linguas europêas; e faltalhes finalmente todo o conhecimento dos homens que tomaram uma parte tão distincta e preponderante no grande drama do movimento Russo.

É por isso muito difficil apontar, entre os livros escriptos por extrangeiros ácerca do nihilismo, algum que possa dar uma idéa bem approximada da verdade, se não

de todo o complexo das coisas, ao menos de alguma de suas partes.

E ser-me-ia impossivel indicar uma só d'estas obras que esteja isenta de grandes erros e falsidades.

Mas ainda mesmo os escriptos até hoje publicados sobre este assumpto em lingua Russa, que aliás são bem poucos e quasi desconhecidos na Europa, estão bem longe de nos poderem servir de guia, e vou dizer as razões.

Os auctores que escrevem para a imprensa Russa, isto é, sob a ferula imperial, vêem-se obrigados, por meras considerações de segurança pessoal, a pesar cada palavra, cada phrase que lhes sae da penna; ao tratarem pois de escrever sobre o nihilismo sabem já de antemão que, ou queiram ou não queiram, devem passar em claro um sem numero de questões que se referem tanto ao proprio movimento em si como á organização politica e social da Russia que o produziu. Devem além d'isso evitar o mostrarem ter conhecido em al-

gum tempo qualquer dos protagonistas, e represental-os não como elles são ou eram, mas como devem figurar n'uma obra feita por um fiel subdito do Czar. Já se sabe que o subdito em questão está ameaçado de ser exilado ou deportado por uma só palavrinha pouco prudente que deixe escapar. Accrescente-se que tudo isto que sahiu a respeito do nihilismo na Russia, quasi sem excepção alguma, é escripto pelos inimigos encarniçados do mesmo nihilismo, por aquelles que o consideram em boa fé como um delicto horrendo ou uma loucura monstruosa. A sua propria posição obrigava estes escriptores ou a não verem ou a não quererem ver tudo quanto concorreu para o desenvolvimento do nihilismo. E pelo que respeita aos proprios nihilistas, a esses não os conheceram elles senão pelos relatorios dos juizes instructores e pelos discursos dos advogados, e, se os viram, foi só nos bancos dos réos. D'aqui se vê o pouco valor que se deve dar, tanto sob o ponto de vista historico, como sob

o philosophico, a tudo o que do nihilismo se tem escripto na propria Russia.

Está claro que não se encontram lá desproposito como os de que estão repletas as obras dos extrangeiros a este respeito, mas são numerosissimas as reticencias voluntarias e os *erros voluntarios,* e não faltam tambem verdadeiros erros na vida dos mesmos revolucionarios.

Mais alguma coisa se poderia esperar dos partidarios do movimento, parte dos quaes estão na Russia e parte no extrangeiro como emigrados. E com effeito as publicações dos revolucionarios sahidas ha tres annos a esta parte tanto nos paizes extrangeiros, como da imprensa clandestina de S. Petersburgo, offerecem uma rica fonte de noticias com relação ao movimento revolucionario moderno. Como, porém, todos estes materiaes são em lingua Russa ou Ukraniana, não podiam entrar senão muito parcamente nos trabalhos escriptos em outras linguas, e ficaram em grande parte ignorados da Europa.

Os membros da emigração Russa raro se occuparam em fazer obras destinadas a explicar ao publico europeu a historia e as causas do movimento revolucionario da Russia; e, mesmo quando o fizeram, limitaram-se os emigrados Russos a opusculos de pouco tomo que não podiam elucidar senão alguns poucos lados da questão, ou trataram de assumptos puramente especiaes.

E quanto aos poucos eruditos europeus que sabem a lingua Russa, o material que subministra a imprensa revolucionaria é muito insufficiente para elles e não os preserva de grandes despropositos. É preciso primeiro que tudo o perfeito conhecimento da Russia e das condições do povo Russo, o que é quasi impossivel para um extrangeiro. E depois era preciso ter acompanhado passo a passo e muito de perto os progressos do movimento revolucionario, para comprehender não só a rapidez do seu desenvolvimento, mas tambem a substituição das questões theoricas e prati-

cas que já estiveram em voga por outras, em um espaço de tempo brevissimo.

As questões que dividiam o partido em varios grupos desapparecem de todo em 1880. O anno de 1878 assignala no movimento revolucionario uma crise que teve por consequencia um reviramento total, tanto na divisão do partido em varias fracções, como nas suas mutuas relações. Mudaram-se os modos de acção, mudou-se o typo do revolucionario. Os defeitos e as virtudes tão caracteristicas das personagens mais salientes do movimento, de ha poucos annos para cá, foram substituidos por defeitos e virtudes de genero inteiramente diverso, que caracterizam o revolucionario Russo do periodo moderno.

Por isso, até as proprias pessoas que tiveram n'elle uma parte activa, mas sahiram da patria ha muito tempo ou se applicaram a alguma especialidade muito exclusiva, até essas mesmas podem incorrer em graves desacertos. tanto nos seus jui-

zos ácerca do movimento actual como nos seus prognosticos ácerca do futuro.

Só um homem que tenha estado durante muitos annos presente nas fileiras, que tenha tomado uma parte directa nas diversas phases por que passou o movimento revolucionario Russo, que conhecesse de perto as personagens que figuraram n'estas phases, as quaes, posto que comprehendidas no espaço de um decennio apenas, são comtudo de muito differente natureza; só um homem assim, se quizessse contar o que viu por seus proprios olhos, poderia dar aos leitores europeus uma idéa bastante conforme á verdade, respeito á forma e á substancia do movimento revolucionario Russo.

Taes homens no nosso partido, e que possuam, além d'isso, talento para exporem em boa fórma litteraria os seus pensamentos, são muito raros.

Foi-me por isso summamente grato o saber que um d'esses poucos se lembrou de apresentar em uma serie de pinturas

vivas os homens e os factos do movimento revolucionario Russo, em cujas diversas phases elle mesmo tomou parte immediata.

Lembro-me do enthusiasmo com que em Londres os mancebos reunidos na typographia do «Ávante» ouviam ler algumas paginas dos seus escriptos juvenis. Alguns poderiam contar varios episodios da sua odysséa como propagandista entre os homens dos campos, quando esta propaganda reuniu a maior parte das forças revolucionarias, sem distincção de partidos. Foi elle um dos principaes agentes da imprensa revolucionaria da Russia, quando, reconhecida a insufficiencia dos prelos que funccionavam no extrangeiro, o partido revolucionario fundou os seus orgãos na propria capital dos Czares. Entre os nomes dos mais energicos influentes, nas phases principaes por que passou o movimento Russo, os revolucionarios mencionam sempre o nome d'aquelle que se apresenta ao publico europeu com o pseudonymo de

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"
N.º 13.711

Stepniak. Digo ao publico europeu, e não ao italiano, porque estou persuadido de que o livro que Stepniak vae publicar em italiano, ha de achar muitos traductores em outras linguas.

Terá finalmente o publico europeu um quadro fiel e vivo d'aquelle movimento, em que de uma parte vemos apparecer as massas populares privadas de toda a vida politica, destruidas pela escravidão de seculos, roubadas pelo governo e arruinadas pela dependencia economica em que estão da classe governante, mas que conservam ainda assim na Russia Septentrional a *communa rural* e a convicção profunda e inabalavel de que a terra lhes deve pertencer a ellas que a cultivam, e de que mais cedo ou mais tarde ha de chegar o dia da «divisão das terras», e no sul conservam as tradições da autonomia da communa cossaca; e de outra parte está como progenie do despotismo o bando dos que não têem o menor sentimento do dever e são capazes de sacri-

ficar aos proprios interesses ou ainda a caprichos pessoaes os interesses do Estado e do povo; o bando dos que na burocracia se tornam conhecidos por actos vergonhosos de concussão e venalidade, e n'este ponto não têem quem os eguale senão no Oriente asiatico, e em tempo e em paiz nenhum têem quem os exceda, e na vida civil se mostram especuladores da bolsa e cavalheiros de industria que não cedem o passo aos mais infames em ambos os mundos. Entre estas duas camadas sociaes, como successores da opposição litteraria e politica da sociedade inteira, como successores dos novos publicistas radicaes, como successores dos primeiros apostolos do socialismo na Russia, Hertzen e Tchernischewsky, vemos surgir um novo grupo de luctadores que ha dez annos espantam a Europa com a sua energia e dedicação.

Centenares e centenares d'estes filhos do privilegio vão ter com o «povo», para lhe levar o evangelho do socialismo que tem por fim a destruição dos privilegios

das classes d'onde elles sahiram. Cada novo processo não faz senão pôr mais em evidencia o seu heroismo, a sua missão historica. Recorre o governo Russo a medidas extremas de repressão; põe toda a Russia em estado de sitio; cobre-a de forcas; e coage, póde assim dizer-se, os propagandistas inoffensivos a pegar em armas homicidas e a começar a lucta terrorista que ainda dura. E ninguem dirá comtudo que a victoria pertence ao governo, visto como as suas medidas deram em resultado o assassinato de um imperador e a reclusão voluntaria do que lhe succedeu, e o desmoronamento universal do edificio social Russo.

Mas ha outro facto talvez mais significativo ainda: o movimento dura apenas ha dez annos e a lucta com o governo não começou senão ha cinco, e comtudo na constituição do partido militante revela-se já uma mudança consideravel: a maior parte dos réos que vemos comparecer perante os tribunaes nos processos dos ter-

roristas já não são apostolos que levam ao povo as ideas que se desenvolveram n'uma esphera que não é a sua; são homens sahidos do seio do proprio povo, no qual, como até agora se dizia, não podiam fazer móça a propaganda e a agitação revolucionaria.

Apesar de muito recente, o partido socialista e revolucionario Russo soube conquistar um logar na historia.

Os leitores da obra de Stepniak ficarão agora sabendo quaes foram os elementos que deram a estes lidadores a força de se transformarem n'estes ultimos tempos em um partido que póde dizer que o futuro lhe pertence. Asseguram-lh'o os novos elementos vindos do povo, que hão de encorporar-se nas suas fileiras.

Londres, 4 de março de 1882.

P. Lavroff.

A RUSSIA SUBTERRANEA

PRELUDIO

I

Os escriptos do romancista Turgueneff hão de sem duvida fazel-o viver durante muitas gerações; mas uma só palavra sua tornou-o immortal. Foi elle que inventou o *nihilismo*. A principio esta palavra era empregada n'um sentido de desprezo, mas depois, por orgulho de partido, foi adoptada pelos vituperados, como tantas vezes tem acontecido na historia.

Não seria preciso falar n'ella, se não succedesse ter-se dado na Europa aquelle nome. não ao partido que assim foi denominado na Russia, mas a um outro absolutamente diverso.

O verdadeiro nihilismo foi um movimento philosophico e litterario, que floreceu no pri-

meiro decennio depois da libertação dos escravos, isto é, entre 1860 e 1870. Hoje está completamente extincto e apenas restam d'elle alguns vestigios que vão desapparecendo de dia para dia, porque com a vida febril d'estes ultimos annos um decennio na Russia póde considerar-se como um periodo pelo menos de trinta ou de cincoenta annos.

O nihilismo foi uma lucta que tinha em vista emancipar o homem intelligente de toda e qualquer dependencia, e acompanhava passo a passo a que tratava de emancipar da escravidão as classes trabalhadoras.

O principio fundamental do nihilismo propriamente dicto foi o individualismo absoluto. Era a negação, em nome da liberdade individual, de todas as obrigações impostas ao individuo pela sociedade, pela familia, pela religião. Foi uma reacção apaixonada e poderosa, não contra o despotismo politico, mas contra o despotismo moral que pesa sobre a vida privada e intima do individuo.

Entretanto é força confessar que os nossos predecessores, ao menos nos primeiros tempos, souberam introduzir já n'esta lucta toda pacifica o mesmo espirito de rebellião e quasi o mesmo fanatismo que caracteriza o movimento hodierno. Apontarei aqui o caracter geral d'esta lu-

cta, porque é um verdadeiro preludio do grande drama, cujo ultimo acto se vae desenrolando no Imperio da Noite.

Feriu-se a primeira batalha no dominio da religião. Não foi longa nem renhida; ganhou-se, para assim dizer, do primeiro assalto, porque não ha paiz no mundo onde a religião tenha nas classes cultas tão poucas raizes como na Russia. A geração precedente foi um pouco christã por habito, um pouco athêa por cultura. Mas, impellido que foi para o assalto este troço de jovens escriptores, armados das sciencias naturaes e da philosophia positiva, cheios de talento, de fogo e do ardor do proselytismo,—o christianismo cahiu, como barraca velha e espapaçada, que, se está de pé, é porque ninguem lhe toca.

A propaganda materialista fazia-se de dois modos que reciprocamente se completavam e ajudavam. Indirectamente por meio da imprensa, traduzindo e escrevendo obras que subministravam os argumentos mais irrefutaveis contra todo e qualquer systema religioso, contra o livre arbitrio, contra o sobrenaturalismo. Para evitar as garras da censura, velavam-se os logares mais claros com certas palavras obscuras que ainda faziam sobresahir mais as idéas para um leitor apaixonado e attento.

A propaganda oral, valendo-se dos argumentos expostos pelos sabios, tirava d'elles as consequencias logicas, não se importando com as reticencias a que eram obrigados os escriptores. O atheismo infundia a mesma paixão como se fosse uma religião nova. Os zelosos andavam á procura das almas vivas para as lavar «da abominação do christianismo» como verdadeiros missionarios. Fez-se tambem o seu tanto de imprensa clandestina — traduziu-se e lithographou-se o livro de Büchner «Força e Materia» em que o philosopho allemão atacava directamente a theologia christã. O livro distribuia-se clandestinamente, não sem certo risco; e teve um exito immenso. Houve quem levasse o seu enthusiasmo a ponto de ir fazer propaganda entre os estudantezinhos das escholas.

Veiu-me um dia ás mãos uma «carta aberta» de B. Zaizeff, um dos redactores dos «Russos e Slavos», jornal popularissimo d'aquella epocha. N'essa carta, destinada á imprensa clandestina, o auctor, falando do seu tempo e das arguições levantadas contra os nihilistas de então pelos nihilistas de hoje, diz: «Juro-vos por tudo o que ha de sagrado que nós não eramos egoistas, como nos chamais. Foi um erro, convenho, mas estavamos profundamente convencidos de que combatiamos pela felicidade do genero hu-

mano, e qualquer de nós estava decidido a ir ao patibulo e a dar a cabeça por Darwin ou Moleschott.» Esta phrase fez-me sorrir. Rirá tambem por ventura o leitor, mas é profundamente sincera e verdadeira. Se as coisas chegassem a tal extremo, teria talvez presenciado o mundo um espectaculo muito tragico e ao mesmo tempo comico: o martyrio por sustentar que Darwin tem razão contra Cuvier, como ha dois seculos se via o padre Abbaco e os seus discipulos serem queimados e enforcados por sustentarem que se deve escrever Jesus com um I, e não com dois (Isus—orthographia grega), ou cantar a alleluia tres vezes, e não duas, como faz a Egreja governativa. É um facto muito caracteristico do espirito russo—o poder apaixonar-se até ao fanatismo por certas coisas que nunca poderiam merecer mais do que uma simples approvação ou desapprovação a um homem do occidente.

Mas no nosso caso as coisas correram muito por alto. Não havia quem defendesse os altares dos Deuses. Entre nós felizmente o clero nunca teve influencia espiritual, porque é ignorantissimo, e, como os sacerdotes são casados, estão todos absorvidos nos seus negocios domesticos. E que podia fazer o governo contra um movimento puramente intellectual que se não manifestava por actos externos?

Ganhou-se a batalha quasi sem fadiga alguma, sem esforço, mas ganhou-se definitiva e absolutamente. Hoje em dia na Russia, e até entre a gente de mediana instrucção, um homem que não seja materialista puro, purissimo, seria realmente uma *rara avis*.

E é importantissima esta victoria. O atheismo absoluto é a unica herança conservada intacta pela nova geração, e não é preciso insistir n'isto para demonstrar quanta utilidade d'ahi proveiu ao moderno movimento revolucionario.

O nihilismo, porém, não se limitou a declarar guerra contra a religião; declarou-a a tudo o que se não baseia na razão pura e positiva. Esta tendencia, muito justa em principio, foi levada pelos nihilistas de 1860 a 1870 até ao absurdo. A arte, como uma das manifestações do idealismo, foi absolutamente renegada pelos nihilistas, assim como tudo o que serve a excitar o sentimento do bello.

Foi esta uma das mais asperas guerras que apaixonaram o velho nihilismo. Um dos seus «esturrados» aventou o famoso aphorismo «que um sapateiro vale mais do que Rafael, porque o primeiro faz coisas uteis, em quanto o segundo faz coisas que não são boas para nada.» A propria natureza foi para um nihilista orthodoxo a simples fornecedora dos materiaes

da chimica e da technologia. E não falo de tantas outras coisas d'este teor que seria prolixo enumerar.

II

Mas uma questão houve em que o nihilismo prestou grandes serviços ao séu paiz; foi a importante questão da mulher. O nihilismo reconhecia-a como egual ao homem em todos os seus direitos. A intimidade das relações que existe na Russia, onde não ha cafés nem clubs e onde as salas são forçosamente os unicos pontos de reunião,—e mais talvez ainda a nova posição economica creada para a classe dos nobres pela emancipação dos escravos, fizeram que a questão da emancipação da mulher tivesse um largo desenvolvimento e désse em resultado a victoria quasi completa da mulher.

O meio de subjugar a mulher é o amor. Assim é natural que, todas as vezes que ella se levante para reivindicar os seus direitos, comece por exigir a liberdade do amor. Foi assim nos tempos antigos, foi assim na França do seculo XVIII e no tempo de Jorge Sand. Assim aconteceu tambem na Russia.

Mas entre nós a questão da emancipação da mulher não se limitou só ao mesquinho direito do «amor livre», que não é mais do que o direito de poder escolher em todo o tempo o seu senhor. Para logo se comprehendeu que o importante está em ter a liberdade simples, deixando a questão do amor ao arbitrio individual. Ora como não ha liberdade sem independencia economica, a lucta mudou de aspecto e converteu-se em lucta para conquistar o livre accesso ao ensino superior e ás profissões que exerce o homem instruido. Longa e ardente correu ella, porque tinhamos de permeio a nossa familia barbara e medieva. Foi sustentada muito valorosamente pelas nossas mulheres e teve o mesmo caracter apaixonado que a maior parte das nossas ultimas luctas sociaes. Afinal venceram ellas; o proprio governo teve de o reconhecer.

Já nenhum pae ameaça a filha de lhe arrancar os cabellos por ella querer ir para S. Petersburgo estudar medicina ou frequentar os cursos superiores de outras sciencias. A donzella já não é obrigada a fugir da casa paterna, e os nihilistas já não têem precisão de recorrer ao «matrimonio ficticio» para que ella fique senhora de si.

O nihilismo venceu em toda a linha.

O nihilista não tem mais do que repoisar sobre os seus trophéos. As duas primeiras pessoas

da trindade do seu ideal, como prescreve o «Que fazer?», *independencia de espirito* e *companheira intelligente,* estão já ao seu alcance. Falta a terceira, que é *uma occupação a seu gosto,* mas, como elle seja intelligente, não tendo a Russia gente instruida, facilmente a achará.

—Bem, e o que acontecerá depois?—pergunta um mancebo cheio de fogo, acabado de chegar de alguma provincia remota para vir visitar o seu mestre.

—Serei feliz,—respondia este.

—Sim,—lhe dirá o mancebo.—Serás feliz, bem vejo. Mas como pódes sel-o quando no paiz, d'onde sahiste, se morre de fome, quando o governo se apodera dos ultimos reaes do povo e o faz ir mendigar um pedaço de pão? Não o sabes talvez? E se o sabes, o que é que tens feito pelos teus irmãos? Não me dizias ha tantos annos que querias combater «pela felicidade do genero humano?»

E o nihilista modelo, o nihilista de Turgueneff ficará confundido ante aquelle olhar que não sabe transigir, porque o enthusiasmo, a fé, que o animava nos primeiros annos da lucta, desvaneceu-se com a victoria. Elle não é mais do que um epicurista intelligente e refinado, e o sangue corre-lhe vagarosamente pelas carnes adiposas.

E o mancebo retirar-se-á cheio de tristeza,

BIBLIOTECA MUNICIPAL
ORIGENES LESSA

proferindo em tom de desesperação a terrivel pergunta: «Que fazer?»

E chegamos a 1871! Em virtude d'essas invenções maravilhosas que fazem que o homem moderno possa dizer-se omnipotente, apparece-lhe á vista o quadro de uma cidade immensa, revolucionada pela grande idéa de reivindicar os direitos do povo. Elle segue ancioso todas as peripecias do terrivel drama que se representa nas margens do Sena. Vê correr o sangue, ouve os gritos lancinantes das mulheres e das creanças metralhadas ao pé das trincheiras. Porque é que alli se morre? porque é que alli se chora? Pela emancipação do operario, pela grande idéa social.

E ao mesmo tempo chega-lhe aos ouvidos a flebil canção do camponez russo, toda gemidos e lastimas, em que parecem estar concentrados muitos seculos de soffrimentos. Representa-se-lhe ao espirito a sua miseria esqualida, toda a sua vida cheia de dores, de martyrios, de ultrages. Vê-o extenuado pela fome, debilitado pela fadiga, escravo eterno das classes privilegiadas, trabalhando, trabalhando, trabalhando sem descanço, sem esperança de redempção, porque o governo o conserva na ignorancia muito de proposito, e todos o despojam, todos o espezinham, e ninguem lhe dá a mão para o ajudar! Ninguem? Oh isso não! Agora já elle sabe «que

fazer»! Será elle que lhe ha de dar a mão! Será elle que lhe ha de dizer como se póde livrar e ser feliz! Inflamma-se-lhe o coração por aquelle pobre desgraçado que não sabe senão chorar. O fulgor do enthusiasmo esplende-lhe na fronte e com a vista incendida pronuncia no seu coração o solenne juramento de consagrar toda a sua vida, todas as suas forças, todos os seus pensamentos á libertação d'aquelle povo que suava sangue para que elle, benjamin do privilegio, pudesse viver com commodidade, estudar, instruir-se.

Vae arrancar o quente vestuario que lhe escalda as carnes. Irá envergar o saio grosseiro do camponez, os seus sapatos de cortiça, e abandonando o sumptuoso palacio paterno, que o opprime como o remorso de um crime, irá ter com «o povo» a alguma terra distante — e ahi, debil e delicado descendente de uma raça de nobres, executará o trabalho penoso do camponez, sujeitando-se a todas as privações, para lhe levar a palavra da redempção, o evangelho do nosso seculo — o socialismo. Que lhe importa se os esbirros do governo lhe deitarem as unhas? Que caso faz elle do exilio, da Siberia, da morte? Todo cheio da sua idéa sublime, clara, esplendida, vivificante como o sol do meio dia, desafia os soffrimentos, e affrontaria a morte com

um olhar de enthusiasmo e com um sorriso de felicidade!

Nasceu d'este modo o socialista-revolucionario de 1872 a 1874. Nasceram assim os seus precursores de 1866, os desventurados *karakosowzi*—pequeno nucleo de intelligencias nobilissimas que se desenvolveu sob a influencia immediata da nascente *Internacional,* mas não teve mais que um dia de vida e não deixou após si vestigio algum.

Estamos em presença dos dois typos que representam o movimento intellectual russo. O primeiro é o do decennio de 1860 a 1870; o segundo é o de 1871 por deante.

Que contraste!

O nihilista procura a sua felicidade a todo o custo. O seu ideal é a vida «racional» e «realista». O revolucionario procura a felicidade alheia a todo o custo, sacrificando-lhe a sua propria. O seu ideal é a vida cheia de soffrimentos e a morte do martyr.

E apesar d'isto quiz o destino que acontecesse que os primeiros, não sendo e não podendo ser conhecidos em nenhum outro paiz além do seu, não tivessem na Europa nome algum, e os ultimos, tendo adquirido uma fama tremenda, fossem designados com o nome dos primeiros. Que ironia!

A PROPAGANDA

I

O movimento revolucionario russo foi, como referi no fim do meu proemio, o resultado da acção dos exemplos e das idéas desenvolvidas na Europa occidental, exercida sobre o espirito da mocidade russa, a qual, pelas condições especiaes do seu paiz, estava predisposta a acolhêl-as com o maximo favor.

Cumpre-me agora rastrear por miudo as verdadeiras influencias que determinaram aquelle resultado e os seus respectivos processos, como fariamos com um grande rio de que só conhecessemos a nascente e a foz, se quizessemos averiguar o seu curso exacto e os affluentes que tanto o engrandeceram.

A influencia da Europa é de facil indagação, simples e elementares como são os seus processos. A communhão das idéas entre a Russia e a Europa não se interrompe já agora, a despeito de todas as medidas preventivas da censura. Os livros prohibidos, como as obras de Proudhon, de Fourier, de Owen e de outros velhos socialistas, introduziram-se sempre na Russia clandestinamente, mesmo sob o despotismo asiaticamente feroz e desconfiado de Nicolau I.

Mas impedia-os de exercerem directamente uma influencia decisiva, por um lado, a difficuldade de adquirir estes preciosos livrinhos, por outro, a lingua em que estavam escriptos, que os tornava inaccessiveis ao commum dos leitores. Appareceu então um exercito de escriptores cheios de talento, que, inspirando-se nas idéas do socialismo, o souberam tornar accessivel a todos. Na primeira linha figuram os mais alevantados engenhos de que a Russia póde vangloriar-se: Cerniscewsky, pensador profundo, economista de uma sciencia immensa, romancista, polemista ardente, a quem a sua nobre missão custou o martyrio, e que ainda dura; Dobroliuboff, critico de genio, morto aos vinte e seis annos, depois de ter abalado a Russia inteira com seus escriptos immortaes; Micailoff,

professor e publicista, condemnado a trabalhos publicos por causa de um discurso que dirigiu aos estudantes — e muitos outros. Hertzen e Ogareff, directores do primeiro jornal livre em lingua russa — o Kolokol de Londres — levavam do extrangeiro o seu precioso tributo para aquelle movimento. Foram estes os verdadeiros apostolos da nova doutrina, que preparavam o terreno para o movimento moderno, depois de terem educado toda a geração de 1870 nas idéas do socialismo.

Com a Communa de París, que tão formidavel brado deu em todo o mundo, entrou o socialismo russo na sua phase belligerante, e passou dos gabinetes e dos conciliabulos para as officinas e para as povoações ruraes.

Muitas foram as causas que levaram a mocidade russa a acolher tão solicitamente a idéa do socialismo revolucionario prégada pela communa. Não posso aqui fazer mais do que notal-as. Tendo a infausta guerra da Criméa posto desapiedadamente á vistá a podridão de todo o edificio social russo, força era proceder o mais expeditamente possivel á sua reparação. Mas a obra da regeneração da patria, dirigida pela mão de um imperador autocrata que queria conservar tudo: os seus sacrosantos «direitos,» que eram os primeiros que deviam ser abolidos, e as

prerogativas da classe da nobreza, para lhe servirem de apoio, pois se arreceava da revolução, —essa obra, digo, não podia deixar de sahir uma coisa imperfeita, hypocrita, contradictoria,—um aborto. Não seremos nós que lhe façamos a critica. e muito menos agora que não ha precisão nenhuma d'isso, visto que todos os jornaes inclusivè a *Gazeta Official*, repetem em diversos tons o que aos socialistas valeu tantos vituperios, isto é, que todas as reformas de Alexandre II foram, ao que se viu, insufficientissimas, e que a famigerada emancipação dos servos materialmente não fez mais do que collocal-os em peores condições, por ser desmesuradamente pesado o onus do resgate fixado para as parcellas de terra que lhes foram distribuidas.

A condição miseravel e de dia para dia mais desgraçada dos camponezes, isto é, de nove decimos de toda a população, não podia deixar de fazer pensar seriamente a todos os que tinham a peito o futuro da patria.

Era mister procurar-lhe remedio, e facilmente se prevê que os espiritos se voltariam para os meios legaes e pacificos, se depois de ter livrado os camponezes da escravidão, em que os tinham os seus senhores, o imperador Alexandre II tivesse libertado a Russia da escravidão em que elle mesmo a mantinha, outorgando-lhe uma

constituição qualquer, com que ella ficasse arbitra dos seus destinos, ou lhe deixasse ao menos a esperança de mais cedo ou mais tarde o vir a ser. Mas foi exactamente isto o que elle de modo nenhum quiz fazer; e, ficando em todo o seu vigor a autocracia, nada havia a esperar senão da boa vontade do imperador. Ora esta esperança ia diminuindo de anno para anno. Alexandre II não sustentou, senão por poucos annos, o papel de reformador.

A insurreição da Polonia, suffocada com a ferocidade que todos sabem, foi o signal para uma reacção que cada dia se exacerbava mais. Não havia já que esperar dos meios legaes e pacificos; era forçoso resignar-se a todos os soffrimentos, ou procurar outras vias de salvação para a patria. Todos os que sentiam pulsar um coração no peito tomaram naturalmente este ultimo partido.

Portanto, á medida que a reacção ia esbravejando, a effervescencia revolucionaria tornava-se mais manifesta e as sociedades secretas pullulavam em todas as cidades principaes. O tiro de revólver de Karakosoff, que foi a consequencia d'isto, era uma terrivel advertencia para o imperador Alexandre II. Não quiz elle comprehendel-a. Ao contrario, desde 1866 a reacção redobrou de furia. Dentro de poucos

mezes desfez-se tudo o que conservava ainda uns fumos do liberalismo dos primeiros annos do reinado. Foi uma verdadeira dança macabra, um verdadeiro terror branco.

II

Depois de 1866 era preciso ser cego ou hypocrita para acreditar na possibilidade de qualquer melhoramento sem o emprego de meios violentos. O fermento revolucionario crescêra a olhos vistos e bastava uma faisca para mudar as aspirações latentes em um movimento geral. Tal foi, como já disse, a Communa de Paris. Foi logo depois d'ella, isto é, nos fins do anno de 1871, que se formou em Moscow a sociedade dos Dolguscinzos, e em 1872 organizou-se em S. Petersburgo a importantissima associação dos Tciaikowzos, que tinha suas ramificações em Moscow, Kiew, Odessa, Orel, Taganrog. Era o escopo de ambas a propaganda socialista e revolucionaria entre os operarios e os habitantes dos campos. E não falo nem dos muitos nucleos de menos importancia que se formaram nas provincias com o mesmo proposito, nem de muitos

individuos isolados, que desde então começaram a ir ter com «o povo» para fazer propaganda. O movimento foi inteiramente espontaneo, e não era mais do que o resultado necessario das condições da Russia, consideradas sob o impulso do movimento de París pelo prisma das idéas socialistas introduzidas por Cerniscewsky e Dobroliuboff.

Cedo, porém, a esta corrente interna se uniu outra poderosissima que vinha do exterior; foi a da Internacional, que, como é sabido, teve o seu maior desenvolvimento mesmo nos primeiros annos que se seguiram á Communa de París. Tambem aqui é preciso distinguir dois processos differentes de transmissão: o primeiro litterario, o segundo pessoal e immediato. Dois escriptores — o grande Miguel Bacunine, o genio da destruição, principal fundador da Internacional anarchica ou federalista, e o senhor Pedro Lavroff, eximio philosopho e publicista, prestaram com a sua penna grandes serviços á nossa causa. O primeiro, como auctor de um livro sobre a revolução e o federalismo, em que com inimitavel clareza e força o fogoso tribuno e audaz pensador expõe as suas idéas ácerca da necessidade de uma prompta revolução popular; o segundo, como director de uma revista (Vperiod! *Avante!*) feita na maior parte só por elle

com uma doutrina e um zelo infatigaveis. Posto que divergentes em certas particularidades (Bacunine é um defensor apaixonado do partido extremo da Internacional e o senhor Lavroff inclina-se de preferencia para o partido mais moderado) reconheciam ambos estes escriptores na revolução popular o unico meio de transformar de vez as insupportaveis condições do povo russo.

Mas a influencia da Internacional sobre o movimento da Russia foi tambem directa. E aqui preciso de voltar por um momento atraz, por que o movimento revolucionario encontra n'este ponto o movimento individualista do nihilismo propriamente dicto, de que falei no «Preludio». Tendo-se a lucta para a emancipação da mulher fundido com a do direito ao ensino superior e não havendo na Russia collegio nem universidade que admitissem as mulheres como estudantes, resolveram estas ir procurar em paizes remotos a sciencia que lhes era negada pela patria. A livre Suissa, que a ninguem cerra as suas fronteiras nem as suas escholas, foi a terra favorita das novas peregrinas, e a famosa cidade de Zurich a sua Jerusalem. De todos os pontos da Russia—das planicies do manso Volga, do Caucaso, da longinqua Siberia, raparigas de dezeseis annos, sós, com a sua malasinha e

muito pouco dinheiro, lá iam para uma terra desconhecida, anciosas por adquirir a sciencia, unico recurso que lhes podia assegurar a independencia desejada. Chegadas que foram á terra dos seus sonhos, acharam lá não só as escholas de medicina, mas ainda um grande movimento social, que muitas nem sequer suspeitavam. E então mais uma vez se tornou manifesta a differença entre o velho nihilismo e o socialismo da geração moderna.

—O que é a tua sciencia—perguntava a si mesma a rapariga—senão um meio de grangeares uma posição mais vantajosa na classe dos privilegiados, a que já pertences? A quem aproveitará ella senão a ti mesma? E se a mais ninguem aproveita, qual é então a differença entre ti e todos esses bandos de sanguesugas que vivem do suor e das lagrimas do teu pobre povo?

E com isto a rapariga deixava a medicina e entrava a frequentar as sessões da Internacional, a estudar a economia politica e as obras de Marx, de Bacunine, de Proudhon e de todos os fundadores do socialismo europeu. Pouco faltou para que a cidade de Zurich de uma séde de estudos se convertesse em um immenso club permanente. Espalhou-se em toda a Russia a sua fama e attrahiu para alli centenares de pessoas de ambos os sexos. Foi então que o go-

verno imperial, por excesso de precaução, expediu o torpissimo e altamente estupido ukase de 1873 que intimava a todos os russos, sob pena de serem considerados proscriptos, a ordem de sahirem immediatamente da terrivel cidade de Zurich. Foi o maior dos desacertos. Entre a mocidade que alli estava agglomerada formavam-se já uns projectos mais ou menos vagos de regressar á patria para fazer a propaganda internacionalista. O ukase fez que, em vez de regressarem a pouco e pouco, no que levariam annos, voltassem em massa e quasi todos. Acolhidos extremosamente pelos seus companheiros, começaram a fazer por toda a parte a mais ardente propaganda internacionalista.

III

Ora desde o inverno de 1872, em um dos casebres que ha á sahida de S. Petersburgo reunia-se um grupo de operarios em volta de Pedro Krapotkine (principe), que lhes explicava as idéas do socialismo e da revolução. O abastado cossaco Obuchoff, tisico e moribundo, fazia o mesmo nas margens do seu patrio Don. Um offi-

cial, Leonidas Sciscko, para fazer a propaganda, metteu-se por tecelão n'uma fabrica de S. Petersburgo. Outros dois membros da mesma sociedade, o official Demetrio Rogaceff com um amigo seu, foram para a provincia de Tver como serradores, a fim de fazerem a propaganda entre a gente do campo.

Quando no inverno de 1873, em virtude da denuncia de um proprietario do districto, estes dois ultimos foram capturados, e com o auxilio dos camponezes puderam escapar das mãos da policia e entraram em Moscow para fazerem a propaganda entre a mocidade, depararam ahi duas mulheres que n'aquelle momento acabavam de chegar de Zurich com o mesmo proposito.

D'esta arte as duas correntes—a indigena e a extrangeira—encontravam-se em todos os pontos e tudo concorria para o mesmo resultado.

Os livros diziam: Soou a hora da destruição para a velha classe media. Das suas ruinas vae levantar-se um mundo novo, baseado na fraternidade de todos os homens, onde não haverá mais lagrimas nem miseria. Mãos á obra! Appellemos para a revolução, que é o unico meio de realizar este doirado ideal!

Homens e mulheres que affluiam de fóra inflammavam as imaginações com a narração da lucta já encetada pelo proletario do Occidente,

BIBLIOTECA MUNICIPAL
«ORIGENES LÉSSA»

pela Internacional e seus grandes promotores, pela Communa e seus martyres, e juntamente com os seus novos proselytos apresentavam-se para irem ter com o «povo» afim de pôrem em pratica as suas idéas. E uns e outros voltavam-se anciosos para os, então ainda poucos, que regressavam da obra da propaganda, para lhes perguntarem o que era aquella entidade potente e mysteriosa — o povo — que seus paes os ensinavam a temer e que elles amavam já, sem o conhecerem, com toda a força dos seus corações juvenis.

E estes, que pouco antes tinham a mesma falta de confiança em si e as mesmas apprehensões, diziam-lhes, todos cheios de enthusiasmo, que o tal terrivel povo era bom, simples, crente como uma creança; que não só não desconfiava d'elles mas pelo contrario os acolhia com os braços e os corações abertos; que escutava as suas palavras com a maior sympathia; que moços e velhos, depois do trabalho, se apinhavam em volta d'elles, todos attentos, dentro de um casebre defumado, quando á luz incerta de uma acha de madeira resinosa, que fazia as vezes de candieiro, elles lhe falavam do socialismo ou lhe liam um dos poucos livros de propaganda que traziam comsigo; que as assembléas communaes se interrompiam quando elles en-

travam nas povoações, porque toda a gente largava aquellas assembléas para os vir ouvir. E depois de terem descripto todos os terriveis soffrimentos d'aquelle povo desgraçado, vistos com os seus proprios olhos, escutados com os seus proprios ouvidos, contavam um ou outro facto isolado, alguns casos, exaggerados talvez pela sua imaginação, que demonstravam não estar o povo tão abatido como se julgava; e que havia uns indicios e rumores de que a paciencia estava para se lhe acabar, e estava para rebentar uma grande tempestade.

Todas estas influencias numerosas e activas, como tinham por objectivo o caracter impressionavel e tão facil de se enthusiasmar da mocidade russa, produziram juntas o vastissimo movimento de 1873 a 1874 que inaugurou a nova era da revolução russa.

Nunca se vira nada semelhante nem antes nem depois. Era mais uma revelação do que uma propaganda. A principio ainda se podia dar com o livro ou com o individuo que levára esta ou aquella pessoa a adherir ao movimento, mas d'ahi a pouco tempo era impossivel. Era um grito poderoso que sahia não se sabe donde e que chamava as almas vivas para a grande obra da redempção da patria e do genero humano. E as almas vivas, ao ouvirem este grito, erguiam-se

trasbordando dor e raiva pelo seu passado, e abandonando casas, riquezas, honras, familias, lançavam-se no movimento com uma alegria, um enthusiasmo, uma fé, que não se sente senão uma só vez na vida, e depois de se perder nunca mais se encontra.

Não falarei de tantos, tantos mancebos e donzellas das mais aristocraticas familias, que trabalhavam durante quinze horas por dia nas fabricas, nas officinas, nos campos; a mocidade é sempre generosa e prompta para o sacrificio. O facto caracteristico é que o contagio chegou a communicar-se ás pessoas de edade, que tinham já o seu futuro certo e uma posição ganha com o suor do seu rosto: juizes, medicos, officiaes, empregados. E não foram estes os ultimos pelo seu enthusiasmo.

Não era já um movimento politico. Assemelhava-se mais com um movimento religioso, e tinha todo o caracter contagioso e absorvente que é proprio d'este. Não se tratava sómente de alcançar um certo fim pratico, mas tambem de satisfazer um intimo sentimento de dever, uma aspiração á propria perfeição moral.

Este nobre movimento, porém, desfez-se ao contacto da dura realidade, como precioso vaso de Sevres contra uma pedra rija e tosca. Não porque os camponezes russos se mostrassem in-

sensiveis ou mesmo hostis ao socialismo. Antes pelo contrario. Para um camponez russo que tem a sua antiga «obscina» (communa rural) com a propriedade collectiva da terra, e o seu «mir» ou «gromada» (assembléa communal), que rege soberanamente todas as coisas da communa, as idéas do collectivismo scientifico e do federalismo não eram senão uma deducção logica e natural das instituições a que desde tantos seculos estava acostumado. E com effeito não ha paiz no mundo em que a gente do campo estivesse tão bem disposta para receber as idéas do socialismo federativo, como a Russia. Alguns dos nossos velhos socialistas, como por exemplo Bacunine, negou até a necessidade de qualquer propaganda socialista para o camponez russo, dizendo que elle possue já todos os elementos fundamentaes d'ella e que por isso, chamado a uma revolução immediata, não poderia fazer senão uma revolução social. Mas para uma revolução requer-se sempre uma organização vigorosa, e esta só a pode crear a propaganda, quer seja socialista, quer puramente revolucionaria. E como se não podia fazer abertamente, força era recorrer á propaganda clandestina. Ora nas nossas aldeias esta era absolutamente impraticavel, porque a primeira coisa que acontece a quem quer que vai residir n'ellas, ou na qualidade de arti-

fice ou na de mestre ou na de escrivão communal, é ser vigiado e observado de todos. Guardam-n'o e espreitam-n'o em todos os seus movimentos como se fosse um passarinho n'uma gaiola de vidro.

E depois o camponez é de todo o ponto incapaz de conservar segredo a respeito da propaganda que lhe fazem. Como querem que elle não fale ao seu vizinho, a quem conhece ha tantos annos, de um acontecimento tão extraordinario como a leitura de um livro? especialmente quando se trata de uma coisa que lhe parece tão justa, boa e natural, como o que lhe diz o socialista? É por isso que todas as vezes que um propagandista vae a casa de um dos seus amigos, logo a noticia vôa por toda a aldeia, e meia hora depois está o casebre cheio de camponezes barbados que acodem a ouvil-o sem nem ao menos o avisarem a elle nem ao seu hospede. Se succede ser tão acanhada a casa que não cabe lá toda aquella gente, levam-n'o para a casa da camara ou para a rua, e ahi lê elle os seus livros ou faz os seus discursos debaixo da aboboda do céo.

É evidente que com taes costumes não devia o governo levar muito tempo a saber da propaganda que se fazia nas povoações russas. Choviam as prisões. «A infecção» do mal socia-

lista, como o declara uma circular do governo, invadira trinta e sete provincias. Nunca se poude saber o numero total das prisões. Só as que houve n'um processo que durou quatro annos, o dos 193, andaram por mil segundo as estatisticas officiaes.

Mas apenas a batalha parecia afrouxar pelo grande numero dos que cahiam, logo outros e outros esquadrões entravam cheios de ardor no campo. Dois annos durou o movimento com intensidade varia; até que se viram obrigados a reconhecer que o mesmo era querer abrir no muro uma brecha com a propria cabeça.

A partir de 1875 o movimento muda de aspecto; a propaganda dirigida ás massas, a unica que as podia abalar, é posta de parte, e em logar d'ella entra em scena a chamada colonização (poselenia)—isto é a formação e ajuntamento de um nucleo de propagandistas n'uma dada provincia ou antes n'um dado districto.

Para evitar os obstaculos que fizeram gorar o movimento dos annos precedentes, os colonistas procediam com muita reserva, cuidando principalmente de não dar nas vistas a pessoa alguma, de não fazer bulha, de se dirigirem com a sua propaganda sómente aos camponezes a quem tiveram occasião de conhecer a fundo como pessoas avisadas e prudentes. Como es-

tavam muito menos expostas a ser descobertas, mantiveram-se as colonias com varia fortuna por muitos annos, e em partes ainda se conservam, não sem produzirem algum fructo. Mas é claro que não podiam dar um grande resultado, attenta a immensidade da Russia e a necessidade de restringir de proposito a propria actividade ainda mesmo nas terras mais favoraveis.

IV

Os processos dos propagandistas, feitos nos annos de 1877 e 1878, assignalaram o termo do primeiro periodo de actividade revolucionaria na Russia e foram ao mesmo tempo a sua apotheose.

Querendo seguir o exemplo do segundo Imperio francez, que tão habilmente soube manejar o espectro vermelho, o governo russo ordenou que o primeiro processo dos mais importantes — o dos chamados *cincoenta* da sociedade de Moscow — fosse publico, esperando que a classe media aterrada se unisse com mais força em volta do throno, abrindo mão das suas velleidades liberaes que começavam já a dar signal de si.

Mas aconteceu o contrario. Os que deviam considerar aquelles homens como seus inimigos, ficaram deslumbrados perante o espectaculo de tantos sacrificios.

—São santos!—tal era a palavra que repetiam com voz commovida aquelles que puderam assistir ao memoravel processo.

O processo *monstro* dos 193 do anno seguinte não fez mais do que confirmar esta opinião.

Com effeito parecia que tudo o que ha de nobre e sublime na natureza humana estava concentrado n'aquella mocidade generosa. Enthusiasmada, subjugada pela sua grande idéa, queria sacrificar-lhe não só a vida, o futuro, a posição,—mas toda a sua alma. Procurava purificar-se de todas as preoccupações, de todos os affectos pessoaes, para ser inteiramente, exclusivamente, da sua idéa, e de mais nada. Erigiu-se em dogma o rigorismo. E por muitos annos a mocidade de ambos os sexos sustentava ardentemente até o ascetismo absoluto[1]. Os propagandistas não queriam nada para si. Eram a mais pura personificação da abnegação.

Taes seres porém eram demasiadamente ideaes para a terrivel lucta que ia empenhar-se. O typo

---

[1] D'aqui nasceu a ridicula confusão dos nihilistas com os *scopzos,* uma seita fanatica de *castrados!*

do propagandista do primeiro lustro do ultimo decennio era mais religioso do que revolucionario. A sua fé era o socialismo; o seu Deus— o Povo. A despeito de todas as evidencias em contrario, cria firmemente que a revolução estava para rebentar de um dia para o outro, como na Edade media se cria, em certos periodos, na proximidade do dia de juizo. A imploravel realidade feriu cruelmente o seu enthusiasmo e a sua fé, mostrando-lhe o seu Deus tal como é na verdade e não como elle o sonhava. Estava cada vez mais prompto para o sacrificio; mas já não tinha o impeto nem as paixões da lucta. Passados os primeiros desenganos, não tinha já esperança na victoria e ambicionava antes a coroa de espinhos do que a de loiro. Marchava para o martyrio com a serenidade de um christão dos primeiros seculos e soffria-o com uma tranquillidade de espirito, e até com uma certa voluptuosidade toda particular, porque sabia que soffria pela sua fé. Todo elle era amor e não sabia ter odio a ninguem, nem mesmo aos seus algozes.

Tal era o propagandista de 1872 a 1875, typo muito ideal demais para poder resistir na aspera batalha que estava imminente. Se não podia mudar-se, devia desapparecer.

Mas vinha já outro typo para o substituir.

Despontava no horizonte uma figura tetrica, alumiada por luz infernal, que com a fronte altiva, com o olhar a respirar odio e provocação, avançava, abrindo caminho por entre a multidão assustada, para entrar com passo seguro no proscenio da historia.

Era o terrorista.

O TERRORISMO

I

Os annos de 1876 e 1877 foram para os socialistas russos os mais negros e lugubres. O movimento da propaganda custou immensos sacrificios. Uma geração inteira era ceifada pelo despotismo atacado de um accesso de medo furibundo. As cadeias estavam atulhadas de propagandistas. Edificavam-se novas. E o fructo de tantos sacrificios?... oh como era mesquinho em comparação do immenso esforço!

O que podiam fazer tão poucos operarios e camponezes inflammados nas idéas do socialismo? O que podiam fazer «as colonias» tão dispersas?

Se o passado era medonho, o porvir afigu-

rava-se escuro e tenebroso. Mas o movimento não podia parar. As almas sobreexcitadas e precisadas de trabalhar não fizeram mais do que volver toda a sua attenção para o descobrimento de um outro meio de attingir o mesmo fim.

Achal-o porém era bem difficil nas condições em que se achava a Russia. Longo e aspero foi este trabalho, muitas foram as victimas d'elle, porque o mesmo era procurar uma sahida em obscuro subterraneo todo cheio de perigos e precipicios, onde cada passo custa muitas vidas e os gritos dos irmãos que cáem são o unico indicio do caminho para os que sobrevivem.

O movimento propagandista era uma prova sublime da excellencia do Verbo. Por uma reacção natural tentou-se experimentar o processo opposto — o Facto.

— Não vencemos porque eramos uns palradores incapazes de qualquer empresa de pulso.

Tal foi a acerba accusação que a si mesmos dirigiam os que restaram do grande movimento perante a nova geração revolucionaria que veiu tomar o logar da precedente, e o grito «Á obra» tornou-se tão geral como alguns annos antes o fôra o grito «Ao povo!»

Mas que especie de obra tinham elles de fazer?

Impellidos pelo desejo generoso de fazer tudo pelo povo e só pelo povo, os revolucionarios

trataram primeiro que tudo de organizar no povo um movimento de insurreição. Datam de 1875 as primeiras sociedades dos denominados «buntaros» (raivosos) de Kiew, Odessa e Kharkow, com o proposito especial de uma sublevação immediata. Mas tanto uma revolução como uma agitação popular nascem espontaneas e não precisam de que as preparem ao lume como um pastel. Uma unica tentativa, a de Stephanowic, armada muito habilmente sobre a sedição e as aspirações locaes, logrou dar ao menos alguns passos para a meta. As outras nem essa fortuna tiveram. Foram descobertas e desfeitas antes de pôrem em pratica os seus projectos sanguinarios.

A mesma tendencia se manifestou sob outra fórma nas cidades: os revolucionarios fizeram as primeiras tentativas para descerem á rua.

Os annos de 1876, 1877 e os primeiros mezes de 1878 assignalaram-se como um periodo de «demonstrações» mais ou menos energicas, taes como os funeraes de Cernisceff, Padlewsky, a demonstração da praça de Kazan, que foi coroada de um fim tão tragico, e finalmente, a ultima, a de Odessa, no dia da condemnação de Kowalsky, verdadeira batalha com mortos e feridos de ambos os lados e muitos centenares de prisões.

Era evidente que por este caminho não se po-

dia ir muito longe. A desproporção entre as forças materiaes de que dispõe o partido revolucionario e as do governo era muito grande para que estas demonstrações tivessem algum resultado mais do que um sacrificio voluntario da flor da mocidade ao Moloch imperial.

Uma resolução, ou ainda mesmo uma agitação de alguma importancia feita á moda de París, é absolutamente impossivel entre nós. As nossas cidades não formam mais do que a decima parte da população, e a maior parte d'ellas não são senão grandes aldeias, distantes umas das outras centos de kilometros. As verdadeiras cidades, isto é, as de dez ou quinze mil habitantes formam apenas uns quatro ou cinco por cento de toda a população, cerca de tres ou quatro milhões ao todo. E o governo que tem sob as suas ordens o contingente militar de todo o povo ou um milhão e duzentos mil soldados, póde transformar as cinco ou seis cidades principaes, as unicas onde é possivel um movimento qualquer, em verdadeiros acampamentos militares, como de facto ellas são.

É esta uma consideração que sempre se deve ter em vista para comprehender a razão de tudo o que succedeu depois.

Poz-se ponto em toda a especie de demonstrações, e desde 1878 não se fez mais nenhuma.

Mas aquelle periodo marca já uma mudança notavel no caracter revolucionario. Já não é o que era cinco annos antes. Ainda se não revelára em acto algum audacioso, mas á força de constante pensar, á força de repetir que as balas valem mais do que as palavras, á força de nutrir no peito projectos sanguinarios, alguma coisa lhes ficou na tempera. O homem é assim feito. E pela sua parte o governo fazia quanto podia para dar mais largas a estas predisposições nascentes e leval-o a pôl-as em pratica.

Bastava a mais leve suspeita para motivar a prisão. Um endereço, uma carta achada por um amigo que fôra ter com «o povo», uma palavra que escapasse a uma creança de doze annos que não sabia o que responder por excessivo medo, eram sufficientes para lançar na cadeia o suspeito e para o deixar ahi definhar annos e annos exposto a todas as durezas do systema cellular russo. Para dar uma idéa de tantas durezas basta dizer que no decurso da instrucção do processo dos 193, que levou quatro annos, o numero dos suicidios, das loucuras e das mortes chegou a 75!

As sentenças do tribunal excepcional, que era apenas nas mãos do governo um docil instrumento, foram de uma crueldade incrivel. Dez, doze, quinze annos de trabalhos publicos eram

as penas impostas por dois ou tres discursos pronunciados *em particular* deante de alguns operarios, pela simples leitura ou emprestimo de um livro. D'esta arte o que se faz livremente em todos os paizes da Europa era punido entre nós como um homicidio.

E não satisfeito ainda com estas atrocidades judiciarias o governo aggravava com infames prescripções clandestinas os soffrimentos dos condemnados politicos, de modo que na Casa dos Horrores, cadeia central de Kharkow, deram-se muitos casos de insubordinação entre os presos politicos, por quererem que os egualassem no tratamento aos condemnados por delictos communs. A tal extremo chegou a sua condição! E de quando em quando, por artes que só os encarcerados sabem descobrir, vinha cá para fóra, d'estes enterrados vivos, alguma carta escripta n'uma mortalha de cigarro ou na capa de uma vela, em que se descreviam as injurias infames, as vis crueldades inuteis que os carcereiros lhes faziam soffrer para serem agradaveis aos seus superiores. Estas cartas corriam de mão em mão, estas noticias voavam de bocca em bocca, arrancando lagrimas de dor e de raiva, suscitando nas almas mais brandas e delicadas pensamentos de sangue, de odio e de vingança.

II

Os primeiros factos sanguinarios começaram um anno antes do terrorismo ser arvorado em systema. Foram casos isolados, sem alcance algum politico, mas provam claramente que os esforços do governo principiaram a produzir os seus fructos e que o «leite de amor» dos socialistas dos cinco annos anteriores se ia já convertendo a pouco e pouco no fel do odio. Nascidos do resentimento pessoal tomaram por alvo os inimigos mais proximos: os espiões, e em diversas partes da Russia foram mortos talvez uma meia duzia d'elles.

Não podiam, já se vê, ficar por aqui estes primeiros actos sanguinarios; se se perdia o tempo em matar um vil espião, como deixar viver impunemente o policia que o manda ou o procurador que das delações do espião tira argumento para ordenar a captura? ou o chefe da policia que dirige tudo? A logica da vida devia obrigar os revolucionarios a subir a pouco e pouco esta escala, e não ha que duvidar de que a subiriam, porque os Russos podem ter falta de tudo o que se quizer, mas da coragem da logica é que nunca.

Ao contrario, o não parar em frente de qualquer consequencia pratica do raciocinio é uma das particularidades mais salientes do caracter russo.

Houve porém um facto de primeira importancia que deu ao movimento um impulso tão vigoroso que esta subida, que de outro modo levaria annos a fazer, fez-se de um só salto.

A 24 de janeiro de 1878 disparou-se o memoravel tiro de revólver de Vera Zassulic. Dois mezes depois foi ella absolvida pelos jurados.

Não é mister recordar nem as particularidades do facto, nem os pormenores do processo, nem insistir sobre a sua importancia.

Todos a comprehenderam, e ainda agora que são passados quatro annos, todos se lembram da onda de admiração que invadiu todos os corações, sem distincção de partido, de classe ou de edade. É facil imaginar o que seria na Russia.

Não era Zassulic uma terrorista. Era o anjo da vingança e não o do terror; uma victima que espontaneamente se lançava nas fauces do monstro para lavar a honra do partido de uma offensa mortal.

Era evidente que, se todo o que perpetrasse qualquer crime devesse esperar a sua Zassulic, podia dormir tranquillo e morrer de velho. E comtudo este facto deu ao terrorismo mui poderoso impulso. Illuminou-o com a sua aureola

divina; deu-lhe a sancção do sacrificio e a da opinião publica.

A absolvição de Zassulic era a condemnação solenne de todo o systema arbitrario que a forçou a erguer a sua mão vingadora contra o esbirro. E tanto a imprensa como o publico foram unanimes em confirmar a sentença dos jurados.

Vejamos porém como o governo acolheu a voz da nação.

O imperador Alexandre II foi em pessoa fazer uma visita a Trepow, todo coberto de ignominia, e remexeu a cidade inteira á procura de Zassulic para a metter de novo na cadeia.

Não podia mostrar-se mais desfaçadamente o desprezo pela justiça e pelo sentimento universal.

O descontentamento geral subiu de ponto, porque á indignação promovida pela offensa accrescia a dor causada pelo desengano.

Devia demorar-me aqui por um momento para analysar o movimento puramente liberal que germinava nas classes cultas e privilegiadas da sociedade russa desde o principio do reinado. Como porém o não posso fazer nem summariamente, limitar-me-ei a dizer que o facto que maior intensidade lhe imprimiu foi a guerra com a Turquia, não só porque esta poz a descoberto, como a da Criméa, todas as vergonhosas chagas do nosso systema social, se não

tambem pelas esperanças que infundiu de uma nova organização do Estado, especialmente depois da Constituição que Alexandre II outorgou á Bulgaria.

O regresso do Imperador á capital coincidia exactamente com o processo de Zassulic...

Os liberaes cahiram das nuvens. E foi então que, desesperados, elles se voltaram para o unico partido que luctava contra o despotismo: o partido socialista. As primeiras tentativas do partido liberal para se approximarem dos revolucionarios afim de se alliarem com elles, datam de 1878.

III

Quiz porém o governo exacerbar, como se de proposito o fizera, não só os liberaes, mas ainda os revolucionarios. Por um vil desejo de vingança, redobrou de crueldade contra os socialistas que já tinha em seu poder. O Imperador Alexandre II chegou a annullar o accordam do proprio Senado, o qual, sob a fórma de uma petição de graça, absolvia a maior parte dos pronunciados no processo dos 193.

Que governo era pois este que marchava tão

impudentemente contra todas as leis do seu paiz? que não tinha nem queria ter apoio nem na sua nação, nem em classe alguma, nem na lei por elle mesmo feita? O que representava elle senão a força bruta?

Contra um governo semelhante, tudo é permittido; por quanto deixou de ser o depositario da vontade do povo ou da sua maioria para se tornar em uma prepotencia organizada. Não corre ao cidadão o dever de o respeitar mais a elle do que a uma quadrilha de ladrões que valendo-se da superioridade da sua força tratam de despojar os viandantes.

Mas como livrar-se d'esta camarilha, entrincheirada por detraz de uma floresta de baionetas? Como livrar d'ella a patria?

Sendo completamente impossivel abrir brecha á viva força n'este muro, como succedeu n'outros Estados mais felizes do que o nosso, não havia remedio senão atacal-o de flanco, para cahir em cima d'esta camarilha sem que ella pudesse valer-se das suas forças, inuteis n'aquellas posições inexpugnaveis.

Assim nasceu o terrorismo.

Concebido pelo odio, nutrido pelo amor patrio e pela esperança, desenvolveu-se na atmosphera electrica, toda cheia do enthusiasmo suscitado por um acto heroico.

A 16 de agosto de 1878, cinco annos depois da absolvição de Zassulic, com a morte estrepitosa do chefe da policia e de toda a camarilha, o general Mesentzeff, o terrorismo arremessou ousadamente a luva á face da autocracia.

A partir d'esse dia avançou a passos de gigante, conquistando forças e terreno, para acabar pelo duello tremendo com o homem em que estava personificado o despotismo.

Não contarei os seus actos porque estão gravados em caracteres de fogo sobre os fastos da historia.

Tres vezes os adversarios se travaram braço a braço. Trez vezes quiz o destino que o terrorismo baqueasse em terra. Mas depois de cada derrota levantava-se mais ameaçador e potente do que antes.

Á tentativa de Solovieff seguiu-se logo a de Hartman, que foi seguida da pavorosa explosão do Palacio de Inverno, a qual parecia exceder tudo o que a imaginação podia suggerir de mais infernal. Excedeu-a comtudo o dia 13 de março. Novamente vieram ás mãos os adversarios, e d'esta vez o Imperador omnipotente cahiu por terra meio cadaver...

Ganhou o terrorista o seu duello tremendo que tantos sacrificios lhe custára. No meio de um

povo inteiro ajoelhado, ergue elle só a fronte sobranceira, ferida de tantos raios, mas nunca dobrada...

É bello, terrivel, irresistivelmente fascinador, porque reune em si os dois cumulos da grandeza humana: o martyr e o heroe.

É martyr. Desde o dia em que jurou no intimo do seu coração que havia de libertar o povo e a patria, ficou sabendo que estava votado á morte. Sente-lhe o contacto a cada passo da sua vida borrascosa. Affronta-a impavido quando é preciso, e sabe morrer sem abaixar as palpebras, não como o antigo christão, mas como um guerreiro acostumado a encarar a morte.

Não ha já na sua tempera resto algum de religião. É um luctador, todo musculos e sangue, que nada tem tão pouco do idealista sonhador dos cinco annos precedentes. É um homem maduro e desvaneceram-se-lhe com a edade os sonhos irrealizaveis da sua juventude. É um socialista fatalmente convicto, mas não deixa de comprehender que para uma revolução social é preciso um longo trabalho preparatorio que se não póde fazer sem ter conquistado a liberdade

politica. Por isso, modesto e resoluto, adoptou o partido de restringir provisoriamente o seu programma, guardando para mais tarde o amplial-o. O que só o preoccupa actualmente é abater o odiado despotismo e dar á sua patria o que ha em todos os povos civilizados: a liberdade politica, até que possa marchar com passo firme para a propria redempção. A força de animo, a energia indomita e o espirito de sacrificio que o seu antecessor attingiu na belleza dos seus sonhos, attinge-os elle na grandeza da sua missão, nas paixões vigorosas que lhe faz brotar no peito esta lucta inaudita, inebriante, vertiginosa.

Que espectaculo! Quando se viu outro semelhante?... Sósinho, obscuro, pobre, arvorou-se em defensor da humanidade ultrajada, do direito espezinhado, e provocou a um duello de morte o mais poderoso imperio do mundo, e durante annos fez face a todas as suas immensas forças.

Soberbo como Satanaz que se rebella contra o seu Deus, contrapoz a sua vontade propria á do homem que só n'uma nação de escravos se arrogava o direito de «querer». Mas quão differente é este Deus terrestre do velho Jehovah de Moysés! como se contorce debaixo dos golpes destemidos do terrorista! como se esconde!

como treme! Está ainda de pé, é verdade; e o raio lançado por mão trémula, se muitas vezes falha, quando acerta, mata. Elle porém é immortal. Caem-lhe os membros que se renovam á maravilha de per si; e elle firme, prompto para outros e outros trabalhos até fazer morder a terra ao seu inimigo e livrar d'elle a patria. E vê-o já vacillar, perder a cabeça, agarrar-se desesperadamente aos recursos mais insanos, que não podem render-lhe mais do que a brevidade da sua derrota. É esta lucta absorvente, é esta missão grandiosa, é esta certeza da proxima victoria que lhe dão o enthusiasmo frio e calculado, a energia sobrehumana que enche de espanto o mundo! Se recebeu da natureza um caracter capaz de um rasgo generoso — será um heroe; se herdou uma tempera vigorosa — essa tempera tornar-se-ha de ferro; se a tiver de ferro — far-se-ha de diamante.

É uma individualidade poderosa. Já não é todo elle abnegação, como o seu predecessor; não tem já, nem procura ter aquelle perfume de belleza moral que fazia do propagandista um como ente do outro mundo, porque o seu olhar

não se volve já para o seu interior, mas está fito no odiado inimigo. É o typo da força individual. impaciente de todo o jugo.

Combate não só pelo povo para o tornar arbitro dos seus destinos; não só por toda a nação que se asphyxia n'um ambiente pestifero; combate tambem por sua conta, pelos que lhe são queridos, por aquelles a quem ama, a quem adora com todo o enthusiasmo que lhe póde conter o peito; pelos seus amigos, que gemem nas horrendas cellas das cadeias centraes e que lhe extendem as mãos descarnadas, implorando soccorro. Combate tambem por si mesmo. Jurou ser livre e ha de sel-o a despeito de tudo. Não curva ante idolo algum a fronte orgulhosa. Consagrou o seu braço robusto á causa do povo, mas não o deifica. E se o povo mal aconselhado lhe diz: sê escravo! elle gritará: Não! e irá por deante, desafiando-lhe as imprecações e as iras, certo de que justiça será feita á sua campa.

Tal é o terrorista.

PERFIS
DE
REVOLUCIONARIOS

Narrei succintamente a historia do movimento revolucionario do ultimo decennio, de 1871 a 1881. Desejaria agora introduzir o leitor na vida interna e intima da Russia subterranea e dos homens terriveis que tantas vezes fizeram tremer aquelle deante do qual todos tremem. Quizera mostrar-lh'os taes quaes são, sem exaggerações e sem falsa modestia. Mas reconheço que para fazer os retratos de Sophia Perowskaia, de Vera Zassulic, de Demetrio Lisogub e de tantos outros seria preciso um pincel de força bem differente da do meu.

Não é por modestia convencional que o digo, mas pela admiração infinita que lhes consagro e

que certo lhes consagraria quem quer que os conhecesse.

Queira pois o leitor supprir a minha insufficiencia, dando vida e colorido ás linhas seccas e geometricas que eu fôr traçando. Por minha parte, a outro merito não aspiro senão ao de ser exactamente verdadeiro, e por isso devo prevenir os que gostam das noticias de sensação de que um grande desengano os espera, porque na vida real tudo succede muito mais simplesmente do que se imagina.

É claro que não vou fazer «revelação» alguma. Só contarei o que puder ser contado, limitando-me aos acontecimentos e aos nomes que todos conhecem e que os jornaes têem tantas vezes repetido.

Nem se pretenda achar alguma significação politica quer na escolha dos meus protagonistas, quer na ordem da exposição. Em primeiro logar, não falarei senão d'aquelles a quem eu tive occasião de conhecer *pessoalmente*—e isto basta para demonstrar que a minha escolha não é feita ao acaso, porque n'um movimento tão vasto e n'um paiz tão grande como o nosso cada individuo não póde ter senão um circulo limitado de amigos e de conhecimentos pessoaes. E depois, quanto á ordem da exposição, não attendi nem á importancia que tiveram no

movimento nem á celebridade relativa dos individuos. Assim, não começo por Sophia Perowskaia nem por Vera Zassulic, nem por Pedro Krapotkine. Dispuz o pequeno numero dos meus retratos, como o proprio leitor verá, de modo que mais claramente sobresahisse, com o contraste das figuras, o caracter geral do partido. E foi por isso que de preferencia dei á minha narração a fórma, talvez um pouco frivola para a importancia do assumpto, das recordações pessoaes, como a mais apta para conservar certas particularidades de côr local, que, posto que insignificantes de per si, no seu conjuncto contribuem para dar uma idéa da vida original da Russia revolucionaria; e este é o meu proposito principal, senão o unico.

Tudo isto digo eu não á policia russa, que essa não precisa, pois sabe bem as coisas como são; mas a ti, leitor benigno, para que, quando leres pacificamente estas minhas paginas, não vá perturbar-te o coração bondoso a triste idéa de que talvez um dia ellas poderiam vir a ser causa de tortura para um ente humano em algum medonho subterraneo da fortaleza de S. Pedro e S. Paulo.

E depois d'este proemio um tanto compridinho, permitte-me que te apresente o meu primeiro campeão e amigo carissimo: Jacob Stephanowic.

JACOB STEPHANOWIC

I

No verão de 1877 todo o districto de Tchighirino se alvorotou.

A policia corria como possessa; os «stanovias» e o «Isprawnik» não descançavam nem de dia nem de noite. O governador veiu fazer frequentes visitas ao sitio. O que era? — A policia por meio dos padres, que, abusando do segredo da confissão, se fizeram delatores, teve noticia de que entre o povo do campo se formára uma terrivel conjuração que tinha por chefes os nihilistas, gente ousada e capaz de tudo. Não havia porém meio de penetrar nos segredos da conjuração, porque os camponezes, tendo sabido que os padres os atraiçoavam, resolveram entre si não ir mais á confissão.

Entretanto não havia tempo a perder. A conjuração alargava-se cada vez mais, como o indicavam signaes bem claros e assustadores. Para que a embriaguez os não trahisse, os conjurados abstinham-se rigorosamente do uso da aguardente, e nas communas onde elles formavam a maioria tomava-se até a resolução de fechar os «kabakos», isto é, as lojas de venda de aguardente, que é a unica bebida espirituosa usada pelo povo. Este foi pois um symptoma infallivel para reconhecer o progresso do movimento. Mas como descobril-o e trazel-o a publico? Faziam-se investigações summarias, prisões aos centos, mas nada se descobria.

Os camponezes não tugiam. Nem as bastonadas os faziam falar. Via-se imminente uma sublevação á mão armada. Soube-se que os conjurados fabricavam ás escondidas chuços, como os *sans-culottes* de París, e compravam machados e cutellos. O Isprawnik teve a idéa de mandar vir a uma feira vendedores de machados e cutellos para ver quem os comprava, mas os conjurados adivinharam-lhe o pensamento e ninguem se chegou para elles.

Os policias andavam fulos e não sabiam como atinar. Mas uma noite vem a casa do Isprawnik o dono de um dos *kabakos,* um tal Konograi, e declára-lhe que entrára no seu estabelecimento

um camponez Pricodco, o qual, achando-se muito cançado, bebera um copo de aguardente, que, como elle ainda estava em jejum, lhe subira logo á cabeça. N'este estado de embriaguez começou a gritar que não tardava muito que rebentasse uma revolução, que já tinha «jurado» e que tinha visto um «papel». Era evidente que elle pertencia á conjuração, e Konograi concebeu então o plano de entrar tambem n'ella por intermedio de Pricodco. Mas era preciso jurar, e vinha saber se o Isprawnik o auctorizava a fazel-o. Não podia este ultimo caber em si de contente. Auctorizou-o a prestar todos os juramentos do mundo, animou-o, prometteu-lhe dinheiro e fazendas. Dentro em pouco prestou Konograi o juramento e Pricodco mostrou-lhe os «papeis» que não eram outra coisa senão o plano da conjuração.

Depois de os ler, foi Konograi ter com o seu padrinho e disse-lhe á queima-roupa: «Sabes, compadre? tu conheces os nomes e tudo. Agora escolhe: ou vamos ambos a casa do Isprawnik com estes papeis e obterás o teu perdão e terás quanto dinheiro quizeres, ou estás perdido, porque estes papeis não pesam muito e eu posso bem leval-os sósinho.»

Vendo-se assim entre a espada e a parede, o miseravel, em vez de o matar, fez-se traidor.

Elle não sabia tudo, mas tendo mettido aquelle prego na porta, não era difficil abril-a.

Não correu muito tempo que a policia não tivesse nas mãos todos os fios da conjuração, assim como os nomes dos conjurados.

O perigo era grande. O numero dos associados andava por tres mil e extendiam-se por muitas provincias; tinham uma organização militar; esperava-se uma festa popular, que vinha proxima, para dar o signal da insurreição e da guerra civil.

Todo este maravilhoso edificio levou coisa de oito mezes a fazer e foi obra de um só homem. Este homem chamava-se Jacob Stephanowic. O plano que elle concebeu era de uma temeridade sem egual. Baseava-se não só nas aspirações, mas até nos preconceitos do povo, que elle conhecia a fundo, por ter passado entre elle toda a sua mocidade. Não foi approvado senão em parte pelo partido e não teve seguimento.

Falhou. Como o governo tinha todos os documentos na mão, prendeu mais de mil pessoas, entre ellas todos os chefes. Os outros fugiram. Passado algum tempo, por uma combinação, foi tambem preso Stephanowic, quando se dirigia para uma entrevista com os conjurados que tinham regressado, e com o seu amigo Leo Deuc. Dias antes fôra tambem preso o typographo com-

positor do «plano» e das «proclamações», João Bokhanowsky.

Foram recolhidos á cadeia de Kiew, e não preciso dizer se ella é segura. O processo devia julgar-se no verão de 1878.

II

Este verão passei-o eu em S. Petersburgo. Ia muitas vezes a casa da senhora X, pintora de força e uma das mais enthusiastas adherentes do nosso partido. Eu não tinha lá nada que fazer, porque a senhora X, posto prestasse importantes serviços á causa commum, trabalhava em um ramo em que eu não entrava nem de longe. Mas era impossivel resistir ao encanto da sua pessoa, artisticamente elegante, e á sua conversação graciosa e cheia de imagens. E não era eu só dos homens «illegaes»[1] o que commettia este peccadilho.

---

[1] Fique entendido de uma vez para sempre que na Russia se dá este nome generico a tudo o que existe contra a lei. Assim temos a imprensa *illegal*, isto é, clandestina, e os *homens illegaes*, isto é, os que, por se te-

Ia pois lá.

Um dia, como chegasse mais cedo, não achei a dona da casa e deixei-me ficar á espera d'ella. D'ahi a pouco veiu a senhora R. que era muito amiga dos «raivosos» de Kiew, e minha tambem um pouco. Conversámos. Passou-se assim uma meia hora. De repente ouve-se uma fortissima campainhada na ante-sala. A dona da casa não podia ser; era conhecida a sua maneira de tocar a campainha. Não podia ser tão pouco um dos nossos, porque os «nossos» não tocam d'aquelle modo. Devia ser uma pessoa «de auctoridade». Era um boletineiro do telegrapho! O telegramma vinha dirigido á senhora X., mas a senhora R. abriu-o, o que me não espantou porque sabia que eram amicissimas.

Mas apenas lhe lançou os olhos, começou a saltar, a bater as palmas, a dar todas as demonstrações da mais desenfreada alegria.

Fiquei pasmado, porque lhe conhecia o caracter pouco expansivo.

—Que ha?—perguntei.

---

rem compromettido mais ou menos sériamente, não podem usar do seu verdadeiro nome sob pena de serem immediatamente presos, e, mudando de nome, vivem por isso com um passaporte falso ou emprestado por algum amigo que conserva ainda a sua «legalidade».

—Olhe, olhe!—exclamou ella, dando-me o telegramma.

Li-o: tinha o endereço e depois quatro palavras só: *nasceu creança masculina alegre-se.* Depois a assignatura e nada mais.

—Gosta tanto de creanças masculinas,—perguntei eu,—ou será da mãe que as teve?

—Qual mãe! nem quaes creanças!—exclamou a senhora R., gesticulando com a mão.—Fugiram!... da cadeia!

—Quem? quem? d'onde? como?

—Elles! Stephanowic, Deuc e Bokhanowsky! De Kiew!

—Todos tres?

—Todos, todos!

Então tambem eu me puz a saltar.

Dias depois veiu uma carta que nos annunciava a proxima chegada de Stephanowic e de Deuc a S. Petersburgo. Eu desejava muito travar conhecimento com estes nossos valentes amigos, especialmente com Stephanowic, com quem tivera annos antes relações de negocios.[1]

Pedi ao amigo, que estava incumbido de o ir esperar á estação do caminho de ferro, que o le-

[1] «Negocios» é o nome que se dá entre nós a tudo o que se refere á revolução. Não são «negocios de commercio» ou outros taes, já se sabe.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
ORIGENES LESSA

vasse para minha casa, se pudesse ser, na noite mesmo em que chegasse. Eu andava com o passaporte de uma alta personagem, tinha um quarto independente, e estava em cheiro de santidade para com o dvornik e a dona da casa. Não havia perigo.

No dia aprazado esperei-o. O comboio chegava ás dez. Sabia que primeiro tinha de ir a outro sitio para mudar de roupa e *purificar-se,* isto é, fazer perder o rasto aos espiões, no caso de o terem seguido desde a estação. Por isso não poderia vir antes da meia noite. Mas já desde as onze estava eu arrebentando de impaciencia e a cada minuto olhava para o relogio. O tempo corria muito devagar.

A disposição da casa em que morava não permittia que se dirigissem a ella senão por uma só rua muito comprida. Sahi para ver se chegavam.

Era uma d'aquellas encantadoras noites claras que são uma das maiores bellezas de S. Petersburgo, quando a aurora e o oceano parecem oscular-se no céo pallido sem estrellas, d'onde jorra uma luz rosada, doce, subtil, phantastica; e nuvenzinhas doiradas adejam suspensas na linda atmosphera transparente.

Como eu amava essas noites outr'ora quando sósinho dentro de uma «duscehubka» de um só remo deslisava pelo meio do immenso Neva, li-

brado entre a abobada do céo e a outra abobada que se reflectia nas escuras aguas, e que parecia de infinita profundidade!... E como entrei a odial-as depois d'aquellas maldictas noites de perseguição policial!

Não podia estar fóra de casa; arriscava-me a dar nas vistas de algum espião que por alli rondasse ou de algum policia em serviço, e a attrahil-os para a minha porta, o que n'aquella noite não me agradava. Tornei a entrar mais impaciente do que antes. Mas quando deu a meia noite e vi que ninguem apparecia, esta minha impaciencia converteu-se em verdadeira afflicção, ignorada dos outros homens, mas que é a tortura mais atroz e para assim dizer quotidiana para um revolucionario russo, que, ao deixar sahir por meia hora o seu amigo ou a sua mulher, não tem a certeza de os ver voltar. Estava entregue aos receios mais angustiosos, quando cerca de dez minutos depois da meia noite senti abrir a porta da rua. Em seguida, passos na escada. Fui abrir. Eram elles! Reconheci immediatamente Stephanowic, porque, quando esteve preso, a policia fel-o photographar, como faz a todos os presos politicos. Depois que fugiu, as suas photographias foram distribuidas pelos agentes encarregados de o procurarem, e algumas d'ellas vieram naturalmente ter-nos ás mãos.

Lancei-me ao seu pescoço sem proferir palavra e por muito tempo o conservei abraçado. Depois agradeci fervorosamente ao meu amigo, e levei-o para o meu quarto, olhando-o sempre com sympathia. Custava-me a crer que fosse restituido á luz e á nossa causa um homem que tinha já a corda ao pescoço e a quem todos choravamos como morto!

Por um tacito consenso começámos a tratarnos por tu com a familiaridade de amigos velhos. Recordámos as nossas antigas relações. Disse-me que não esperava encontrar-me em S. Petersburgo, porque na provincia ouvira dizer que eu estava ainda em Genebra. Como sabia já os pormenores da sua fuga, perguntei-lhe como tinha feito a viagem, visto acharem-se as estações cheias de espiões que o procuravam.

Sorriu-se e entrou a contar. Eu olhava para aquelle homem terrivel que, desafiando tudo, inteiramente só, sem auxilio algum mais do que a sua energia indomita, soubera tornar-se o arbitro absoluto de tantos milhares de camponezes obstinados, e que presentemente se achava alli nada menos do que para se arvorar em cabeça de uma insurreição tremenda.

Era de mediana estatura e de compleição mais delicada do que corpulenta; o peito mettido para

dentro e os hombros estreitos. Physicamente devia ser muito fraco.

Nunca vi homem tão feio. A cara era mesmo a de um preto ou antes de um tartaro; as maçãs do rosto muito sahidas, bocca grande, nariz chato.

Feio sim, mas sympathico. Nos olhos pardos brilhava-lhe a intelligencia. No sorriso havia o que quer que fosse entre malicioso e ligeiramente escarninho, como é o caracter da raça da Ukrania a que elle pertence. Quando succedia contar alguma boa partida feita aos esbirros, ria francamente, e mostrava então os dentes, bonitos e brancos como marfim. Toda a sua physionomia com aquella fronte enrugada e aquelle olhar frio e seguro, exprimia uma resolução e ao mesmo tempo uma confiança em si, capazes de soffrerem toda e qualquer prova. Notei que ao falar não fazia gesto algum.

Falámos tambem dos nossos communs amigos, a quem elle visitára pelo caminho, e dos projectos que o traziam a S. Petersburgo, e de muitas outras coisas,

Que é tão bello calar, como era bello
Dizer alli no sitio em que se achava.

Pude apreciar a rectidão das suas opiniões sobre muitos assumptos, que elle encarava sem-

pre por um lado muito original e muito pratico, mas especialmente o conhecimento que mostrou ter dos homens, de quem logo sabia formar juizo poucos dias depois de os conhecer, se bem que observei que as suas tendencias eram antes para o pessimismo.

Era já dia muito avançado quando terminámos a nossa conversação para tomarmos algumas horas de repoiso.

III

Stephanowic demorou-se um mez em S. Petersburgo. Viamos-nos frequentemente. Tive pois muitas occasiões de o ver e de o conhecer, que o mesmo é que amál-o.

É elle um ente muito original e muito complexo. É um homem robustissimo de engenho e de caracter; um d'aquelles homens que em circumstancias favoraveis se tornam fatidicos; tem a faculdade rarissima de saber dirigir as massas, como o provou em Tchighirino. Mas a sua força não é a que vae direita ao fito, como uma bola de canhão ao seu alvo, destruindo e arruinando tudo o que se lhe põe deante.

Não: é uma força que se compraz em esconder-se; que se dobra, para se levantar depois. Dizem-n'o e julgam-n'o muito astuto. É reservadissimo, muito concentrado em si; de muito poucas falas, e, em reuniões publicas, nenhumas. Está sempre a ouvir, de cabeça baixa, todo encolhido, como se estivesse a dormir. Nunca entra em discussões theoricas; despreza-as, e, quando é obrigado a assistir á leitura de um «programma» ou «memorandum», dorme então a valer e resona a peito cheio.

É homem de acção exclusivamente. Não de acção immediata, como os que têem prurido nas mãos. Sabe esperar. É homem de projectos de longo alcance, o typo mais puro de *organizador* que eu tenho conhecido. O seu espirito claro e eminentemente pratico, o seu caracter forte e avisado, o conhecimento que tem em alto grau dos homens e da arte de os tratar a todos, tornam-n'o particularmente apto para aquellas funcções difficillimas. Com relação aos homens é muito sceptico, sendo ao mesmo tempo capaz de uma amizade que chega á adoração. O seu amigo predilecto é L. D., do qual se não separa, senão quando é absolutamente obrigado pelos «negocios»; e n'essas occasiões escrevem um ao outro cartas extensissimas que elles conservam religiosamente, sem que as mos-

trem a pessoa alguma, e que são assumpto de eternas intrigas para os seus amigos communs.

A despeito de todas as vicissitudes da sua vida, nunca cortou as suas relações com o pae, prior velho de aldeia, coisa bem perigosa para um homem capaz de voltar de baixo para cima cidades inteiras quando se desconfiava que elle se devia achar lá.

Venera-o e ama-o muito, contando com singular prazer anecdotas e recitando trechos das suas cartas, que revelam uma intelligencia rude e um coração honesto e recto.

DEMETRIO CLEMENS

I

Já não é muito novo. É um dos mais velhos *tchiaikorzos,* e deve andar hoje pelos seus 36 ou 37 annos. Preso em março de 1879, acha-se já na Siberia.

Não ha nos seus modos coisa que revele o conspirador. É homem sem cerimonias, excellente companheiro, narrador inexcedivel; a palavra sae-lhe facil, esmaltada de imagens e de bons dictos, adornada de todos os thesoiros da riquissima lingua popular da Russsia, que elle fala como Giusti escrevia toscano.

É talvez o nosso melhor propagandista popular. Tem um genero que é só seu, em que ninguem é capaz de o imitar, e que não é nem

o apaixonado e prophetico de Catharina de Breskowskaia, nem o socratico e insistente de Miguel Kuprianoff, mancebo de genio que morreu na cadeia aos dezenove annos de edade.

Demetrio Clemens faz toda a sua propaganda gracejando. Ri e obriga a rir os velhos camponezes, sempre imperturbaveis, que o escutam. Mas procede de modo que depois de tal riso ficalhes mettido na cabeça como um prego um pensamento serio, para mais de lá não sahir.

Era um dos que pescavam com mais exito adherentes ao socialismo entre o povo e os operarios das cidades.

Verdadeiras obras primas eram os discursos que elle proferia nos *kabak* de aldeia ou nas tabernas. Lembra-me que, quando eu andava na companhia d'elle em alguma viagem de propaganda, muitas vezes não tinha animo para me entremetter e interromper-lhe aquella veia inexhaurivel de brilhantes improvisos, e, mau grado meu, passava de propagandista a simples ouvinte e admirador de uma obra de arte.

A cara não é bonita, antes pende mais para feia, mas é d'aquellas que, vistas uma vez, nunca mais se apagam da memoria, tal é a sua originalidade. A parte superior, com a fronte vasta, de pensador, os olhos castanhos, suaves, cheios de vivacidade e de graça, onde não raro fulge

o lampejo de um chiste reprimido, fal-o parecer um europeu, um homem de espirito culto e elevado. Mas dos olhos para baixo póde passar por um kalmuk, um kirghiz, um baskir, ou o que quizerem, mas nunca por um representante da raça caucasia. E não porque seja selvagem ou deforme; que pelo contrario a bocca, com os labios delgados e como que cinzelados, é lindissima, e tem um não sei que de doce e attractivo no sorriso; mas o que dá mais na vista e imprime a toda a sua physionomia um caracter tão extranho, é o nariz, rebelde a qualquer definição; nariz largo, um quasi nada arrebitado, mas tão chato que visto de perfil mal se distingue; verdadeiro escarneo da natureza.

Quem pretendesse procurar dois homens que nos seus caracteres pudessem personificar em tudo e por tudo uma completa antithese, achal-os-hia em Jacob Stephanowic e Demetrio Clemens.

É um o typo de organizador potente. Nunca organizou o outro, nem tentou em toda a sua vida fazel-o, qualquer circulo ou sociedade secreta. Um com os olhos sempre fitos em algum

grande alvo, cheio do fanatismo frio que não pára deante de nenhuma consideração humana, extenderia a mão ao diabo em pessoa, se visse que elle lhe servia de alguma vantagem para a execução dos seus vastos designios. O outro, tranquillo e sereno na sua devoção á causa do socialismo, não admittia a menor transacção e não se deixava seduzir por qualquer consideração de utilidade immediata.

Um. dotado de immensa energia e de vontade inabalavel, submettia homens e massas de gente a um plano por elle só escolhido e prefixado. O outro nunca submetteu ninguem. Era absolutamente incapaz de o fazer, e chegava até a abhorrecer a quem quer que se mostrasse prompto a sacrificar-lhe a sua vontade.

E comtudo nunca houve homem que exercesse tão illimitada influencia em todos os que o rodeavam, quer fossem individuos, quer fossem grupos, como Demetrio Clemens.

Bastava uma palavra sua para pôr termo ás discussões mais azedas, para acabar dissidencias que pareciam inconciliaveis. Esta influencia, que elle nunca buscava, e que nascia, para assim dizer, espontaneamente onde quer que elle apparecesse, mostrava-se com especialidade nas relações pessoaes. Nunca tive conhecimento directo nem indirecto de um homem que soubesse sus-

citar em tantas pessoas um sentimento tão profundo de amizade ou antes de adoração, como Demetrio Clemens. Vi muitas cartas que diversas pessoas lhe escreveram. Se não soubesse de quem vinham e a quem eram dirigidas, tomal-as-hia por declarações de amor.

E este sentimento não era o enthusiasmo fugaz que sabem inspirar certos espiritos brilhantes, o qual, como fogo de artificio, esplende magnifico por um momento para deixar depois maior escuridão. Demetrio Clemens nunca se esquece mais. Coração que elle uma vez conquiste, pertence-lhe para sempre. Não ha tempo nem distancia que possam apagar ou mesmo affrouxar o sentimento que uma vez inspirou.

Que condão tem pois este homem extraordinario para poder fascinar todos os animos?

Tem um coração grande como o mar.

Não que elle tenha facilidade em estreitar amizades. Não; como todos os homens de sentimentos profundos, tarda muito em abrir o coração. Até, não tendo a consciencia do que vale, se reputa arido e frio, e é por isso que os sentimentos de devoção, que suscita sem querer, o opprimem e contristam, porque se julga incapaz de lhes corresponder e afiguram-se-lhe um roubo, uma coisa a que elle não tem direito algum.

Não seriam, porém, os seus numerosos ami-

gos os que de tal o accusariam, porque taes são os thesoiros da sua alma, que a menor particula que d'ellas reparta é uma riqueza.

O affecto que se sente por elle não entra nem por sombras no amor que elle tem a alguem. É de todo o ponto incorruptivel. Mas não ha boa qualidade de espirito ou de coração que elle não saiba descobrir nos seus amigos, exaggerando-a com uma generosidade que é só propria d'elle. Não considera um individuo pelo lado do interesse que d'elle podia resultar para o partido. No meio de tantos conspiradores conservou-se homem. Quando se approxima de alguem, não o faz com segundas intenções, como são obrigados a fazel-o todos os conspiradores e organizadores, que têem por força de se valer de todos os homens como de instrumentos para os seus designios. E essa é a razão por que todos se sentem com elle á sua vontade, e lhe abrem o coração e estão promptos a dar-lhe toda a sua alma e a seguir cegamente quanto elle mandar, certos de que têem n'elle um guarda vigilante que seria o primeiro a avisal-os se corressem o mais leve perigo.

E se os quizesse encarregar de alguma empresa arriscada, acceitavam-n'a sem vacillar um instante. Porque se Demetrio Clemens o diz, não ha a menor duvida de que é preciso arris-

car a cabeça; se o não fosse, elle não aconselharia tal.

Isto, porém, é que Demetrio Clemens nunca fez. Mais depressa iria elle. Nunca em toda a sua vida arriscou um só homem que fosse. Até mesmo os pequenos perigos que um homem *illegal* é obrigado a evitar, porque ha muitas vezes n'elles o risco da sua vida, ao passo que o homem *legal* não corre outro perigo mais do que algum dia de cadeia, até esses mesmos os tomava elle sobre si, não querendo que ninguem arriscasse um cabello por sua causa. Nem as observações nem as censuras mais acerbas dos seus melhores amigos puderam acabar com elle que perdesse este costume e se deixasse de arriscar por tão pouca coisa uma cabeça tão preciosa para o partido. Era exactamente isto o que Demetrio Clemens não queria de modo algum reconhecer na sua desmesurada modestia, posto não tivesse nem sombras d'aquella pessima humilhação christã que nos herdaram seculos de escravidão e de hypocrisia e sob a qual tantas vezes se disfarça a mais desenfreada soberba. Ao contrario d'isto, é independente, orgulhoso da sua dignidade de homem, incapaz de curvar a cabeça deante de quem quer que seja.

A modestia n'elle parece a coisa mais natural do mundo; não reconhece em si nenhum dos

dons maravilhosos que o fizeram um dos homens mais populares e estimados de todo o partido, apesar de não haver n'este falta de talentos robustos, nem de caracteres rectos, nem de corações generosos.

Todas estas qualidades, por um segredo de optica ainda não explicado até hoje pelos homens da sciencia, vê-os elle não em si, mas nos seus amigos.

II

Nasceu Demetrio Clemens nas margens do Volga onde seu pai era administrador, e passou toda a sua mocidade no meio da rude população dos pastores nomadas dos immensos *steppes* que elle descreve com tanta perfeição em um poema que espero concluirá em breve.

Esta vida aventureira no seio da natureza selvagem e imponente deixou-lhe no caracter um sentimento poetico e um amor pelos perigos que em toda a sua vida conservou.

A sua coragem é tão original como a sua maneira de fazer propaganda. Brinca com os perigos, não como um guerreiro, que acha n'elles um incitamento, mas como um artista que os

saboreia para assim dizer com todo o vagar, procurando sobre tudo n'elles o lado comico.

Tem um coração que parece naturalmente incapaz de tremer. Nem o maior perigo o faz sequer alterar. Fica socegadissimo; ri e graceja como se nada fosse. Isto dá-lhe uma presença de espirito devéras extraordinaria. Tira-se dos maiores embaraços com uma destreza admiravel e muitas vezes com uma veia comica que demonstra quanto elle estava longe de pensar no perigo, comprazendo-se ao contrario em certas posições proprias para excitarem o riso. É capaz de commetter graves imprudencias, não por impostura, é coisa de que nem signaes possue, mas sómente pelo gosto que tem de gracejar.

Assim, ao encetar a sua carreira revolucionaria, andando já refugiado, posto que não usasse ainda o passaporte falso, foi em pessoa a casa do procurador pedir-lhe que puzesse em liberdade provisoria um preso politico, Anatolio Serdiukoff, que *elle* ficava por fiador. Felizmente o procurador, que era novo no officio, não sabia coisa alguma a seu respeito, e Clemens tanto fez que o procurador accedeu ao seu pedido. Foi preciso haver uma mudança na direcção do processo de Serdiukoff para impedir que um preso politico andasse solto sob a caução de um refugiado.

De outras vezes faz das suas empresas epopéas comicas completas com uma profusão de minudencias e uma diligencia de elaboração proprias de um verdadeiro *dilettante*. Para contar uma entre muitas, citarei a sua partida de rapaz, succedida vae em dez annos; a libertação de um tal Telsieff, compromettido sem gravidade no processo de Netchaieff e desterrado por ordem administrativa para Petrosawodsk, cidade da Russia septentrional. Clemens foi alli ter com documentos falsos na qualidade de engenheiro, encarregado de fazer certas investigações geologicas na Finlandia. Apresentou-se a todas as auctoridades sob o pretexto de lhes pedir informações a este respeito e a todas conseguiu captivar. Durante uma semana inteira em Petrosawodsk foi a fabula viva da cidade, que era doida por elle. Depois de organizar tranquillamente a fuga de Telsieff, partiu *juntamente* com elle para o não expor aos perigos de viajar sósinho. Clemens, porém, andára com tanta prudencia que ninguem sonhou sequer em Petrosawodsk que elle tomasse parte no negocio. E d'ahi a um anno, estando um amigo seu de passagem n'aquella mesma cidade, perguntou-lhe o isprawnik se não conhecia um tal engenheiro Sturm, e, depois de lhe ter contado coisas espantosas da sua estada em Petrosawodsk, accrescentou:

—É um sujeito extraordinario! Prometteu fazer-nos uma visita quando voltasse da Finlandia, mas nunca mais o vimos. É pena! Talvez voltasse por mar.

O que diria elle se soubesse quem era o tal engenheiro Sturm!

Mas não são os dotes do animo nem os do coração os que constituem a parte caracteristica de tão rica e variada individualidade. A sua parte predominante é o pensamento.

Clemens é um dos mais poderosos talentos que tem pertencido ao nosso partido. Sem embargo da parte activa que desde o principio tomou no movimento, e de todas as tribulações de um homem *illegal,* soube manter-se sempre ao corrente do progresso intellectual da Europa, e, posto que naturalmente propenso para as sciencias economicas, não se limitou unicamente a este ramo.

Avido de conhecimentos, queria saber tudo, sem pensar se poderia tirar d'ahi algum proveito immediato.

Ainda me lembra como o enthusiasmavam as licções de physica de Helmholtz, que ia ouvir em 1875 em quanto esteve em Berlim. Cus-

tou-me a tirar-lhe da cabeça a idéa de me mandar um resumo d'ellas nas cartas que me escrevia para S. Petersburgo.

Largo no seu desejo de saber, não o era menos nas suas vistas.

Não é um homem de partido. Socialista profundamente convencido, como forçosamente o devia ser quem era, como elle, tão versado na sciencia economica e social, poz ao serviço da nossa causa a vastidão da sua doutrina e a clareza e perspicacia da sua intelligencia. Mas não estava talhado para o estreito ambiente das sociedades secretas. Não sabia fazer da sociedade, a que pertencia, patria, familia, tudo. Vivia sempre um pouco á parte. Não tinha vestigios sequer d'aquelle espirito de partido, que é um dos moveis mais poderosos do conspirador. O seu amor era para todo o mundo e não perdia occasião de tomar parte na vida d'elle. E assim escrevia não só para a imprensa clandestina, mas muito mais ainda para a imprensa *legal*, em varias revistas de S. Petersburgo com diversos pseudonymos, e isto já porque queria ser mais independente e não viver senão do fructo do seu trabalho, já porque precisava de um auditorio mais numeroso e de assumptos mais vastos do que os que lhe podia permittir a imprensa clandestina.

Nunca se bandeou com qualquer das fracções que tantas vezes dividia o partido revolucionario em campos inimigos. Cheio de fé quanto á idéa socialista em geral, era muito sceptico quanto aos diversos meios nos quaes os revolucionarios viam em varios tempos a panacéa universal. E tal scepticismo paralysava-lhe evidentemente as forças n'uma lucta subterranea em que, pela muita estreiteza do terreno, não podem ser postos em pratica senão processos e meios muito exclusivos.

Não foi por isso grande a sua importancia como conspirador. Com a sua irresistivel fascinação pessoal sabia attrahir ao partido socialista um sem numero de adherencias de entre todas as classes, especialmente na mocidade. Mas, depois de as ter feito entrar no partido, era absolutamente incapaz de as dirigir para um fim determinado; outros tinham de o fazer.

Não porque lhe faltasse aquella força de caracter que faz de um individuo o arbitro das vontades alheias. Pelo contrario. A prova mais importante d'esta faculdade estava na fascinação magnetica da sua pessoa. Não lhe faltava tão pouco a força de fazer valer as proprias idéas quando era preciso. Despido de tudo o que fosse ambição e vaidade, possue no grau mais elevado a coragem rarissima de ir contra

a opinião e as paixões de toda a gente, quando lhe parecem contrarias á razão. Quantas vezes estava elle só em opposição com o sentimento do partido inteiro!

O que elle, porém, não tinha era aquelle espirito auctoritario, aquella dureza de animo, que nascem de uma fé apaixonada, e são necessarios para guiar um grupo de homens a uma empresa não raro desesperada.

Por isso não fez elle no movimento revolucionario a centesima parte do que, pelos dons naturaes que possuia, era capaz de fazer.

Com a sua vasta intelligencia, com o seu caracter nobilissimo podia ser um d'aquelles que conduzem uma nação a melhor futuro; mas é incapaz de conduzir á morte um troço de rapazes.

É um perfeitissimo typo de *pensador* com todas as suas virtudes, mas com todos os seus defeitos.

VALERIANO OSSINSKY

I

Poucas occasiões tive de o ver, porque, veloz como o vento do deserto, elle percorria toda a Russia, especialmente a parte meridional, onde estavam os principaes Circulos a que se achava ligado, ao passo que eu nunca me tirava de S. Petersburgo. Foi n'esta cidade que o vi, quando ahi veiu só por tres ou quatro dias, para desapparecer logo em seguida como um relampago, e d'esta vez para sempre...

A occasião era pessima. O general Mesentzeff fôra assassinado em pleno dia, n'uma das principaes praças da capital, e os assassinos tinham desapparecido sem deixar rastos. Como era este o primeiro acto d'aquella natureza, produziu gran-

dissima impressão. Passado o primeiro assombro, a policia revolveu toda a cidade de baixo para cima. Faziam-se numerosas devassas e prisões summarias pelas ruas á menor sombra de suspeita. Corria, talvez com exaggeração, que nos primeiros dois dias o numero dos presos chegava a mil.

Havia grande risco em apparecer na rua para nós outros os homens *illegaes*. Por isso tive de me sujeitar a uma das maiores impertinencias que occorrem na nossa tão trabalhada vida, isto é, a da *quarentena*. Fui para casa de um dos nossos mais fieis amigos, que occupava uma posição que o punha ao abrigo das suspeitas da policia, e alli tinha de estar encerrado sem poder sahir nem mesmo de noite. Era de morrer. Entretinha-me a escrever um opusculo, e, quando já não podia mais, lia romances francezes para matar o tempo. De quando em quando vinham ver-me alguns amigos compadecidos do meu estado. Um dia veiu Olga N. e disse-me que Valeriano Ossinsky estava em S. Petersburgo. Não o conhecia pessoalmente, mas tinha ouvido falar muito n'elle. Era naturalissimo que desejasse vel-o, tanto mais que seria um pretexto excellente para interromper, por um dia ao menos, a minha insupportavel prisão.

Ao escurecer sahi á rua. Estava deserta, por-

que a casa do meu amigo ficava na extrema da capital.

Comtudo, como se devem usar as maiores precauções tanto á sahida como á entrada, tomei por uma direcção opposta á que devia tomar. Depois de muitas voltas entrei n'uma rua frequentada e vi logo cossacos a cavallo, de lança em punho, e a cada cem passos comecei a deparar espiões que passeavam ou estavam parados por aqui e por alli. Nada mais facil do que conhecel-os. O seu ar de embaraço, o olhar cheio de desconfiança e de medo que punham em quem passava, são signaes que não enganam olhos um pouco experientes. Estes eram os espiões de profissão. Os outros, isto é, os espiões provisorios, tinham um aspecto muito mais comico. Via-se que eram simples soldados vestidos á paizana, e conheciam-se logo á primeira vista. Andavam sempre em pequenos grupos, e, como gente acostumada de muitos annos ao serviço militar, não podiam de modo nenhum sujeitar-se a estar fóra da ordem; por isso não faziam senão enfileirar-se. O trajo era ridiculo. Como a pressa não dera tempo a arranjar fato differente para cada um, havia esquadras inteiras com chapéos, sobretudos e calças eguaes. Alguns traziam acavallados no nariz oculos azues, grandes como rodas de carro, para se darem ares de estu-

dantes. Era tão burlesco o espectaculo que difficilmente se podia suster o riso.

Depois de ter passado em revista algumas d'estas esquadras, dirigi-me para o nosso Circulo. Ao passar por um beco proximo, ergui a cabeça para ver se uma sombrinha de senhora estava ou não a uma janella bem conhecida. Era o signal de que não havia novidade, porque ao primeiro alarme devia a sombrinha desapparecer. Lá estava.

Como, porém, eu sabia que a policia, ao ter noticia do uso dos signaes, não poucas vezes, depois de observar bem todas as janellas, ia depois da prisão feita collocar outra vez tudo no logar em que estava d'antes, não satisfeito com esta observação, continuei para deante, e depois de dar muitas voltas para a direita e para a esquerda, entrei n'um sitio onde tinha a certeza de encontrar informações seguras que nenhuma policia do mundo, por mais informada que estivesse, podia adivinhar ou suspeitar.

Este sitio era... uma latrina publica (desculpem as leitoras, se as offendi.) Ahi em certo ponto convencionado devia estar um signal imperceptivel que se trocava todas as manhãs, e nas occasiões de grande perigo duas vezes ao dia. O signal lá estava e dizia claramente: *Socego completo*. Não havia que duvidar.

Ora como a «agencia de informações» — assim chamavamos áquelle logar por gracejo — distava pelo menos dois kilometros do nosso Centro, e no trajecto podia sempre attrahir a attenção de algum espião, quiz de caminho assegurar-me de que ninguem me seguia. Nunca tive o costume de me voltar para traz; é a coisa mais perigosa que se póde imaginar, e a todos os que se acham em semelhante posição, deve aconselhar-se explicitamente que a evitem, porque não ha meio mais infallivel de fazer-se perseguir pelos espiões. A melhor maneira de evitar que elles nos sigam é não pensar n'isso, é não fazer caso. Mas como eu estava em condições excepcionaes, encontrando uma mulher bonita que vinha em direcção opposta, puz-me a olhar para ella e voltei-me quando passou, como que seguindo-a com a vista.

Não vinha ninguem.

Estava a dois passos da casa, subi tranquillamente a escada. Toquei de certa maneira e abriram-me logo.

A sala estava cheia de gente. Sobre uma tosca mesa de pau viam-se algumas botijas de cerveja, um prato com presunto e outro com peixe salgado. Entrava em muito boa occasião. Era um d'aquelles «banquetezinhos» que de quando em quando dão os nihilistas para alliviar talvez

a tensão de espirito em que têem de viver continuamente. Este era para festejar a chegada de Ossinsky, que ainda não tinha vindo.

Acolheram-me muito amigavelmente, pois estavam todos em boa disposição, não obstante a falta da minha senha, e associei-me á alegre companhia. Eu gosto muito d'estes «banquetes» porque é difficil imaginar coisa mais francamente jovial. Todos os que alli estavam eram pessoas *illegaes*, mais ou menos gravemente compromettidas. Todos traziam á cinta punhaes e revólveres carregados, e estavam promptos, em caso de surpresa, a defender-se até á ultima gotta de sangue. Mas habituados a viver sempre debaixo da espada de Damocles acabaram por não fazer já caso do perigo. Talvez até este tornasse mais descuidosa a alegria.

Resoavam em toda a sala as gargalhadas, os dictos argutos. E um pouco á parte, aos cantos, viam-se grupos de dois e dois que conversavam baixo. Eram amigos novos e velhos que se entregavam a expansões dos seus communs sentimentos; outra particularidade d'estes banquetes. De quando em quando viam-se signaes tradicionaes do «bruderschaft» allemão. Esta necessidade de expansão entre pessoas, a quem a communhão de luctas, de idéas e de perigos unia mais estreitamente do que o podem fazer os la-

ços do sangue, dava a estas raras reuniões o que quer que fosse de poetico e sentimental, que as tornava altamente sympathicas.

II

Perguntei noticias de Ossinsky. Disseram-me que tinha ido a casa de um amigo seu, mas que vinha sem falta dentro em breve.

Com effeito d'ahi a meia hora entrava elle na sala tendo na mão, calçada de elegante luva preta, o chapéo com a roseta da ordem que elle trazia de proposito a modo de salvo conducto.

Fui direito a elle. Apertei-lhe a mão e conservei-a por algum tempo na minha, sem poder despegar os olhos d'elle.

Era bello como o sol. Esbelto, bem proporcionado, forte e flexivel como uma folha de aço. A cabeça loira, um pouco inclinada para traz, assentava graciosamente sobre um pescoço delgado e nervoso. A fronte alta e branca era sulcada nas fontes um tanto estreitas por algumas veias azues. O nariz regular, afilado, como se fosse talhado por cinzel de artista, imprimia á sua physionomia o caracter de belleza clas-

sica, tão raro na Russia. Escondiam-lhe a bocca bem delineada, expressiva e ardente um pequeno bigode e uma pera elegante de côr loiro claro. E toda esta face apollinea era illuminada por dois lindissimos olhos azues, grandes, intelligentes, cheios de fogo e de audacia juvenil.

Vinha de Kiew, sua cidade predilecta, mas tinha passado por todas as principaes cidades da Russia meridional, e d'ahi, pois visitára todos os circulos revolucionarios, nos trazia as ultimas noticias do que se fazia e do que se projectava.

Estava enthusiasmado ao ultimo ponto com o immenso adeantamento que tivera em tão pouco tempo o terrorismo, e exaggerando-o com a sua férvida imaginação promettia resultados incalculaveis. Não compartilhava eu de todas as suas esperanças excessivamente optimistas, mas, quando elle falava, era impossivel resistir á seducção da sua fogosa eloquencia.

Não era um bom orador, no sentido ordinario do termo; mas tinha na palavra a força que nasce da fé profunda, o enthusiasmo contagioso que se communica involuntariamente ao interlocutor. O tom de voz, a expressão da physionomia não persuadiam menos do que as palavras. Possuia o grande dom de saber fazer do seu interlocutor, não um adversario, mas um

alliado, que pela sua parte procurava persuadir-se a si mesmo, para poder annuir ás asserções d'elle.

Ao ouvil-o, pude perceber a verdade de certos boatos que corriam a seu respeito.

No outro dia veiu Ossinsky a minha casa. Tres ou quatro dias depois, sahi outra vez do meu buraco para assistir á nossa reunião. Mas não achei alli senão um bilhete de despedida de Ossinsky que na vespera partira para Odessa.

Não o tornei mais a ver.

Foi preso em Kiew na primavera de 1879. O seu processo julgou-se a 5 de maio de 1879. Foi condemnado á morte. A accusação não podia produzir uma prova de qualquer importancia contra elle. O unico acto que lhe valeu a condemnação capital foi o de *ter procurado* um revólver que *não chegou a tirar para fóra*. O governo, porém, sabia que tinha nas mãos um dos membros mais influentes do partido terrorista, e tanto bastava para que os juizes dictassem a condemnação.

Recebeu a intimação da sentença com a fronte erguida, como guerreiro que era. Durante os dez

dias que decorreram desde o momento do veredicto até á execução mostrou-se sempre tranquillo e bem disposto. Animava os seus amigos e não teve um só instante de desanimo. Quando a mãe veiu visital-o com a irmã, elle, posto soubesse já que a sentença fôra confirmada pelo governador, disse-lhe que lhe tinham commutado a pena. Mas em voz baixa communicou á irmã, joven de dezeseis annos, que provavelmente morreria no dia seguinte, e pediu-lhe que predispuzesse a mãe para a infausta nova. Na vespera do supplicio escreveu aos seus amigos uma extensa carta, a que se póde chamar o seu testamento politico. Pouco fala de si e dos seus sentimentos. Todo preoccupado das coisas do partido, expõe as suas idéas ácerca dos meios a adoptar e dos erros a evitar. É uma lapide que collocou sobre a sua sepultura e que nunca será esquecida.

Na manhã de 14 de maio foi conduzido ao supplicio com mais dois companheiros, Antonoff e Brantner. Por um requinte de crueldade não lhe vendaram os olhos, e teve de contemplar nos companheiros as contorções atrozes que d'alli a pouco havia de padecer. A tão horrendo

espectaculo estremeceu a natureza physica, a cuja força é incapaz de resistir a vontade do homem, e a cabeça de Valeriano tornou-se em cinco minutos tão branca como a cabeça de um velho. O espirito, porém, ficou imperterrito.

O miseravel guarda approximou-se então d'elle propondo-lhe um recurso de perdão. Empurrou-o desdenhosamente e, recusando a mão do carrasco, subiu sósinho com passo firme os degraus do patibulo. Um padre veiu apresentar-lhe a cruz. Sacudindo energicamente a cabeça, mostrou querer tão pouco reconhecer o senhor do céo como o da terra.

O guarda mandou tocar ás bandas militares, que estavam presentes, a «Komarinskaia», canção alegre e obscena...

Momentos depois, Valeriano Ossinsky deixava de existir.

III

Largamente dotado de tudo o que dá força para dominar as circumstancias, não era um organizador. Era muito sanguinario de mais para poder occupar-se tanto das pequenas coisas como das grandes. Todas as forças da sua alma es-

tavam sempre concentradas em um unico objecto, indicado pelo seu instincto revolucionario quasi infallivel. Combatia sempre na vanguarda por coisas que ás vezes só passados annos se realizavam. Assim em 1878, quando estava ainda na infancia o terrorismo, já elle era partidario do czaricidio e da introducção no programma revolucionario do pedido claro e franco de reformas politicas.

Era homem de acção. Em quanto durou o movimento propagandista, conservou-se retirado. Foi só a partir do inverno de 1877, quando das palavras se passou ás obras, que elle se uniu ao movimento, trazendo-lhe o auxilio da sua fogosa energia.

Possuia no mais alto grau o que no homem constitue uma das suas maiores forças, a fé que move as montanhas.

E esta fé, sabia-a elle infundir em todos os que se lhe approximavam. Por isso era elle que naturalmente se tornava a alma de qualquer empresa onde entrasse. E com a sua extraordinaria energia não havia quasi um feito revolucionario no sul da Russia em que elle não tivesse tomado parte, como diz o seu amigo Stephanowic, homem do sul tambem.

Ao pé de Valeriano Ossinsky ninguem estava desanimado; a todos enchia de coragem com a

sua fé enthusiasta e inabalavel e com o seu exemplo. Foi sempre o primeiro a lançar-se ao ponto onde era mais renhida a lucta e em todas as empresas tomava para si a parte de maior perigo. De corajoso chegava a ser temerario.

Tinha apenas onze annos quando, ao ouvir dizer que a casa de um vizinho estava cercada pela quadrilha de um famigerado salteador, não estando em casa nenhum dos seus superiores, sahiu com a espingarda do pae ao hombro para acudir ao vizinho. Felizmente a noticia era falsa e elle poude voltar incolume. Por este pequeno acto se póde fazer idéa da coragem do futuro terrorista. Para a fazer tambem do seu coração cavalheiresco basta dizer que o tal vizinho era um inimigo figadal de seu pai e de toda a sua familia.

Como prova da irresistivel influencia da sua palavra citarei um facto, pouco importante sim, mas muito caracteristico. Valeriano Ossinsky era um dos mais famosos agenciadores de dinheiro.

O partido revolucionario, principalmente depois que se erigiu em systema o terrorismo, tem immensas necessidades pecuniarias, e uma das funcções mais difficeis foi sempre o arranjar dinheiro.

N'este ramo poucos podem comparar-se a Valeriano Ossinsky. As suas empresas n'este ge-

nero andavam muitas vezes de bocca em bocca, de maravilhosas que eram. Um usurario ou alguma velha dama avarenta eram prodigos de compaixão para com os revolucionarios e de sympathia para com as idéas liberaes, mas conservavam a bolsa muito bem fechada, e faziam desesperar todos os que tentavam seduzil-os a darem uma prova mais efficaz dos seus sentimentos. Os habeis já faziam muito quando conseguiam apanhar-lhes uns dez ou vinte rublos. Mas chegava Valeriano Ossinsky, e o usurario e a velha avarenta abriam suspirando as suas pesadas bolsas e tiravam d'ellas, esta cinco, aquelle dez mil rublos, outros mais, e davam-n'os áquelle mancebo irresistivel, de falas tão eloquentes, de physionomia tão sympathica, de modos tão doces e affaveis.

Não tinha coisa alguma do moralista pedantesco ou do sacerdote. Era um guerreiro valente de animo e de pulso. Amava o perigo porque estava n'elle á sua vontade, como no seu elemento natural. A lucta com a sua excitação febril enthusiasmava-o. Amava a gloria. Amava as mulheres e foi por ellas amado.

PEDRO KRAPOTKINE

I

Chamam-n'o em toda a Europa o cabeça do nihilismo. Não é verdade. Não tem a minima influencia no movimento revolucionario actual da Russia; nem litteraria, porque desde todo o tempo que tem estado fóra nunca escreveu senão em francez; nem pessoal, porque hoje ninguem o conhece na Russia senão de nome. Este facto, por extranho que pareça ao leitor, é a consequencia natural d'est'outro: Krapotkine é um emigrado, e nenhum dos emigrados politicos, que estão por diversas cidades da Europa, tanto individualmente como na sua totalidade, tem a mais pequena influencia no movimento revolucionario do seu paiz.

Póde isto parecer incrivel, mas todo o homem de criterio, que pensar por um instante, ha de forçosamente reconhecer a inteira verdade das minhas asserções. Basta considerar duas coisas: o caracter geral do movimento russo, e a distancia que separa a Russia dos paizes onde podem estar os emigrados, a saber: a Suissa, a França, a Italia, a Inglaterra; porque na Prussia e na Austria não ha muito que fiar. Citarei apenas um facto: para obter a resposta de uma carta (concedendo alguns dias para responder) da Suissa, que é de todos o paiz mais proximo, nunca se podem contar menos de duas semanas. Ora qualquer ordem, no caso de ter de se dar, ou mesmo um conselho, chegaria a S. Petersburgo duas semanas ou pelo menos dez dias depois de se ter pedido. E na Russia a lucta já não se faz no dominio do pensamento, como ha cinco annos. É uma lucta á mão armada, verdadeira guerra, em que a providencia menos importante tem de ser tomada logo após os ultimos movimentos do inimigo. Supponhamos, por exemplo, que se prepara uma tentativa contra o imperador; a menor alteração de hora, de itinerario, de medidas de segurança, obriga a mudar immediatamente o plano do ataque.

Que ordens se podem dar de Londres, de

París, da Suissa? Quem seria tão loucamente vaidoso que se julgasse com auctoridade de as dar? Quem tão tolo que lhes attribuisse algum valor?

Imagine-se, por exemplo, um general em chefe que se lembrasse de dirigir uma guerra na Turquia sem sahir de S. Petersburgo. O que diria quem quer que tivesse um pouco de juizo? E ainda esse general teria uma vantagem immensa, a de ter á sua disposição o telegrapho, ao passo que nós não temos mais do que o vagaroso correio.

Sendo pois impossivel para um emigrado não só dirigir as coisas da Russia mas ainda mesmo dar qualquer conselho sobre ellas, de que lhe serviria ser antecipadamente informado do que se passa na Russia? De fazer com que a carta cahisse nas mãos da policia? De augmentar os perigos d'aquella lucta titanica, como se elles não fossem já demais?

Por tanto aqui está outro facto, consequencia do precedente: os emigrados, mesmo os pertencentes aos que, por estarem na brecha, tomam em tudo uma parte activa, *não sabem sequer* o que se passa na Russia. Recebem de vez em quando, por pura amizade, algum aviso vago, mas nunca sabem nada de exacto nem a respeito do logar, nem do tempo,

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

nem do modo de execução do projecto que se medita. Que utilidade haveria em communicar semelhante coisa ao seu melhor amigo, só por satisfazer uma simples curiosidade? Seria um crime, um acto vergonhoso e deshonesto; e todo o homem prudente seria o primeiro a reprovar ao seu amigo um acto d'essa natureza.

Ora eis a razão porque acontecimentos taes, como o assassinato de Alexandre II e a explosão do palacio de inverno, foram para os emigrados *surpresas tão grandes como para toda a outra gente.*

A influencia politica da emigração russa á hora em que escrevemos reduz-se pois a um perfeito zero. A terra extrangeira não é mais do que um logar de repoiso, uma ilha, aonde arribam todos os que têem o seu barco partido ou desmantelado pelo furor da tormenta. Em quanto o não refizerem e dirigirem para os mares patrios, os emigrados não passam de uns pobres naufragos que podem ser muito fortes, mas a unica coisa que têem a fazer é deixarem-se estar com as mãos cruzadas e olharem com inveja para a terra em que se lucta, em que se morre ou se vence, em quanto elles, tristes e inuteis, abafam n'aquella inacção forçada, a tudo extranhos em terra extranha.

II

Krapotkine é um dos emigrados mais antigos. Ha seis annos que está continuamente no extrangeiro e por isso não tem podido em todo este tempo tomar a minima parte no movimento revolucionario da Russia. O que não obsta todavia a que elle seja uma das figuras mais distinctas do nosso partido, e como tal quero occupar-me d'elle.

Pertence á mais alta aristocracia russa. A familia dos principes de Krapotkine é uma das poucas que descendem em linha recta dos antigos principes feudatarios da vetusta casa real de Rurik. Por isso no club dos *tchiaikowzos*, de que é membro, diziam-lhe por brincadeira que elle tinha mais direito ao throno da Russia do que o imperador Alexandre II, o qual não era mais do que um allemão.

Estudou no collegio dos pagens onde não são admittidos senão os filhos dos fidalgos da côrte. Terminou o curso em 1861 obtendo o primeiro premio, mas não perdeu o amor ao estudo, e por isso, em vez de entrar no serviço da côrte, foi para a Siberia fazer estudos geologicos. De-

morou-se ahi bastantes annos entrando em muitas expedições scientificas, d'onde trouxe vastos conhecimentos que utilizou depois como collaborador do sr. Elisée Réclus.

Visitou tambem a China.

De volta a S. Petersburgo, foi eleito membro e depois secretario da sociedade geographica, fez muitos trabalhos que mereceram a estima dos entendidos, e finalmente emprehendeu uma grande obra sobre os gelos da Finlandia, a qual, a pedido da sociedade geographica, lhe foi permittido concluir já depois de estar preso na fortaleza. Não poude subtrahir-se á necessidade de fazer serviço na côrte. Foi camarista da Imperatriz e teve muitas condecorações.

No anno de 1871 ou em principios de 1872, não me lembro bem, fez uma viagem ao extrangeiro. Visitou a Belgica e a Suissa onde ao tempo a Internacional tomava tamanhas proporções. Foi ahi que as suas idéas, sempre avançadas, receberam o cunho definitivo. Fez-se internacionalista e adoptou as idéas do partido extremo, que era tido na conta de *anarchico* e do qual ficou sendo sempre acerrimo defensor.

Tornando á patria, approximou-se do club revolucionario inspirado nas mesmas idéas, chamado dos *tchiaikowzos*, e em 1872 foi proposto como membro e approvado por unanimidade.

Foi elle o encarregado de escrever o programma do partido e da sua organização, que mais tarde foi achado entre os seus papeis.

No inverno de 1872 começou as suas conferencias clandestinas sobre a historia da Internacional, que não eram mais do que o desenvolvimento das ideas do socialismo e da revolução, baseado na historia de todos os movimentos populares modernos. Taes conferencias, que á profundeza do pensamento alliavam uma clareza e simplicidade que as tornavam accessiveis ás intelligencias mais rudes, despertaram um vivo interesse nos operarios do districto de Alexandro-Newsky. Estes falaram d'ellas aos seus companheiros de officina e em breve a noticia correu por todas as fabricas dos arredores e veiu naturalmente ao conhecimento da policia, a qual quiz a todo o transe descobrir o famoso Borodine (nome fingido com que Krapotkine fazia as suas conferencias). Mas não havia meio de o achar, porque d'ahi a dois mezes, tendo terminado as licções, deixou de apparecer na casa vigiada pela policia e preparava-se para ir fazer a propaganda entre a gente do campo, na qualidade de pintor ambulante, porquanto, alem de vasta erudição, possuia um grande talento de artista.

Conseguiu porem a policia comprar um dos

operarios, que consentiu em fazer de espião e se poz a correr as ruas principaes á espera de encontrar mais dia menos dia Borodine. Assim succedeu com effeito. Passados mezes encontrou-o no Gostini Dvor defronte de Newsky e indicou-o á policia. Foi então preso o supposto Borodine.

A principio recusou-se a dizer o seu verdadeiro nome, mas não era possivel occultal-o. D'ahi a dias, a dona da casa onde elle tinha alugado um quarto veiu declarar que um seu inquilino, o principe Pedro Krapotkine, desapparecêra um dia de repente. Levada á presença do supposto Borodine, logo o reconheceu e Krapotkine teve de confessar a sua identidade.

Grande foi o alvoroço produzido na côrte pela prisão de tão alta personagem. O proprio imperador ficou tão impressionado que, d'ahi a um anno, ao passar em Kharkow, onde era governador um primo de Pedro, Alexis Krapotkine (morto no anno de 1879) mostrou-se bastante descortez para com elle e perguntou-lhe sacudidamente se era verdade ser parente de Pedro.

Tres annos passou Krapotkine na cella da fortaleza de S. Pedro e S. Paulo. Nos primeiros mezes de 1876 foi transferido por ordem do medico para o hospital de Nicolau, porque a prisão tinha-lhe arruinado a saude, que nunca

fôra vigorosa, a ponto de não poder já comer nem mexer-se. Restabeleceu-se dentro de poucos mezes, mas fez todo o possivel para disfarçar. Andava com passo de moribundo, falava em voz muito sumida, como se lhe custasse immenso abrir a bocca. A razão era bem simples: tivera noticia, por meio de uma carta que os seus amigos lhe mandaram, que se organizava uma tentativa para o fazer evadir; e, como no hospital a vigilancia era muito menos rigorosa do que na fortaleza, convinha prolongar a sua estada ahi.

Em julho de 1876 foi posta em execução esta fuga segundo o projecto imaginado pelo proprio Krapotkine. Conto-a adeante em um dos meus escorços, porque é um primor de precisão e ousadia.

III

Dentro de algumas semanas já Krapotkine estava no extrangeiro.

Data de então a sua verdadeira actividade revolucionaria que, posto não tenha relação alguma com o movimento russo, por ser exclusivamente consagrada ao socialismo europeu, era

talvez a unica que podia tornar evidentes todas as suas qualidades de distincto homem politico. Os seus elevados dotes tornam-n'o particularmente apto para a acção na vasta arena publica. melhor do que nos subterraneos das sociedades secretas.

Carece da flexibilidade de espirito, da faculdade de se adaptar ás condições do momento e da vida pratica, indispensaveis para um conspirador. É um investigador ardente da verdade, um chefe de eschola, mas não um homem pratico. Procura fazer valer a todo o custo certas idéas, e não trata de chegar a um fim pratico valendo-se de todos os que a isso se prestam.

É altamente exclusivo e rigido nas suas convicções theoricas, não admitte a menor transgressão do programma ultra-anarchico; e é por isso que tem por impossivel collaborar em qualquer dos jornaes revolucionarios escriptos em lingua russa que se publicaram tanto no extrangeiro como em S. Petersburgo. Achava sempre n'elles algum ponto de divergencia, e com effeito nunca escreveu para lá nem uma linha.

Entro em duvida se elle poderá ser chefe ou mesmo organizador de um partido para quem o unico meio de acção é a conspiração. Porque a conspiração na grande lucta revolucionaria é como a guerrilha na lucta militar. Como são

poucos os associados, é mister sabel-os aproveitar todos; como é estreito o terreno, ha de saber-se utilizar; e bom guerrilheiro é exactamente aquelle que sabe accommodar-se ás condições do terreno e da occasião.

O seu elemento natural é a guerra *em ponto grande* e não a guerrilha. Se as condições da nação lh'o permittissem, era capaz de ser o fundador de uma vasta reforma social.

Como agitador, não ha outro assim. Dotado de uma palavra facil e persuasiva, todo elle é enthusiasmo quando sobe á tribuna. Tem a faculdade de se inspirar, como todos os que são verdadeiros oradores, em presença da multidão que o está ouvindo. Na tribuna transforma-se. Treme de commoção, a voz vibra-lhe com o accento de profunda convicção que não póde enganar nem ser fingido, e que só se sente quando se fala não com a bocca sómente mas com todas as entranhas. Os seus discursos, com quanto se lhe não possa chamar um orador de primeira ordem, causam immensa impressão porque, quando a paixão toca tal extremo, tem o poder de communicar-se e de electrizar o auditorio.

Ao descer pallido e trémulo da tribuna, todas as salas tremem com os applausos.

Nas discussões em particular é terrivel, e sabe convencer e arrastar para a sua opinião como

poucos o sabem. Versadissimo na sciencia historica, especialmente em tudo o que se refere aos movimentos populares, serve-se maravilhosamente do vasto arsenal da sua erudição para esclarecer e reforçar com exemplos e analogias muito originaes e imprevistas as suas asserções. Por isso a sua palavra obtem uma força de extraordinaria persuasão, força augmentada ainda pela simplicidade e clareza da exposição que lhe provém talvez dos seus profundos estudos mathematicos.

Não é um fabricante de volumes. Tirando os seus trabalhos puramente scientificos, nunca escreveu livro algum de grande importancia. O que elle é porém, é um excellente jornalista: ardente, espirituoso, persuasivo. Conserva nos seus escriptos os dotes de agitador.

A estas qualidades junta elle uma actividade surprehendente e tamanha destreza no trabalho, que até o proprio Elisée Réclus, tão activo como é, não poude deixar de se espantar.

—

É sincero e franco a mais não poder ser. Diz sempre a verdade nua e crua sem contemplação alguma, nem pelo amor proprio do seu in-

terlocutor, nem por qualquer outra consideração.

Esta é a feição mais saliente e sympathica do seu caracter. Póde-se dar inteiro credito a quanto diz. Chega a ponto a sua sinceridade de que, succedendo-lhe ás vezes no ardor da discussão vir-lhe de repente ao espirito uma consideração inesperada que o faz pensar, subitamente interrompe-se, fica um instante todo absorto em si e põe-se depois a pensar em voz alta, fazendo as vezes de arguente e de defendente. De outras vezes faz esta discussão mentalmente, e, voltando-se depois de alguns momentos de silencio para o adversario attonito, diz-lhe sorrindo: Tem razão.

Esta sinceridade absoluta faz d'elle o melhor dos amigos e dá um valor especial aos seus elogios e ás suas censuras.

DEMETRIO LISOGUB

I

Em dezembro de 1876 assistia eu certo dia a uma das denominadas «assembléas de estudantes», que é um dos melhores modos, e muito caracteristico da vida russa, de fazer a propaganda entre a mocidade. É sabido que são prohibidas com todo o rigor; mas é tal o abysmo que separa a sociedade do governo, que sempre as houve e ha ainda nos tempos da maior recrudescencia do terror branco. São por vezes muito numerosas, quasi publicas e muito borrascosas.

O perigo que as cérca communica-lhes um attractivo todo especial para a mocidade, dando ás discussões o caracter enthusiastico que tanto

contribue para converter uma idéa em arma de guerra.

A assembléa, porém, a que me refiro, era pouco numerosa e muito socegada. Tratava-se do projecto, tanta vez tentado e tanta vez mallogrado, de reunir em uma só organização todos os circulos clandestinos que existiam entre a mocidade. Como era uma coisa evidentemente irrealizavel pela grande diversidade dos alludidos circulos, o projecto podia considerar-se morto á nascença. Os proprios promotores da assembléa pareciam d'isso convencidos e por esse motivo as discussões marchavam lentamente e sem provocar interesse.

Entre o pequeno numero dos presentes havia comtudo um que sabia despertar a attenção geral todas as vezes que nas arrastadas discussões entrava com alguma observaçãosinha sempre espirituosa e levemente chasqueadora.

Era alto, pallido, um pouco delgado. Usava barba comprida, o que lhe dava ares de apostolo. Bonito, não era; mas não se póde imaginar nada mais suave do que o brilho dos seus grandes olhos azues assombreados por longos cilios; nada mais seductor do que o seu quasi infantil sorriso. A voz, um tanto vagarosa e sempre no mesmo diapasão, acariciava os ouvidos como as notas baixas de uma can-

tiga. Não era uma voz musical, mas tinha o poder de entrar no coração, de sympathica que era.

O trajo era bem pobre. Apesar do rigor do inverno na Russia, trazia uma jaqueta de panno com grandes botões de pau, a qual por muito repuxada parecia um farrapo. Um collete preto de panno já muito safado cobria-lhe o peito até ao pescoço. A côr muito clara das calças sobresahia por baixo da orla preta do collete todas as vezes que tinha de se levantar para dizer duas palavras.

Finda a reunião, quando os associados se retiraram, não em massa, mas em grupos de tres ou quatro pessoas, como foi sempre o costume na Russia em semelhantes occasiões, sahimos juntos eu, o meu amigo e o desconhecido. Notei que elle não trazia mais do que um paletot muito fino, um velho cache-nez encarnado e um bonnet de coiro. Nem sequer trazia o tradicional *plaid* dos nihilistas, se bem que a temperatura devia ser pelo menos de vinte graus abaixo de zero.

Depois de ter cumprimentado o meu amigo com uma inclinação de cabeça,—era claro que o conhecia alguma coisa,—o desconhecido enfiou pela sua rua quasi a correr para se aquecer um pouco, e passados momentos desappareceu ao longe.

—Que homem é aquelle?—perguntei eu ao meu amigo.

—É Demetrio Lisogub,—respondeu elle.

—Lisogub de Tchernigow?

—Exactamente.

Puz-me sem querer a olhar na direcção em que o sujeito desappareceu, como se ainda lhe pudesse descobrir as pegadas.

Este Lisogub era um millionario. Possuia um patrimonio vastissimo n'uma das melhores provincias da Russia, composto de terras, casas e florestas, mas vivia mais pobre do que o ultimo dos seus caseiros porque todo o dinheiro que apurava, consagrava-o á causa.

II

Passados dois annos, tornámos a encontrar-nos em S. Petersburgo, na qualidade de membros da mesma commissão de organização revolucionaria, em que os homens se conhecem tão bem como nas relações de familia.

Dizer que Lisogub era o homem mais puro, mais ideal que eu tenho conhecido, seria pouco para elle. Direi que em todo o nosso partido

não havia nem podia haver homem que o pudesse exceder na belleza ideal do caracter, porque um ente d'aquella natureza nem com a imaginação se póde conceber.

O facto de sacrificar inteiramente todas as suas riquezas era n'elle a ultima das virtudes. No nosso partido ha muito quem tenha feito o mesmo; o que porém lá não ha é outro Demetrio Lisogub.

Sob uma apparencia tranquilla e placida, como o céo sereno, occultava elle uma alma cheia de fogo, de enthusiasmo, de ardor. As suas convicções eram a sua religião, e consagrava-lhes toda a sua vida, e, o que é bem mais difficil, todos os seus pensamentos. Não o dominava outra preoccupação senão a de servir a causa. Não tinha familia. Nunca amou mulher nenhuma. A sua parcimonia chegava a tal extremo que era preciso intervirem os amigos para que o excesso de privações lhe não causasse doença. A resposta, que tinha para todos que lhe faziam alguma observação, era esta:

—Não hei de viver muito.

Parecia prever um fim prematuro.

E não se enganou.

Era tal o cuidado que tinha de não gastar um soldo do dinheiro com que podia servir a causa. que nunca se atrevia a entrar n'um omnibus que

não falasse dos carros tão baratos entre nós que não ha operario que não ande n'elles aos domingos.

Lembro-me de que um dia nos mostrou duas coisas que faziam parte do seu vestuario de gala e que elle punha quando a sua posição o obrigava a fazer uma visita ao governador de Tchernigow ou a algum dos chefes da alta policia. Era um par de luvas e um chapéo alto. As luvas eram de uma delicadissima côr cinzenta e pareciam acabadas de comprar. Comtudo disse-nos que as tinha havia tres annos e poz-se a explicar-nos, sorrindo, os artificios que empregava para as conservar sempre novas. Quanto ao chapéo, era negocio mais serio, porque a mola tinha-se-lhe quebrado havia um anno, e andava a adiar a despesa de um novo de dia para dia, pois sempre achava que podia empregar melhor o seu dinheiro. Entretanto para fazer de grande senhor, entrava na sala com o seu chapéo de *claque* debaixo do braço, e no bolso o eterno bonnet de coiro que trazia sempre de verão e de inverno. Ao sahir para a rua, dava alguns passos de cabeça descoberta, fingindo que compunha o cabello desgrenhado e, quando se certificava de que ninguem o via, tirava do bolso o famoso bonnet.

Mas o dinheiro que elle tratava de conservar com a avareza de um Harpagão, era o seu

maior inimigo, o seu tormento eterno, a sua condemnação, porque com a alma apaixonada que tinha, com um coração tão prompto para o sacrificio, soffria immensamente vendo-se obrigado a estar de mãos cruzadas como simples espectador da lucta e do martyrio dos seus melhores amigos.

Sujeito a uma vigilancia rigorosa, porque fôra denunciado como implicado no movimento revolucionario pelos parentes que esperavam herdar-lhe a riqueza, se elle fosse condemnado, não podia fazer coisa alguma, pois que ao primeiro passo que désse ficava sem os bens que tinha e a consequencia seria o partido perder um auxilio que tão indispensavel lhe era. D'este modo os seus bens eram para elle como o chumbo ligado á perna de um forçado; não o deixavam dar um passo.

Esta sua inacção involuntaria não era só um desprazer para elle, um tormento atroz, como o devia ser para um homem que reunia em si o ardor do guerreiro ao do propheta; era ao mesmo tempo uma fonte de profundos desgostos e soffrimentos moraes. Dotado de sublime modestia não attribuia merito algum a si mesmo por fazer o que lhe parecia a coisa mais natural d'este mundo: renunciar ás riquezas e ter uma vida de privações.

Feroz para comsigo mesmo, como juiz severo que não quer ouvir razões e se recusa a considerar outra qualquer coisa que não seja o delicto puro e simples, tinha para si que a sua inacção, acto da abnegação mais elevada, era uma vergonha.

E este homem, que com o sacrificio das proprias aspirações sustentou durante anno e meio todo o movimento revolucionario da Russia; este homem, que pelas suas qualidades moraes inspirava uma admiração sem limites a quantos o conheciam; que com a sua presença illuminava de luz divina o partido a que pertencia; este homem considerava-se o ultimo entre os ultimos!...

D'aqui procedia a profunda tristeza que nunca o largava e se sentia sempre em todas as suas palavras, apesar do tom melancholicamente chasqueador que costumava usar para a disfarçar.

Esta cruz, cujo peso ás vezes o esmagava levou-a elle resignado e triste todo o tempo que viveu, sem rebellar-se nunca contra o seu cruel dever.

Era um homem muito infeliz...

Foi preso em Odessa em agosto de 1878 por denuncia do seu administrador Drigo, que, ape-

sar de seu amigo, o atraiçoou, porque o governo lhe prometteu dar-lhe tudo o que ainda restava do patrimonio de Lisogub, cerca de cem mil liras.

Embora fosse a quadra do terror branco, e em Odessa, onde elle tinha de ser processado, redobrasse de furor o heroe de Sebastopol e de Plewna, o infame esbirro e concussionario conde de Totleben, ninguem esperava que a Lisogub pudesse ser imposta pena mais grave do que a deportação para a Siberia, ou quando muito alguns annos de trabalhos forçados, porque não se lhe imputava outro crime senão o de ter despendido, sem se saber como, o seu dinheiro. Mas o depoimento de Drigo não deixou duvida alguma nas consciencias tão impressionaveis do tribunal militar.

No meio da consternação universal Demetrio Lisogub foi condemnado á morte. Dizem testemunhas oculares que, ao ouvir a sentença, elle abriu a bocca de admirado.

Recusou com desdem a proposta que se lhe fez de salvar a vida appellando para a graça do czar.

A 8 de agosto de 1879 foi com dois companheiros Tchiubaroff e Davidenko, conduzido ao supplicio no carro dos condemnados.

Os que o viram passar contam que elle não

só ia socegado, mas sereno, e, ao dirigir aos companheiros palavras de conforto, um doce sorriso lhe entreabria os labios... Até que em fim poude satisfazer o desejo ardente de se sacrificar pela causa. Foi talvez esse o melhor momento da sua vida infeliz...

Stephanowic é o organizador; Clemens o pensador; Ossinsky o guerreiro; Krapotkine o agitador.

Demetrio Lisogub é o santo.

HESSA HELFMANN

Ha umas certas heroïnas anonymas, trabalhadoras obscuras, que tudo o que têem o depõem sobre o altar da sua causa, sem pedirem nada para si. Encarregam-se dos serviços mais ingratos, sacrificam-se por qualquer coisa: por terem prestado o seu nome para a correspondencia de outrem, por terem dado agasalho a um homem que muitas vezes não sabem quem é, por terem remettido um involucro sem saberem o que continha. Não lhes dedicaram os poetas os seus versos: a historia não lhes escreverá o nome nos seus fastos; a posteridade não se lembrará d'ellas com reconhecimento.

E comtudo sem o seu trabalho não poderia

existir o partido e toda a lucta se tornaria impossivel.

Vem, porém, a onda da historia, arranca uma d'essas trabalhadoras do canto obscuro em que ella pensava acabar a sua vida e levanta-a ás alturas coruscantes de uma celebridade universal.

Então todos olham para aquelle rosto tão modesto, e descobrem n'elle traços de uma força de animo, de uma abnegação, de uma coragem, que é de fazer maravilhar os mais audaciosos.

Ora é esta exactamente a historia de Hessa Helfmann.

Eu não tive occasião de a conhecer pessoalmente. Mas, se infrinjo n'este ponto o meu proposito de não falar senão dos que conheço pessoalmente, não o faço pela fama que o seu nome adquiriu, mas pelas qualidades moraes que possuia e de que a sua celebridade nos permitte falar. E tenho a certeza de que o leitor m'o levará a bem, porque a figura simples e sympathica d'esta mulher caracteriza o partido, que estou retratando, melhor talvez do que o faria um typo de força excepcional. Assim uma singella flor dos cam-

pos dá uma idéa mais justa da flora de uma região do que uma planta maravilhosa e rara.

Hessa Helfmann nasceu de uma familia de hebreus, fanaticos pela sua religião, typo desconhecido nos paizes onde a civilização poude cancellar o odio religioso, mas muito vulgar na Russia.

A familia de Hessa tinha na conta de abominação tudo o que provinha dos christãos, mórmente a sua sciencia que ensina a desprezar a religião dos paes. Hessa, tocada da idéa nova, não poude supportar aquelle jugo e fugiu da casa paterna levando comsigo por unica herança a maldicção d'aquelles fanaticos que prefeririam vel-a morrer a vel-a ir fraternizar com os «goios».

A rapariga vae para Kiew e exerce ahi o mister de costureira.

Chega o anno de 1874. O sopro da revolução alcança a toda a parte e arrasta comsigo a joven custureira hebréa.

Trava ella conhecimento com algumas das mulheres que vieram de Zurich e que figuraram mais tarde no processo dos *cincoenta*. Estas mettem-n'a no movimento. O seu papel, porém, é

muito modesto; não faz mais do que dar o seu endereço para a correspondencia revolucionaria. Mas quando a conspiração foi descoberta, aquelle horrendo «crime» rendeu-lhe nem mais nem menos do que dois annos de prisão preventiva e uma condemnação de outros dois annos de detenção no castello de Litowsky. Foi na prisão, encarcerada em companhia de quatro ou cinco mulheres detidas por terem tomado parte no mesmo movimento, que Hessa foi pela primeira vez iniciada devéras nas idéas do socialismo e se entregou a ellas de corpo e alma. Mas não poude pôr em pratica as suas idéas, porque, depois de expiada a culpa, em vez de lhe darem a liberdade, foi internada por ordem da policia n'uma das provincias do norte e ahi esteve até ao outono de 1879, em que, aproveitando o descuido dos guardas, fugiu e veiu para S. Petersburgo. Aqui, cheia de enthusiasmo, que mais se desenvolveu n'ella porque estivera abafado por tanto tempo, lançou-se ousadamente na lucta, anciosa por satisfazer o desejo ardente de trabalhar pela causa, que era a sua mania.

Sempre energica e sempre alegre, contentava-se com muito pouco. O que queria, era que se fizesse alguma coisa util para o partido. Fez de tudo: de caixeiro, de moço de recados, de sentinella; e não raro o trabalho que tinha era de

molde a extenuar-lhe as forças, apesar de ser mulher do povo. Quantas vezes por deshoras ella voltava para casa esfalfada e sem alento, por ter andado a percorrer a capital durante quatorze horas, a deitar em differentes caixas cartas com as proclamações da commissão executiva! Vinha porém o dia seguinte, e ella punha-se de pé para recomeçar o mesmo trabalho. Estava sempre prompta para prestar todo e qualquer serviço a quem d'elle carecesse sem se importar com as fadigas que lhe custaria. Não pensava sequer em si.

Para dar uma idéa da força moral e da dedicação illimitada d'esta mulher simples, completamente falta de instrucção, basta contar a historia dos ultimos mezes da sua actividade revolucionaria. O marido, Nicolau Kolotkewic, um dos membros mais conhecidos e estimados do partido terrorista, foi preso no mez de fevereiro. Pesava sobre elle condemnação capital; e ella deixou-se ficar nas fileiras dos combatentes, guardando comsigo a sua dor!...

Gravida de quatro mezes, tomou o encargo terrivel de ser dona do local onde se fabricavam as bombas de Kibalchic, e alli se conservou sempre até que uma semana depois de 13 de março foi outra vez presa.

No dia do julgamento compareceu alegre e

risonha perante o tribunal que a havia de mandar para o patibulo. A sua condemnação porém foi mais horrivel porque teve de esperar quatro mezes o supplicio. Mezes eternos de tortura moral, que ella soffreu sem fraquejar um momento, porque o governo, não se atrevendo a arrostar a indignação da Europa, enforcando-a, tratou de se aproveitar da sua posição para lhe arrancar alguma revelação, prolongando aquella tortura moral até ao ponto em que lhe podia pôr a vida em perigo, e não lhe commutou a pena senão algumas semanas antes do parto.

VERA ZASSULIC

Folheando o grande livro da historia, seria difficil, senão impossivel, encontrar um nome que tão depressa conquistasse uma celebridade tão universal, tão incontrastavel, tão unanime.

Completamente desconhecido um dia antes, este nome esteve durante muitos mezes em todas as boccas, inflammando os corações generosos de ambos os mundos, e tornou-se como synonymo do heroismo e do sacrificio.

E comtudo a pessoa que era o objecto de tanto enthusiasmo subtrahia-se obstinadamente á gloria, fugia das ovações, e, embora se soubesse logo que estava já no extrangeiro, onde podia mostrar-se abertamente sem perigo ne-

nhum, permanecia escondida entre a multidão sem querer de modo algum deixar o seu incognito.

Então, á mingua de noticias exactas, entrou em campo a imaginação. Quem era emfim aquelle ser deslumbrante e mysterioso? perguntavam os seus numerosos admiradores. E cada um a imaginava segundo a sua propria inclinação.

As almas ternas e sentimentaes suppunham-n'a uma creança poetica, doce, exaltada como uma martyr christã, toda abnegação e amor.

Os que propendiam mais para o radicalismo figuravam-n'a uma Nemesis dos tempos modernos, de revólver em uma das mãos, bandeira vermelha na outra, sentenças emphaticas na bocca, terrivel e audaz como a revolução personificada.

Tanto uns como os outros se enganavam redondamente.

Zassulic não tem nada de heroïna de tragedia pseudo-radical, nem de creança etherea e exaltada.

É uma mulher forte, robusta, e, posto que de mediana estatura, parece á primeira vista ser alta. Não é bonita. Só os olhos é que são lindissimos, grandes, bem talhados, com as pestanas compridas, pardos no estado normal, mas negros quando excitada. Pensativos e um tanto

tristes de ordinario, faiscam quando se enthusiasma, o que não é raro n'ella, ou scintillam quando graceja, o que succede muitas vezes. Reflecte-se n'aquelles olhos expressivos o menor movimento da alma. O resto da physionomia é muito ordinario. Nariz sobre o comprido, labios delgados, cabeça grande, coberta de cabello tirante a negro.

No exterior é desleixadissima. Não lhe dá attenção, não faz o menor caso d'isso. Não tem signal do que possuem quasi todas as mulheres do mundo, o desejo de se fazerem bonitas. É muito distrahida, está muito immersa nos seus pensamentos, não póde entreter-se com estas coisas que tão pouco lhe interessam.

Mas ha n'ella uma coisa que corresponde ainda menos á idéa de creança etherea; é a voz. A principio fala como toda a outra gente; mas isto é um estado preliminar que dura apenas instantes. Logo que o discurso se anima, levanta a voz e fala tão alto como se o seu interlocutor fosse meio surdo ou estivesse á distancia pelo menos de cem metros. Este costume, não póde ella perdel-o por mais que se esforce.

De distrahida que é, esquecem-lhe immediatamente os logros dos seus amigos e o seu proposito de falar como todos falam para não dar nas vistas. Na rua, se se toca em algum as-

sumpto interessante, entra logo a gritar, acompanhando as palavras com o seu gesto favorito e sempre identico, que consiste em cortar energicamente o ar com a mão direita, como com uma espada.

Ora sob aquelle aspecto tão simples, rude e pouco poetico esconde-se uma alma cheia da mais elevada poesia, profunda como oceano, fogosa e potente, rica de odios e de amor.

Apesar de falar muito facilmente e discorrer a proposito de tudo, é muito reservada. Muito poucos são os que logram ser admittidos á sua intimidade. Não falo da intimidade superficial que não é senão o resultado da estima e da confiança reciproca e que é entre nós a norma das relações; falo da outra intimidade que consiste na mutua communicação dos mais reconditos pensamentos.

É incapaz da amizade espontanea das almas jovens e inexpertas. Procede com circumspecção, não tentando nunca supprir com a phantasia a falta de observação positiva. São poucos os seus amigos e pertencem quasi todos aos seus antigos conhecimentos; mas n'elles está o seu mundo, separado do resto dos homens por uma barreira que se póde dizer insuperavel.

Vive muito da concentração do espirito. Padece em alto grau a doença particular dos Russos, que consiste em remoer a propria alma, afundar-se nos seus abysmos, anatomizal-a sem piedade, procurando achar-lhe defeitos muitas vezes imaginarios e sempre exaggerados.

D'ahi procedem aquelles accessos de negra bilis que a acommette, de quando em quando, como ao Rei Saul, e a dominam dias e dias sem que ninguem lh'os possa abrandar. N'estas occasiões parece distrahida, evita toda a companhia e passeia agitada durante horas inteiras pelo seu quarto, immersa toda nos seus pensamentos, ou então foge de casa para buscar allivio na unica coisa que póde dar-lh'o, na natureza eterna, impassivel e imponente, a quem ella ama e comprehende como sentimento profundo das almas verdadeiramente poeticas. E noites inteiras, muitas vezes até ao nascer do sol, succede-lhe andar sósinha pelos montes selvagens da Suissa ou vagar pelos seus immensos lagos.

Possue aquella insaciabilidade sublime, mãe das grandes acções, e que é n'ella o fructo de um idealismo infinito, que fórma a base do seu caracter.

A devoção que consagra á causa do socialismo, a que pertence desde muito nova, converteu-se para ella em certas regras sobre os proprios deveres, tão elevadas que não ha força humana capaz de as cumprir. Tudo lhe parece pouco. Uma amiga sua, a pintora X., de quem atraz falei, e que conhecia Zassulic ha dez annos e era uma pessoa muito intelligente e atilada, como a visse, algumas semanas apenas depois da sua absolvição, com os seus accessos atrabiliarios, costumava dizer:

—O desejo de Vera é disparar contra os Trepoffs todos os dias ou ao menos uma vez cada semana. E como o não póde fazer, por isso toda se consome.

E a senhora X. entrava a provar a Zassulic que não é possivel sacrificar-se a gente todos os dias, como se sacrifica nosso senhor Jesus Christo e que é necessario dar treguas ao coração e fazer como fazem todos.

Vera fazia-o, mas não se curava. O seu sentimento não tem nada que ver com o das almas ambiciosas que pretendem elevar-se acima dos outros. Não só antes, mas mesmo depois do seu nome se tornar tão celebre, isto é na sua ultima viagem á Russia, encarregava-se dos serviços mais humildes e ordinarios, taes como o de compositora na typographia, de gover-

nante de casa, de creada de servir, etc. E todos desempenhava com cuidado e diligencia irreprehensiveis. Mas a verdade é que nada d'isto lhe dava treguas ao coração.

Lembra-me que um dia, contando-me o que sentira quando recebeu do presidente do tribunal a noticia da sua absolvição, disse que não era alegria o que sentiu, mas um grande espanto, seguido de um sentimento de tristeza.

—N'aquella occasião não pude explicar um tal sentimento, accrescentou ella. Mas depois vim a comprehender. Se tivesse sido condemnada, ficava impedida por força maior de fazer qualquer coisa, e socegava, porque o pensar que tinha feito tudo o que tinha podido pela causa seria para mim uma consolação. Agora porém que estou livre, tenho outra vez de procurar alguma occupação, e é muito difficil achal-a.

Estas poucas palavras, que me ficaram como que gravadas na memoria, deitam mais luz sobre o seu caracter do que o fariam paginas inteiras de commentarios.

Outra fórma d'aquelle idealismo infinito é uma modestia unica, não imitada nem imitavel, a

que se póde chamar o sello das almas eleitas nas quaes o heroismo é um facto natural e logico e apparece por isso em fórma tão divinamente simples.

No meio do enthusiasmo universal, de uma verdadeira adoração, Zassulic conservou toda a simplicidade de maneiras, toda a candura de alma que já a distinguia antes do seu nome estar cercado pela aureola de uma gloria immorredoira.

Esta gloria que faria perder o juizo ao mais forte dos estoicos, achou-a fria e indifferente a ponto de parecer de todo incrivel, se não pudesse ser attestado por todos aquelles que ao menos por um momento se approximaram d'ella.

É talvez um facto unico na historia do coração humano e que basta só por si para demonstrar a profundidade d'aquelle caracter, que tudo attinge por si mesmo sem ter precisão, sem nem sequer poder aproveitar-se de qualquer inspiração ou movel de fóra.

Depois de ter executado o seu grande acto, só levada por intimas convicções moraes, sem a minima sombra de ambição, Zassulic fica profundamente esquiva e indifferente a qualquer manifestação dos sentimentos que esse acto suscitou nos outros. D'ahi provém o ter sempre obstinadamente evitado mostrar-se em publico

Esta sua teimosia não é o acanhamento proprio de uma pessoa do seu sexo. É um nobilissimo pudor moral que a inhibe de receber homenagens de admiração pelo que na alteza immensa dos seus sonhos ideaes nunca ella se resolve a considerar um acto heroico. Por isso esta mesma Vera que ama tanto a sociedade, que fala tão espontaneamente, que não hesita em levantar uma discussão acalorada com quem quer que seja, se lhe parece que não tem razão, esta mesma Vera, apenas entra em qualquer reunião, onde sabe que a consideram não como Vera, mas como Zassulic, para logo se transforma; mostra-se timida e acanhada como uma menina que acaba de sahir do collegio. Até aquella voz capaz de aturdir os ouvidos soffre uma alteração admiravel; torna-se doce, delicada, suave, uma voz «angelica» em summa, como dizem os seus amigos por gracejo.

Mas até esta sua voz muito raras vezes se ouve, por quanto em reuniões publicas Vera ordinariamente está calada. É preciso que ella tome muito a peito a questão para que se levante e diga duas palavras.

Para conhecer o valor da sua intelligencia ori-

ginalissima e da sua graciosa conversação é mister ouvil-a em sua casa entre amigos. Só aqui é que ella dá toda a expansão ao seu espirito vivo e picante.

Possue uma linguagem toda sua, rica, cheia de colorido, em que o humorismo popular se casa com uma certa ingenuidade infantil. Algumas das suas expressões são verdadeiras joias, não d'aquellas que se vêem nos mostradores dos joalheiros, mas das que a natureza prolifica brota espontaneamente do seu seio.

A feição caracteristica do seu talento é a originalidade. Dotada de uma força de raciocinio de primeira ordem, Zassulic cultivou-a com um estudo serio e variado nos longos annos do seu exilio por differentes cidades da Russia. Tem a faculdade rara de pensar sempre por sua conta, e isto tanto nas coisas importantes como nas de pouco valor. Repugna á sua natureza andar por caminhos concorridos, sómente pela razão de lá estarem pégadas de muita gente. Verifica, critíca tudo, e não acceita nada sem um exame serio e minucioso. Por isso sabe pôr o seu cunho mesmo nas coisas mais batidas e rebatidas, que ordinariamente se admittem e repetem sem a menor reflexão ou consciencia, o que dá ao seu discurso e ás suas idéas uma frescura e uma vivacidade encantadoras.

Esta originalidade e independencia do pensamento, alliadas com todo o conjuncto do seu caracter moral, produzem outra particularidade, talvez a mais apreciavel, de tão formoso typo. Falo d'aquella especie de instincto moral quasi infallivel, que lhe é proprio, d'aquella faculdade de discernimento nas questões mais embrulhadas e sophisticas, do bem e do mal, do licito e do illicito, que ella possue, sem que ás vezes possa dar a razão positiva das suas opiniões. Admiravelmente manifestou ella esse instincto, assim no seu procedimento perante o tribunal no dia do seu memoravel processo, que lhe valeu em grande parte o imprevisto exito que se sabe, como em muitas questões de ordem interna.

Todos os seus conselhos ou pareceres, mesmo que não sejam motivados, são sempre dignos da mais alta consideração, porque é rarissimo falharem.

D'esta arte tem Zassulic tudo o necessario para ser o que poderia chamar-se a consciencia de um club, de uma organização, de um partido. Mas, se é grande como influencia moral, Zassulic não póde ser considerada como o typo da influencia politica. Vive muito recolhida em si para que possa influir nos outros. Para que ella dê um conselho, é preciso que de proposito lh'o vão pedir. Por iniciativa propria nunca se in-

tromette nos negocios alheios para sujeitar os outros á sua vontade, como trata de fazer um organizador ou um agitador. Cumpre o seu dever conforme lh'o dicta a sua consciencia e não quer saber se os mais lhe seguem o exemplo.

Aquelle seu mesmo idealismo tão nobre e fecundo, que a faz aspirar sempre ás coisas grandes, torna-a incapaz de se dedicar de alma e coração ao trabalho quotidiano sempre tacanho e mesquinho.

É mulher para as resoluções grandes e para as grandes occasiões.

O typo de uma luctadora infatigavel e robusta, apresenta-o outra mulher, cuja figura grandiosa eu vou, cheio de medo e de hesitação, tentar reproduzir no capitulo que se segue.

SOPHIA PEROWSKAIA

I

Era bonita; mas a sua formosura não era das que deslumbram á primeira vista, sim das que mais nos seduzem quanto mais as contemplamos.

Cabecinha loira, com dois olhos azues, serios e penetrantes abaixo de uma fronte larga e espaçosa. Nariz pequeno, bocca cheia de frescura, que mostrava, quando sorria, duas ordens de lindissimos dentes brancos.

Mas o grande attractivo estava no conjuncto da sua physionomia. Havia um não sei que de vivo e animado, e ao mesmo tempo de ingenuo, no seu rostosinho redondo. Era a mocidade personificada. A despeito dos seus vinte e seis an-

nos, parecia ter quando muito dezoito. A estatura pequena, delicada e engraçada, e a voz fresca, argentina, sympathica quanto é possivel sel-o, augmentavam esta illusão que chegava quasi a certeza quando ella começava a rir, o que acontecia muita vez. Tinha o riso facil das creanças e ria com tanto gosto e tal desenvoltura que parecia mesmo uma rapariga de dezeseis annos.

Não tinha o menor cuidado com o seu exterior. Trajava muito modestamente e talvez nem sequer soubesse o que quer dizer um vestido ou um enfeite que fica bem ou que fica mal. Mas levava até á mania o gosto pelo asseio e n'este ponto era escrupulosa como as donzellas da Suissa.

Tinha muito amor ás creanças e era uma excellente mestra de meninas. Mas havia outra occupação que ella desempenhava ainda melhor, era a de enfermeira. Se alguma das suas amigas cahia doente, Sophia era a primeira a apresentar-se para a tratar; e fazia-o com tal doçura, bom humor e paciencia, que não havia doente que ella tratasse que não ficasse morrendo por ella.

Ora esta mulher de maneiras tão innocentes, de caracter tão doce e affectuoso, era um dos mais temiveis membros do partido terrorista.

Foi ella que dirigiu o attentado de 13 de março; foi ella que traçou a lapis n'um sobrescripto já velho o plano da localidade, marcando os pontos que os conjurados deviam occupar; e na manhã fatal lá estava no campo da batalha recebendo das sentinellas informações a respeito dos passos do imperador, indicando aos conjurados com um lenço a direcção que deviam tomar.

Que força titanica se albergava sob apparencia tão serena? que qualidades tinha esta mulher extraordinaria?

Reunia em si as tres potencias, que sósinhas constituem uma força de primeira ordem: intelligencia profunda e vasta, caracter enthusiastico e ardente, e sobre tudo uma vontade de ferro.

Sophia Perowskaia pertence, como Krapotkine, á mais alta aristocracia da Russia. Os Perowsky são o ramo mais novo da familia do celebre Rasumowsky, marido morganatico da imperatriz Isabel, que reinou nos fins do seculo passado.

Seu avô foi ministro da instrucção publica; o pae governador geral de S. Petersburgo, e o tio paterno o famoso conde Perowsky que

conquistou para o imperador Nicolau uma parte consideravel da Asia Central.

Aqui está a familia d'onde nasceu esta mulher que deu tão tremendo abalo ao czarismo.

Nasceu Sophia em 1854. Passou tristes os primeiros annos na companhia de um pae despotico e de uma mãe adorada, sempre ultrajada e humilhada. Crearam-se-lhe no seio da familia os germens do odio á oppressão e do amor generoso pelos fracos e opprimidos, que conservou até morrer.

A historia da sua vida é a de toda a mocidade da Russia e ao mesmo tempo a do partido revolucionario. Resumil-a seria apresentar em fórma concreta o que em fórma abstracta já disse na minha prefação. Mas a falta de espaço não me permitte mais do que tocar os pontos principaes d'ella.

Sophia Perowskaia começou, como todas as mulheres da sua geração, pelo simples desejo de se instruir. Chegava aos quinze annos quando o movimento pela emancipação das mulheres estava em todo o seu vigor e envolveu até sua irmã mais velha. Sophia quiz tambem instruir-se, mas, como o pae a prohibiu, fugiu de casa a exemplo de tantas outras.

Escondida em casa de umas amigas, envia um parlamentario ao pae, o qual, depois de ter

esbravejado inutilmente por algumas semanas, encarregando a policia de lhe procurar a filha, acaba por transigir e consente em dar a Sophia um passaporte. A mãe mandou-lhe ás escondidas um pequeno estipendio. Sophia está livre e põe-se a estudar avidamente.

Mas o que lhe subministra a litteratura russa d'aquella epocha? Uma critica acerrima de toda a nossa ordem social, apontando como unico e definitivo remedio o socialismo. Seus mestres são Tchernischewsky e Dobroliuboff, que são os de toda a moderna geração.

A ancia de saber em breve cedeu n'ella o passo á ancia de trabalhar em conformidade com as idéas adquiridas n'estas leituras. Egual tendencia nasce espontaneamente em muitas outras mulheres que se acham em identica posição. A communhão das idéas e das aspirações faz crear em algumas de entre ellas um sentimento de profunda amizade, e o verem-se em grande numero produz o desejo e a esperança de fazerem alguma coisa.

E aqui está uma sociedade secreta em embryão, porque na Russia tudo o que se faz pelo bem da patria e não pelo do Imperador tem de se fazer em segredo.

Sophia Perowskaia ligou-se com a infeliz familia das irmans Korniloff, que foi o nucleo d'on-

de passados dois annos se formou o club dos *tchiaikowzos,* de que já mais de uma vez tenho falado. Perowskaia, juntamente com alguns moços estudantes, e entre elles Nicolau Tchiaikowsky que deu o nome á futura assembléa, foi um dos primeiros membros d'aquelle circulo importante que a principio teve antes ares de uma reunião de familia que de sociedade politica.

O circulo, que no começo não tinha outras vistas senão a propaganda entre a mocidade, era pouco numeroso. A admissão dos associados era sempre decretada por unanimidade. Não teve estatutos, porque não era preciso. Todas as decisões eram sempre tomadas por unanimidade, e esta regra tão pouco pratica nunca deu de si nenhuma consequencia desagradavel nem teve inconveniente algum, porque o amor e a estima reciproca entre os membros do circulo eram taes que n'elle se reunia tudo o que o genio de João Jacques entreviu como ideal das relações humanas; a minoria cedia á maioria não por necessidade ou constrangimento, mas espontaneamente, pela intima convicção de que esta deve ter razão.

As relações entre os membros do circulo eram o que se póde imaginar de mais fraternal. A sinceridade e a franqueza constituiam a regra geral. Conheciam-se todos uns aos outros como ou talvez ainda mais do que os membros da

mesma familia e nenhum queria esconder ao outro o menor acto da sua vida. Assim qualquer pequena fraqueza, qualquer falta de dedicação á causa, qualquer nota de egoismo eram logo indicadas, apontadas e ás vezes censuradas reciprocamente, não como o seriam por um mentor pedante, mas como de irmão para irmão, com amor e sentimento.

Estas relações ideaes, impossiveis em um circulo que comprehenda grande numero de pessoas, ligadas entre si sómente pela identidade do fim que se propõem, desappareceram de feito quando se alargou a actividade politica d'aquelle circulo. Mas foram poderosissimas para influirem no desenvolvimento moral do individuo e para formarem caracteres e corações de oiro e aço, como se viram em Cuprianoff, Cheraschine, Alexandra Kornilowa, Serdiukoff, e tantos outros que n'outro paiz seriam a honra e a gloria da nação, mas que no nosso... onde estão? onde?... enterrados nos carceres, suicidados, sepultados nas minas da Siberia ou esphacelados pela immensa dor de terem perdido tudo, tudo o que é mais caro do que a propria vida...

Foi n'esse ambiente serio e amavel, impregnado de rigorismo quasi monachal, e aquecido pelo enthusiasmo e devoção, que Sophia Perows-

kaia passou os primeiros tres ou quatro annos da sua mocidade, quando a alma candida e delicada se abre com tanta solicitude a toda a impressão boa, quando o coração pulsa tão fortemente por toda a idéa grande e generosa. N'esse ambiente se temperou a sua natureza.

Perowskaia foi um dos membros mais influentes e estimados da assembléa, pela severidade estoica que tinha comsigo mesma, por sua energia infatigavel e mais do que tudo por sua poderosa intelligencia.

O seu entendimento claro e penetrante possuia a feição philosophica, tão rara nas mulheres, não só de saber entender perfeitamente uma questão, mas de a tomar na sua coordenação logica com todas as suas derivadas e dependentes. Provinha d'aqui uma firmeza de convicções, que nenhum sophisma, nenhuma impressão do momento valiam a abalar; assim como uma habilidade extraordinaria em todas as discussões, quer theoricas quer praticas. Era um espirito dialectico de primeira força. Considerando o assumpto sempre por todos os lados, levava grande vantagem a todos os adversarios, porque ordinariamente as coisas são consideradas pela maior parte dos individuos apenas pelo lado das disposições ou inclinações pessoaes.

Sophia Perowskaia, embora naturalmente fo-

gosa, sabia elevar-se com a força do seu talento acima das suggestões de qualquer paixão e via as coisas com os olhos limpos da nevoa do proprio enthusiasmo. Nunca exaggerava coisa alguma, e não attribuia á sua actividade nem á dos seus amigos maior importancia do que a que tinham. Por isso procurava sempre abrir-lhe mais campo, descobrindo novos caminhos e processos, e fazendo-se assim *iniciadora* de novos emprehendimentos. Á sua iniciativa se deveu com effeito em grande parte a passagem, effectuada pelo circulo dos *tchiaikowzos* em 1871-1872, da propaganda á mocidade para a propaganda aos operarios das cidades. E realizada esta mudança, foi ella dos primeiros a sustentar que das cidades se devia passar para o campo, porque via claramente que na Russia, para um partido ter futuro precisa approximar-se das populações ruraes. E depois, quando pertencia já á organização terrorista, fazia quanto podia por alargar a actividade do seu partido que se lhe figurava muito exclusiva de mais.

Ora esta insaciabilidade permanente provinha-lhe da grande força de raciocinio de que era dotada, e não do romanticismo que tem por base o ardor da imaginação. Do romanticismo, que, se ás vezes incita a grandes commettimentos, quasi sempre faz consumir a vida em vãos

sonhos, nem sombras tinha Sophia Perowskaia. Positiva e perspicaz como era, não podia alimentar-se de phantasias. A sua energia não a deixava estar com as mãos na cintura. Tomava a vida como ella é, tratando de fazer o mais que podia d'aquillo que n'um dado momento lhe tocava fazer. O seu maior tormento era a inercia. E comtudo teve de a supportar durante quatro annos.

II

A 25 de novembro de 1873 foi Sophia presa juntamente com um grupo de operarios a quem estava fazendo propaganda no bairro de Alexandre-Newsky. Foi mettida na cadeia, mas, por falta de provas que a condemnassem, deu-se-lhe depois de um anno de reclusão a liberdade provisoria, ficando o pae por fiador, e teve de ir para a Criméa, onde a sua familia possuia uma propriedade territorial.

Tres annos se conservou alli sem poder fazer coisa alguma por ser muito vigiada, e sem poder fugir porque n'esse caso teria compromettido todos os que com ella obtiveram a liberdade provisoria, para não esperarem na cadeia o re-

sultado do processo. Este chegou finalmente em 1877 e ficou sendo chamado o dos 193, porque, além de Sophia Perowskaia, foram n'elle implicados quasi todos os membros da sociedade dos *tchiaikowzos*.

Não será por demais notar aqui uma pequena particularidade d'aquelle seu primeiro apparecimento em publico, porque dá um testemunho do caracter de Sophia.

Os réos d'aquelle processo, não querendo servir de joguete nas mãos do governo, que mandava fazer as sentenças antes de se abrirem os debates, resolveram fazer uma demonstração solenne. Mas até ao ultimo dia não se tinha assentado de que genero havia de ser tal demonstração.

Sophia Perowskaia, que estava em liberdade provisoria, compareceu no julgamento sem ter conhecimento dos designios dos seus amigos que estavam presos, e foi de proposito a primeira que introduziram na audiencia, porque imaginavam colhel-a de subito para depois aproveitarem a influencia que produziria o seu exemplo.

Falhou-lhes porém essa esperança. Sophia, vendo-se sósinha, passada a primeira surpresa, declarou que não queria tomar parte alguma nos debates em quanto não visse presentes os

seus companheiros de idéas, que queria tambem ter como companheiros na sorte.

Era exactamente isto o que se resolvêra n'aquelle mesmo momento nas cellas da prisão preventiva.

Sophia ficou absolvida, mas em vez de a pôrem em liberdade, como toda a gente esperava, foi entregue por uma simples ordem da policia aos guardas armados, para ser internada n'uma das provincias do norte. Isto se faz na Russia com todos os delinquentes politicos, a quem os tribunaes *absolvem.*

Mas, como desde esse momento já não pesava sobre ella nenhuma obrigação moral, resolveu fugir, e, aproveitando o primeiro ensejo que se lhe deparou, fugiu com effeito, sem o auxilio de ninguem, sem avisar mesmo os seus amigos. e antes que déssem por isso voltou para S. Petersburgo, alegre e risonha, como se nada tivesse acontecido, contando os pormenores da sua fuga, tão simples, innocente e quasi engraçada que é esta entre as aventuras tremendas da sua vida uma flor de rhododendro entre os precipicios selvagens do Diableret da Suissa.

De 1878 por deante tomou outra vez parte activa no movimento. Mas quando, depois de uma ausencia de quatro annos, voltou ao campo da batalha, tudo encontrou mudado: homens, tendencias, meios.

O terrorismo fazia a sua estreia.

Adheriu a este movimento por ser o unico a que, em virtude das condições creadas pelo governo, se podia apegar. E foi exactamente n'essa lucta tremenda que ella demonstrou em todo o esplendor as suas qualidades eminentes.

Não tardou a conquistar na organização terrorista a mesma influencia e a mesma estima que anteriormente gosava no circulo a que pertenceu.

Tinha uma energia devoradora. Fazia só por si o trabalho de muitos. Era devéras infatigavel. Exercia a propaganda entre a mocidade, e era n'isso uma das mais felizes porque á arte de convencer juntava, o que é muito mais difficil, a de inspirar o enthusiasmo e o sentimento do mais alto dever, porque estava possuida d'elles.

Fazia, logo que se lhe offerecia opportunidade, a propaganda entre os operarios, que a amavam

por sua simplicidade e seriedade, tão agradaveis ao povo, e foi uma das iniciadoras da sociedade terrorista dos operarios, chamada «rabotchiaia drugina», a que pertenciam Timotheo Micailoff e Rissakoff.

Entrava em todas as empresas terroristas, a começar pela da libertação de Voinaralsky.

Como organizadora, ninguem lhe levava a palma. Com a sua intelligencia imperturbavel e perspicaz sabia prever as circumstancias minimas de que depende muitas vezes o bom ou mau resultado das mais grandiosas empresas.

Era habilissima nos trabalhos preparatorios que demandam summa circumspecção e presença de espirito, porque uma palavra solta fóra de tempo póde estragar tudo; não porque pudesse ser referida á policia, que a vida tão isolada dos nihilistas torna isso quasi inexequivel, mas por certas indiscreções talvez inevitaveis,—como, por exemplo, entre marido e mulher, entre dois amigos,—as quaes fazem ás vezes com que um segredo, que saia do circulo restricto da *organização* pela falta de cuidado de algum associado menos escrupuloso, se espalhe em um abrir e fechar de olhos por toda a cidade e corra de bocca em bocca. Mas Sophia Perowskaia levava a sua reserva a ponto de poder viver muitos mezes em companhia da melhor das suas

amigas pessoaes sem que esta soubesse nunca a menor coisa da sua vida.

Como tinha vivido muito no mundo revolucionario, adquirira grande aptidão para adivinhar nos outros as qualidades que os tornam habeis antes para umas funcções do que para outras, e sabia, como poucas, governar os homens; não que usasse para isto de subterfugios, não era preciso, mas porque se impunha por si mesma com o seu caracter de ferro, com a sua palavra soberanamente persuasiva, e talvez ainda mais com a elevação moral e com a dedicação illimitada que toda ella respirava.

Tão poderosa era n'ella a tempera da alma como a intelligencia. O trabalho insano da conspiração permanente nas condições em que se acha a Russia, esse trabalho, que extenua e consome, como fogo infernal, os temperamentos mais robustos, porque o Deus implacavel da Revolução exige em holocausto, não já a vida, nem o sangue dos seus servos, oxalá que assim fosse! mas a medulla dos seus nervos e do seu cerebro, a alma da sua alma, o enthusiasmo, a fé, pois de outro modo os rejeita e repelle sem dó nem piedade; esse trabalho terrivel nunca poude entibiar o animo de Sophia Perowskaia.

Onze annos esteve ella nas fileiras, assistindo

a immensas perdas e a immensos desenganos, e sempre prompta comtudo para novos ataques. Soube conservar sempre acceso o fogo sagrado. Não se envolveu no manto lugubre e triste do rigido «dever». Apesar do seu estoicismo e frieza apparente, não deixou de ser no fundo uma sacerdotiza inspirada, porque debaixo da couraça de aço polido batia sempre um coração de mulher; e as mulheres, força é confessal-o, são muito mais ricas d'esta chamma divina do que os homens. Por isso se deve attribuir a ellas na maior parte o fervor quasi religioso do movimento revolucionario da Russia; por isso este ha de ser invencivel em quanto se lhe associarem mulheres.

Não era Sophia Perowskaia sómente uma organizadora. Entrava em fogo pessoalmente e disputava os postos mais perigosos. Devia talvez a isto a sua fascinação irresistivel. Quando ella, pondo em alguem o seu olhar perscrutador, que parecia penetrar no intimo da alma, dizia com a sua seriedade: Vamos! quem podia responder-lhe: Não vou?

Ella ia da melhor vontade, «feliz», segundo a sua propria expressão.

Vemol-a entrar em quasi todos os commettimentos dos annos de 1879 a 1881, e ás vezes era ella a que supportava os maiores encargos, como succedeu na tentativa de Hartmann, em que na qualidade de dona de casa tinha de fazer frente a perigos tanto maiores porque eram imprevistos, e em que com a sua presença de espirito e sangue frio soube mais de uma vez afastar o perigo imminente que ameaçava toda a empresa.

Quanto ao seu animo resoluto e imperturbavel, não occorrem nem talvez se encontrem palavras bastante fortes para o exprimir. Basta dizer que na tentativa de Hartmann os seis ou oito homens que n'ella entraram e que não eram certamente nenhuns insignificantes, confiaram a Sophia Perowskaia o encargo de pôr fogo ao deposito de dynamite que estava no interior do casebre, com o fim de fazer saltar pelos ares a tudo e a todos, no caso de vir a policia prendel-os. Foi a ella tambem que coube a missão delicadissima de vigiar a chegada do comboio imperial para dar no momento preciso o signal da explosão. E bem se sabe que não foi por culpa sua que a tentativa se mallogrou.

Não falo já da direcção da empresa de 13 de março, porque seria repetir uma coisa que toda a gente sabe. O procurador imperial, querendo

mostrar a pouca força da commissão executiva, disse que a melhor prova estava no facto de se achar entregue ás debeis mãos de uma mulher a direcção de negocio de tamanha importancia. A commissão sabia evidentemente mais do que elle, e Sophia Perowskaia bem o demonstrou.

Foi presa uma semana depois do feito de 13 de março, porque não quiz de modo nenhum sahir da capital. Compareceu no tribunal tranquilla e séria, sem o menor vislumbre de impostura ou ostentação, não procurando nem desculpar-se nem glorificar-se, simples e modesta como sempre viveu. Os proprios inimigos a viram commovidos.

Na brevissima allocução, que fez, não pediu senão que não a separassem dos companheiros da sua sorte. E este pedido foi satisfeito.

Por seis eternos dias foi adiada a execução, posto que o prazo legal para os recursos de revista e de perdão esteja fixado unicamente em tres.

Qual era a causa de tão incomprehensivel demora? O que se fazia entretanto aos condemnados?

Ninguem sabe.

Corriam na capital os boatos mais sinistros. Affirmava-se que os condemnados, segundo o conselho asiaticamente jesuitico de Loris Melikoff, eram postos a tormentos para se lhes arrancarem revelações, não *antes,* mas *depois* da sentença, porque então já ninguem lhes ouviria a voz.

Seriam rumores vãos ou indiscreções verdadeiras?

Ninguem sabe.

Como não ha nenhum testemunho positivo, não queremos fazer nem mesmo aos nossos inimigos semelhante accusação.

Ha porém um facto innegavel que contribue para se dar maior credito a estes rumores persistentes; é que a voz dos condemnados nunca mais ninguem a ouviu!

As visitas da familia, que por um uso piedoso se concedem a todos os que estão para morrer, foram obstinadamente denegadas, não se sabe com que fim ou por que razão. O governo não se pejou mesmo de recorrer a subterfugios indignos para se subtrahir a observações.

A mãe de Sophia Perowskaia, que adorava a filha, veiu a toda a pressa da Criméa assim que soube da prisão. A ultima vez que viu Sophia foi no dia do julgamento. Nos outros

cinco dias, uma vez com um pretexto outra vez com outro, foi sempre despedida. Por fim disseram-lhe que apparecesse na manhã de 15 de abril, que então veria a filha.

Foi; mas no momento em que se approximava da cadeia, a porta abriu-se de par em par, e ella viu a filha effectivamente, mas no carro fatal...

O cortejo lugubre dos condemnados marchava para o logar da execução.

Não contarei as circumstancias horrorosas d'aquella carnificina. «Assisti a uma duzia de execuções no Oriente, diz o correspondente da «Koelnische Zeitung», mas nunca vi uma carnagem *(Schinderei)* assim.»

Todos os condemnados morreram corajosamente.

«Kibalchic e Gelaboff estão muito tranquillos. Timotheo Micailoff está pallido, mas firme. Rissakoff tem uma cor hepatica. Sophia Perowskaia dá provas de extraordinaria força de animo. Conserva até as faces rosadas, e o rosto sempre serio, sem o menor signal de jactancia, respira verdadeira coragem e uma abnegação illimitada. Sereno e pacifico é o seu olhar, e não se descobre n'elle o mais leve indicio de ostentação.»

Isto diz, não um nihilista, e muito menos um

radical, mas o correspondente da «Koelnische Zeitung» de 16 de abril de 1881, que não póde ser accusada de muito sympathica para com os nihilistas.

Ás nove horas e um quarto Sophia Perowskaia era cadaver...

ESCORÇOS

REVOLUCIONARIOS

O ATTENTADO DE MOSCOW

I

UMA COMMUNIDADE DE EREMITAS

Á sahida da velha capital da Russia, no sitio em que esta cidade meio asiatica, immensa como a antiga Babylonia ou Ninive, é finalmente vencida pelo espaço e, rareando cada vez mais as suas habitações, se confunde com os prados e campos, interminaveis planicies sem cultura que por todos os lados a rodeiam, como as aguas do mar a uma ilha, ahi mesmo nos confins da cidade existe uma casinha de um só andar com as suas lojas, velha, denegrida do tempo e meio arruinada.

Mas apesar de estar em uma capital, esta casinha não destoa no bairro em que se acha. As outras casas que a circumdam apresentam o mesmo aspecto miseravel e tosco, e todo aquelle bairro da grande cidade parece mais uma aldeola perdida nos plainos da Russia do que parte de uma das mais vastas capitaes da Europa.

A erva cresce no estio pelas ruas, e estas são tão largas que podiam servir para as manobras de um regimento de cavallaria. No outono porém as chuvas enchem-n'as de poças e charcos onde chafurdam os patos e os gansos.

Nem signal de vida. De longe em longe passa um viandante, e, se não é vizinho do sitio, os rapazes só lhe tiram a vista de cima quando elle desapparece. Sente-se por acaso rodar um carro ou um trem de praça, todos os postigos verdes, encarnados, azues se abrem de repente, e vêem-se deitar as cabeças de fóra raparigas e mulheres curiosas de ver um espectaculo tão extraordinario.

N'aquelle bairro tão pacato todos os vizinhos se conhecem, porque alli nasceram, alli cresceram e alli se fizeram velhos. É gente simples, patriarchal, e, ao que parece, completamente extranha a toda a moderna civilização. Vivem, sem tirar nem pôr, como viviam ha dois ou tres seculos os seus antepassados. Pertencem pela

maior parte ás antigas seitas religiosas formadas no seculo XVII quando o patriarcha Nicon, homem douto mas despotico e implacavel, quiz corrigir os livros velhos de diversos *erros de orthographia*. Como estas seitas não quizessem reconhecer as correcções de Nicon, correcções que elle tratava de impor *á força* aos fieis do antigo rito, não só rejeitaram as ordenações do Estado que davam apoio ao feroz patriarcha, mórmente depois das reformas de Pedro o grande, feitas segundo os exemplos dos infieis allemães, mas repelliram até o trajo europeu que o czar reformador as quiz obrigar a usar.

Perseguidas sem piedade durante dois seculos, propagavam-se todavia por toda a Russia alastrando-se pelo povo miudo, e contam hoje pelo menos dez milhões de sectarios.

A sua principal séde é a velha capital, que os imperadores abandonaram como a velha religião. Os bairros de Preobragenskoie e de Rogoscoe, de que estamos tratando, assim chamados dos nomes dos dois cemiterios onde foram sepultados tantos martyres das duas seitas, são as suas verdadeiras capitaes, e ahi residem clandestinamente os seus padres e os seus bispos e e se reunem secretamente os seus concilios ecumenicos.

Mas a corrupção do seculo começa já a in-

vadir tambem estes ultimos refugios da antiga fé, e, quando nas noites de festa a população sae de suas casas para se sentar, á moda do oriente, em frente das portas palestrando com os vizinhos, vê-se não raro um rapaz folgazão, operario de alguma fabrica das cidades, tocar a harmonica em vez da antiga viola, trajar uma jaqueta com botões luzidios em vez da antiga camisola e usar sapatos com saltos, o que é uma abominação allemã; conta-se até que ha sujeitinho que ás escondidas fuma tabaco, o que é um peccado mortal, pois faz assemelhar o homem não a Deus Nosso Senhor, mas ao diabo em pessoa, que nas lendas das vidas dos santos vem sempre representado com o pestilente fumo a sahir-lhe da bocca.

Os velhos abanam tristemente a cabeça e dizem que está chegado o fim do mundo porque a antiga devoção se vae acabando.

Ora os donos da casa, que acima mencionámos, não pertencem aos aborigenes d'este bairro patriarchal. É gente que veiu installar-se alli. Comtudo ninguem na vizinhança os olha com maus olhos, porque é boa gente, simples e teme a Deus. É uma familia que se compõe de marido e mulher, e esperam de dia para dia a chegada de seus velhos paes.

A mulher, posto pareça muito nova, é uma

excellente dona de casa e não quer saber senão dos seus arranjos domesticos. O marido, pobre artista de Saratoff, terá os seus trinta e dois ou trinta e tres annos, mas é muito serio para a edade que tem. Não padece duvida que é tambem da seita. Elle não fuma tabaco, elle não faz a barba, e já se sabe que fazer a barba é considerado como outro peccado gravissimo, porque tira ao homem as parecenças com Deus, a cuja imagem, como é sabido, elle foi creado. Verdade é que o recem-chegado usa sapatos com saltos e traz jaqueta. Mas isso é talvez com medo dos judeus ou porque pertence por ventura a outra seita, em que estas coisas não são prohibidas, e então não ha razão de queixa, porque entre as diversas seitas reina perfeita tolerancia.

Um indicio importante contribue para converter em certeza esta suspeita amigavel.

Os inquilinos eram dois. Mas não havia duvida em que a casa era habitada por muita gente. As provisões que compravam eram taes, que, por mais appetite que tivessem, era impossivel que as comessem todas sósinhos. E de mais algumas velhas nas suas noites de vigilia ouviram ranger a porta e até o rodar de carruagens que evidentemente traziam gente de longe.

—O que podem ser senão irmãos?—diziam em

segredo os velhos. Ninguem de certo iria dizer uma palavra ao seu inimigo commum, o policia que está á esquina da rua. Isso nem por sonhos.

Não se enganava esta santa gente. A casa era com effeito habitada por uma communidade inteira de eremitas, que exerciam a profissão... de mineiros. Os carros que vinham de noite traziam dynamite e tudo o que era necessario para a explosão.

Era a mina de Moscow.

II

A EXCAVAÇÃO

A excavação da mina de Moscow, destinada a fazer saltar pelos ares o trem imperial, principiou em meios de setembro e terminou d'ahi a dois mezes. Era ella uma parte do vastissimo projecto de um triplice attentado do mesmo genero, que devia realizar-se durante a viagem do imperador desde a Crimea até S. Petersburgo, sem falar de outros tres que se referem quasi ao mesmo tempo.

Em tres pontos diversos se faziam minas por

baixo da linha ferrea: proximo de Moscow, proximo de Alexandrowsk e proximo de Odessa.

Suppunha-se que d'este modo era impossivel falhar o golpe.

Diversas combinações fizeram comtudo que fosse exactamente isto o que aconteceu. Os trabalhos da mina no caminho de ferro de Odessa, assim como os de Italianskaia recentemente descobertos, que tinham por fim fazer ir pelos ares o comboio imperial quando passasse pela linha da cidade, tiveram de ser abandonados por causa da mudança do itinerario do imperador. No de Alexandrowsk, organizado por Gelaboff e Okladsky, deixou de rebentar a mina por defeito da capsula, não obstante ter-se fechado a bateria n'um momento opportunissimo; e por isso o comboio imperial passou incolume por cima de um precipicio, no fundo do qual infallivelmente se despenharia ao mais pequeno abalo. Do mesmo modo falharam as outras duas anteriores tentativas; a de fazer saltar a Ponte de pedra em S. Petersburgo, tentativa organizada pelo mesmo Gelaboff e por Tetiorka, por este não ter comparecido á hora aprazada, e a de fazer saltar o vapor imperial nas vizinhanças de Nicolaieff, organizada por Logodenko, o unico attentado descoberto pela policia, porque por mera coincidencia ella foi fazer uma visita domicilia-

ria exactamente á casa onde estavam dispostos os fios electricos.

Só em Moscow tiveram os terroristas a fortuna de realizar ao menos uma tentativa, apesar de ser onde a coisa parecia mais difficil e muito menores as probabilidades de bom exito, principalmente pelo trabalho cyclopico que demandava muitos trabalhadores, que difficilmente se podiam conservar occultos, e pela proximidade da capital, onde era muito grande a vigilancia.

Não contarei o que é já sabido pelos jornaes d'aquelle tempo. Proponho-me sómente revelar dois particulares taes como me foram contados por um amigo meu que tomou parte n'essa tentativa e por cuja veracidade respondo absolutamente.

O primeiro respeita á organização, o segundo á execução do projecto. Ambos elles são bastante caracteristicos não só d'aquella tentativa, mas de todos os emprehendimentos dos terroristas: é a simplicidade levada ao extremo, o que está em flagrante contradicção com todas as idéas que se tem formado do nihilismo, e dos meios e modos de execução que se lhe attribuem.

Crê-se geralmente que os nihilistas dispõem de meios extraordinarios. É um grande erro, e a melhor prova d'isso está na tentativa de Moscow. São tão grandes as despesas da lucta, que

os nihilistas andam sempre a correr como uns esfomeados atraz de uma nota de cem rublos. E por isso vêem-se obrigados a fazer todas as suas coisas com a maxima economia, muitas vezes com risco da propria cabeça.

Com effeito os trabalhos egypcios da mina de Moscow e das outras duas tentativas no caminho de ferro, organizadas no mesmo mez de novembro, custaram ao todo a mesquinha somma de oitenta ou cem mil liras, incluindo a despesa das viagens. E menos custaram ainda as outras empresas de menor fôlego. Assim, por exemplo, a tentativa para livrar um dos condemnados do processo dos 193 no caminho de S. Petersburgo para a cadeia central de Kharkow, organizada em larga escala, e em que se tinham de comprar cinco cavallos, um carro e muitas armas, e de pagar as despesas de um numerosissimo pessoal de sentinellas, postadas em S. Petersburgo, em Moscow, em Kursk e em Kharkow para vigiarem todos os movimentos dos guardas e da policia, essa tentativa não custou, segundo as contas minuciosissimas apresentadas á commissão organizadora pelos que estavam encarregados d'ellas, senão a importancia de quatro mil e quinhentos rublos e umas fracções, isto é, coisa de umas quinze mil liras.

Gastando tão pouco, os terroristas vêem-se

muitas vezes obrigados a tapar com a propria pelle as falhas que, por demasiada economia de materiaes, apparecem nas suas construcções.

Assim, na tentativa de Moscow, por falta de dinheiro, teve de se recorrer a um emprestimo, hypothecando a propria casa onde se fazia a excavação. Tivemos pois de nos sujeitar á visita dos louvados, visita que é sempre feita na presença da policia, e isto quando os trabalhos da excavação estavam já quasi no fim.

Excuso de insistir nos perigos de tal visita.

Os mesmos trabalhos faziam-se com as menores despesas que era possivel. Assim, o instrumento de furar não foi obtido senão já nos ultimos tempos, quando, depois de excessivas fadigas, os mineiros se acharam extenuados de forças. Antes d'isso o trabalho era feito á mão. E como o tempo era humido, a galeria estava sempre cheia de agua, que pingava do tecto e se juntava em baixo, de modo que tinham de trabalhar todos mettidos na agua gelada até ao joelho e mesmo extendidos no lodo, e os mineiros não tinham os fatos impermeaveis dos mergulhadores para os preservarem de tantos soffrimentos n'aquelle antro dantesco.

Para não perdermos a verdadeira direcção da galeria, usavamos artes e instrumentos que um geodesico rejeitaria com desdem. Assim, não se

comprou um astrolabio, nem mesmo uma bussola com quadrante, mas apenas uma d'aquellas bussolasinhas de viagem que só se usam para fazer planos militares.

Com o auxilio d'esta bussolasinha foram achados com mais ou menos precisão os pontos cardeaes, e para os conservar no interior da galeria serviam uns pedaços de ferro presos por um fio ao longo das travessas.

E apesar de tudo isto, quando depois da explosão a mina foi visitada por engenheiros, disseram estes que ella estava muito bem feita. A diligencia suppria a falta dos instrumentos e ferramentas proprias, e a alegria sustentava as forças.

Seria um grande erro imaginar-se aquelle terrivel ajuntamento com os attributos tradicionaes dos conspiradores de theatro. Todas as reuniões dos nihilistas se distinguem pela sua simplicidade e pela carencia absoluta da pompa ou ostentação a que é tão avesso o caracter russo, tão propenso para o ridiculo.

Nas coisas mais serias, quando tem de se arriscar ou ainda de se perder infallivelmente uma ou mais vidas, tudo se combina entre nós em duas palavras. Nada de rhetorica. Nada de discursos patheticos. Só fariam rir, como coisa inteiramente fóra de proposito. Nas nossas dis-

cussões não ha publico. Tudo se faz entre gente que se conhece a fundo e que comprehende perfeitamente o valor das coisas.

De que serviria pois gastar palavras para dizer o que por si se entende e se suppõe? De quando em quando vibra involuntariamente em tom mais profundo uma phrase, uma palavra, ou n'um relancear de olhos lampeja um raio de enthusiasmo. Se uma pessoa que não entendesse a nossa lingua assistisse a uma reunião dos terroristas, d'aquellas em que se combinavam as coisas mais tremendas, tel-a-ia tomado por uma reunião de gente pacatissima que fala com todo o socego e simplicidade do negocio mais innocente.

Digo isto para servir de regra aos senhores romancistas que se dignaram representar typos da vida nihilista, porque todos fazem d'elles heroes de melodrama que para nós em vez de excitar enthusiasmo, como se lhes attribue, teriam surtido exactamente o effeito contrario, porque levantariam sem duvida suspeitas sobre a resolução do falador nimiamente facundo; sabe-se que cão que ladra não morde.

A excavação de Moscow póde servir de excellente illustração ao que digo. Quanto ao perigo que corriam todos os que se achavam na casa fatal, não podia ser certamente nem exag-

gerado nem desconhecido. Segundo as leis russas, quando se trata de um attentado contra a vida do imperador, todos os cumplices, sem distincção de categoria, incluindo os que não denunciaram, são punidos com a morte. E esta morte adejava a cada momento, de dia e de noite, por cima das cabeças dos mineiros, e de quando em quando elles sentiam o ar frio das suas azas negras e viam que ella estava muito prestes a leval-os.

Dias antes de passar o imperador, veiu a policia áquella casa com um pretexto futil. Os trabalhadores tiveram logo aviso. A policia não viu senão os donos legitimos da casa e estava tudo disposto de maneira a desviar as menores suspeitas; comtudo a mais leve alteração no rosto, o mais leve tremor de voz podiam suscital-as e provocar uma pesquisa mais minunuciosa que deitaria tudo a perder.

Outras vezes era para recear que nascesse alguma desconfiança no espirito dos nossos curiosos vizinhos, como se póde ver no relatorio do processo dos dezeseis. Sophia Perowskaia teve artes de os desviar.

Para mostrar que os mineiros se não illudiam com a sorte que os esperava, basta recordar o facto de estar collocada no interior da casa uma garrafa de nitro-glycerina.

E sem embargo todo o tempo que durou o trabalho a sociedade conservava sempre a melhor disposição de espirito. Ao jantar, quando todos se reuniam, conversavamos, riamos como se nada houvesse, e a propria que trazia no bolso um revólver carregado para fazer ir pelos ares tudo aquillo e a todos nós, Sophia Perowskaia, alegrava as mais das vezes a companhia com o seu riso argentino. Um dos mineiros compoz até uns versos comicos em que se contavam em estylo faceto as varias peripecias e episodios da excavação.

DUAS FUGAS

I

Por meado de janeiro de 1880, não me lembra bem o dia, juntaram-se uma noite em Genebra alguns emigrados em casa de um dos seus companheiros o sr. G... para tomarem uma chavena de chá.

Estava bastante gente, talvez umas seis ou sete pessoas, e todos, o que é mais raro em reuniões de emigrados, bastante alegres. A elegante senhora G..., dona da casa, sentou-se ao piano que ella sabia tocar com tanta graça e com tanto coração, e cantou-nos algumas canções da Ukrania. Estavam todos um pouco enthusiasmados com a musica. Gracejavam, riam. O assumpto principal da conversação foi a fuga

de um amigo nosso do degredo da Siberia, fuga de que n'aquelle mesmo dia nos chegára a noticia.

Depois de se terem contado todas as circumstancias d'este acontecimento, que até áquella hora se sabiam, de se terem feito todas as observações e imaginado todas as hypotheses a este respeito, veiu um momento d'aquelle silencio de morte, insuperavel, em que os Russos dizem: «nasceu um tolo» ou «paira sobre nós o anjo do silencio», segundo o gosto de cada um.

Então sob a inspiração de tanto que se falou ácerca da fuga do tal nosso amigo, occorreu-me a idéa de propor aos circumstantes, entre os quaes se achavam Krapotkine e Bokhanowsky, que contasse cada um a maneira como effectuou a sua fuga, porque quasi todos tinham a sua. Devo a esta proposta, que foi acolhida com geral approvação, a possibilidade de fazer este escorço.

Bem se desculpava Krapotkine, dizendo que tinha já contado a sua fuga tantas vezes que estava farto até aos olhos e não podia mais. Mas teve de ceder á insistencia de todos.

«Desde o primeiro dia da minha prisão, começou elle, nem um momento abandonei o proposito firme de fugir, custasse o que custasse. Mas, se alguma coisa é impossivel n'este mundo, é fugir da fortaleza de S. Pedro e S. Paulo. Forjava planos ou antes phantasiava-os, porque eu bem sabia que não passavam de sonhos vãos».

Depois d'este proemio Krapotkine contou como fôra transferido para o hospital de Nicolau, onde tratou de fazer acreditar aos guardas que estava sempre *in extremis*, etc. Não repetirei o que já fica dicto na biographia. Passo ao principal.

«O medico mandava-me dar um passeio todos os dias, e á uma hora levavam-me para o pateo maior do hospital. Ao meu lado estava sempre uma sentinella de espingarda ao hombro.

«Comecei a observar tudo minuciosamente para assentar bem o meu plano.

«O pateo era grande. A porta, que de ordinario se conservava fechada, estava então aberta, porque n'aquella estação (estavamos em julho) fazia o hospital as suas provisões de lenha para o inverno, e como este serviço não devia durar mais do que algumas semanas, deixaram

de pôr sentinella á porta. Já isto era uma grande vantagem.

«O meu passeio era ao fundo do pateo, mesmo em frente da porta. A sentinella não me largava e andava sempre ao meu lado entre mim e a porta. Ora como eu andava mais devagar do que uma tartaruga, o que, como é sabido, fatiga mais um homem são do que andar aos saltos e aos pulos, o soldado recorria ao subterfugio seguinte: percorria uma linha parallela ao meu caminho, mas uns cinco passos mais perto da porta. Assim podia o caminho d'elle ter mais dez passos do que o meu porque em qualquer das extremidades da sua linha estava sempre á *mesma* distancia da porta, que eu na extremidade da minha.

«Este calculo, que a sentinella de certo fazia a olho, era justissimo em theoria. Mas, pensei eu, se nos deitarmos ambos a correr, o soldado por um instincto natural procurará alcançar-me o mais depressa possivel, e por isso ha de correr para mim em vez de correr para a porta para me tomar o caminho. E assim percorrerá dois lados do triangulo em quanto eu percorrer só um terço.[1]

---

[1] Conservo o modo de expressão caracteristico para um mathematico, que bastante me impressionou quando o ouvi.

«N'este ponto tinha eu pois uma vantagem. Podia ter esperança de chegar primeiro á porta do que elle, correndo com a mesma velocidade; eu esperava correr mais depressa, mas não podia ter a certeza por me achar muito fraco da doença.

«Se me esperasse á porta, dizia eu, uma carruagem prompta para me metter dentro, tinha muitas probabilidades de fugir.

«Estava para mandar aos meus amigos uma carta com o esboço do meu plano, quando recebi outra d'elles que tratava do mesmo assumpto. Entabolou-se correspondencia. Não contarei os diversos planos e projectos lembrados e postos de parte. Foram muitos. Havia muitas questões a resolver. Deviam os meus amigos entrar no pateo, como me propuzeram, para de uma maneira ou de outra entreterem a sentinella? Devia a carruagem esperar-me á porta ou á esquina do hospital, onde não daria tanto nas vistas? Devia alli postar-se um dos nossos ou deixar-se lá ficar sósinho o cocheiro?

«Eu propuz o plano mais simples e natural, que foi afinal o que se adoptou. Não havia de entrar ninguem no pateo. O carro esperaria á porta, porque não me sentia com forças de correr até á esquina. Um meu amigo intimo propoz-se estar alli ao pé para me ajudar, sendo

preciso, a subir mais depressa, e especialmente para me vestir logo que subisse, porque eu tinha de effectuar a fuga pouco mais do que em ceroulas e camisa.

«No hospital o unico fato que nos davam era o uniforme da enfermaria, uma coisa larga e incommoda e tão comprida que ao andar tinha de apanhar no braço a minha propria cauda. Correr com um tal empecilho é que não podia ser. A primeira coisa que tinha a fazer para deitar a fugir, era pois largal-o, fosse como fosse. O que porém era indispensavel era andar n'isto com a velocidade do raio, porque um só instante de demora que houvesse podia estragar tudo.

«Passei muitos dias a fio na minha cella a exercitar-me n'esta operação. Vi que para a pôr em pratica com a maxima celeridade possivel tinha de a dividir em tres movimentos elementares, como se faz no exercicio dos recrutas: um, dois, tres!

«Faltava o mais difficil: a escolha do momento. Esta dependia das condições das ruas por onde se devia passar. Um carro de lenha, um destacamento de soldados em marcha, um cossaco a cavallo, eram coisas que podiam fazer gorar tudo, tanto mais que as ruas por onde deviamos passar eram muito estreitas e tortuo-

sas. Era pois forçoso vigial-as e darem-me aviso quando as vissem livres de todo e qualquer obstaculo. Para este fim deviam collocar-se sentinellas em quatro pontos diversos. A quinta sentinella, logo que recebesse aviso d'estas quatro, havia de dar-me no momento opportuno o signal decisivo. O signal seria fazer elevar um balão encarnado em certo sitio por detraz do muro, que era muito alto, do pateo onde eu passeava.

«Eu tinha ainda lembrado pôr-se uma sexta sentinella á esquina exterior de uma viella que estava mais adeante, e que, por ser muito estreita e muitissimo comprida, bastava entrar n'ella um carro no momento da nossa fuga para nos estorvar sem remedio o caminho, pois que era impossivel que elle chegasse á outra extremidade em quanto nós percorressemos a distancia que ia da porta do hospital á entrada da tal rua. Mas como dispunhamos de pouca gente, tivemos de dispensar esta sexta sentinella.

«No dia marcado fui para o meu passeio cheio de esperança e inquietação. Olhava e tornava a olhar para o sitio do muro onde devia apparecer o balão encarnado, mas nada. Estava quasi a acabar-se-me a hora do passeio, e ainda nada. Acabou-se-me a hora e com ella acabaram as minhas esperanças. Com a imaginação tão exal-

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

tada que é propria dos presos, não fazia senão supposições qual d'ellas a mais terrivel. Estava persuadido de que se tinha ido tudo por agua abaixo.

«Pois não, senhores; foi uma coisa que não valia nada. Por uma coincidencia exquisita não tinham podido achar um balão encarnado nem em todo o Gostini Dvor nem em nenhum dos armazens de quinquilherias e bijuterias que correram durante a manhã toda. Não havia senão balões brancos e azues, e esses não os quizeram os nossos amigos comprar e com razão, porque em questão de signaes nunca se deve fazer mudança alguma, por mais insignificante que pareça.

«Foram comprar á pressa uma bexiga de borracha encarnada a um armazem de objectos de gutta-percha e encheram-n'a de gaz arranjado mesmo por elles. Mas ficou tão mal feito que no momento opportuno quando a sentinella lhe largou a corda, o balão não subiu mais do que alguns metros e veiu a terra, antes de chegar á altura do muro do pateo. A sentinella furiosa ainda quiz impellil-o para cima com a mão; mas ainda era peor.

«Aqui está o acaso a que eu devi tantas horas de tormento; mas devi-lhe tambem a minha salvação, porque exactamente no momento de

se deitar o balão ao ar, entravam na tal viella que disse e onde se não tinha posto nenhuma sentinella, uns carros de lenha que necessariamente nos tomariam a passagem e deitariam tudo a perder.

«Seguiu-se outro intervallo para combinarmos por cartas as modificações indispensaveis. Sempre teve de se collocar outra sentinella na viella, como era natural. Mas isto trouxe comsigo a alteração de todo o plano, porque não havia meio de receber os signaes de todas as cinco sentinellas a que estivesse ao pé do muro do pateo para me dar o signal decisivo. E então ou se haviam de pôr sentinellas accessorias para a simples transmissão dos signaes, ou se havia de mudar o signal decisivo.

«Optou-se por este ultimo expediente.

«Um dos nossos alugou um quarto fronteiro ao hospital em terceiro andar. Da janella podiam-se ver não só as cinco sentinellas mas até o pateo onde eu andava a passear. O signal haviam de m'o dar por meio de uma rabeca, que o meu amigo devia tocar de todas as vezes que os signaes fossem todos propicios, devendo calar-se logo que algum fosse desfavoravel. Uma outra vantagem d'este projecto era o ser-me indicado repetidas vezes o tempo em que a fuga não offerecia perigo, podendo eu escolher á minha vontade o momento opportuno.

«No primeiro dia quando tudo estava já prompto e o carro me esperava á porta, fui eu que dei aos meus amigos alguns momentos amargos. A minha doença aggravou-se e eu senti-me tão fraco que não me atrevi a arriscar-me. Por isso mesmo não desci ao pateo, e elles pensaram que os guardas tinham desconfiado e não me deixaram dar o passeio.

«Restabeleci-me d'ahi a dois dias e resolvi aproveitar este intervallo de melhoras.

«Dispuz tudo; os chinelos, o habito de enfermo que precisou de ser descosido em alguns sitios para o poder tirar mais depressa; tudo ficou prompto.

«Fui para o meu passeio. Mal entrei no pateo, senti tocar a rabeca. Cinco minutos esteve tocando, mas eu não quiz aproveitar os primeiros momentos porque ao principio ha sempre, por instincto mais cuidado na guarda. Mas calou-se a rabeca e d'ahi a dois minutos entraram no pateo uns carros com lenha. Em seguida, continua a musica.

«D'esta vez decidi metter-me á obra. Olhei para a sentinella; percorria o seu caminho do costume, a cinco passos de distancia entre mim e a porta. Olhei-lhe para a espingarda. Que estava carregada, sabia eu. Mas faria fogo ou não faria? Era provavel que não, porque, estando

eu a tão pouca distancia, devia de preferencia querer deitar-me as unhas. O que me podia fazer mais mal era a baioneta, se por acaso na corrida me faltassem as forças. Mas tinha já feito os meus calculos para esta hypothese. Se eu não tratasse de fugir, tinha a certeza de que morreria. «Ou agora ou nunca!» disse eu commigo. Agarrei a vestimenta... Um!...

«Mas n'isto cala-se a rabeca.

«Senti-me cançado, como se tivesse levantado um grande peso.

«Passados momentos, torna a musica; acabára de passar por uma das viellas uma patrulha.

«Apenas a sentinella chega á extremidade do seu caminho, sem perder um momento, faço os tres movimentos que tinha bem estudados, deito fóra o habito e largo como uma setta. A sentinella bramando corre sobre mim para me filar, em vez de ir direita á porta para me tomar o passo; e d'este modo percorreu os dois lados do triangulo, como eu tinha previsto. Mas era tal a minha debilidade que os que viram de alto esta nossa carreira desesperada disseram que o soldado não me levava mais de tres passos de atrazo e por um tris me não alcançava com a baioneta. Mas isto não via eu. Só lhe ouvia os urros, e os gritos dos carreiros que es-

tavam a descarregar a lenha ao fundo do pateo.

«Chegado á porta, vi alli um carro, mas houve um momento em que eu duvidei se era o nosso, por que não podia reconhecer no official que estava todo attento a olhar para a rua o meu amigo. Para o fazer voltar bati as palmas, com surpresa dos meus amigos que estavam a observar esta scena que elles tomaram por signal de bom agoiro.

«O official volta-se, reconheço-o, e mais depressa do que se diz acho-me dentro do carro que despede como um raio, e sinto-me envolto n'um capote de militar que o meu amigo trazia já preparado, juntamente com um bonnet de official.

«No hospital, soube depois que tinha havido uma balburdia infernal. O official da guarnição acudiu com os soldados aos gritos da sentinella. Com a cabeça desorientada, arrancava os cabellos e gritava:

«—Estou perdido, estou perdido! Corram, sigam-n'o, agarrem-n'o.

«Mas estava incapaz de dar qualquer ordem.

«Um dos nossos, o da rabeca, desceu açodado para a rua e chegando-se ao official começou a mostrar-se muito pesaroso de o ver assim e a perguntar-lhe: o que foi que acon-

teceu? quem é que fugiu? como foi? quando? por onde? etc., e o official consternado entrou a responder-lhe, perdendo d'est'arte um tempo precioso.

«Uma velha que alli estava deu um conselho terrivel:

«—Que estão ahi? — disse ella. — Darão uma volta e hão de vir sem falta parar a Newsky. Não tem que ver. Tirem os cavallos d'estes omnibus (estavam á porta do hospital) e vão-lhes sahir ao encontro. Não ha nada mais simples.

«E nós com effeito não tinhamos outro caminho. Mas felizmente não seguiram o conselho da experta megera».

II

Quando Krapotkine acabou a sua historia, chegou a vez de João Bokhanowsky[1], por alcunha o Cossaco, porque sendo oriundo da Ukrania, era muito parecido com os antigos

[1] Fugiu da cadeia de Kiew, no verão de 1878, juntamente com Leo Deuc e Jacob Stephanowic. (V. o capitulo ácerca d'este ultimo.)

cossacos d'este paiz pela sua coragem, sangue frio imperturbavel e pela sua taciturnidade.

Voltaram-se todos para elle, e elle tirou da bocca o seu cachimbosinho de pau.

—Mas, meus senhores—disse—não tem nada que contar. Elle veiu, agarrou em mim e sahimos. Não ha mais nada.

—Não, não—gritaram os circumstantes.

—Conta tudo de fio a pavio.

—Então lá vae; quando chegou o dia aprazado, veiu elle com as chaves ás nossas cellas...

—Não, não,—interrompem de novo.—De fio a pavio, queremos tudo tim tim por tim tim.

O cossaco, vendo que não podia fugir, encheu vagarosamente o cachimbo com os modos de quem se prepara para uma longa viagem, accendeu-o, experimentou se ardia bem, e principiou a sua historia que continha mais palavras do que as que elle gastaria de ordinario em tres mezes pelo menos.

«—O Miguel tinha vindo para a cadeia coisa de dois mezes antes da nossa fuga. Custou muito e levou muito tempo a mettel-o lá. Por fim conseguiu ser admittido com o passaporte falso de um camponez chamado Fomenko. Pri-

meiro entrou na qualidade de simples cortador de lenha, depois passou ao posto de guarda.

«Não tardou muito que com a sua diligencia no desempenho do serviço e um comportamento irreprehensivel elle conseguisse cahir na graça de todos os seus superiores. Um mez depois foi promovido ao posto de cabo da guarda em um dos corredores dos presos por delictos communs.

«Para dar ao director uma prova esplendida das suas excellentes qualidades moraes, o Miguel, seguindo o conselho de Stephanowic, foi um dia espreital-o quando elle na sua cella escrevia já de caso pensado um bilhete sem importancia para ser apanhado em flagrante.

«O director não quiz aproveitar a denuncia.

«É preciso dizer que na cadeia de Kiew a posição dos presos politicos era n'aquelle tempo de todo o ponto excepcional. O terrorismo, que a principio escolhia as suas victimas nos empregados secundarios, causou em Kiew um tal terror panico que todos, desde o procurador até ao director da cadeia, nos traziam nas palminhas com medo de serem assassinados ao primeiro signal que déssemos. Por isso o director assim que soube que quem escrevia era nem mais nem menos do que o proprio Stephanowic, de todos o mais temido, contentou-se com di-

zer: — Deixa-o escrever! — e não quiz saber mais de tal. Mas d'aquelle dia em deante o Miguel conquistára-lhe as boas graças.

«O director, para nos ser agradavel, déra a todos os presos politicos por cabo da guarda um tal Nichitas, excellente pessoa, bom como um santo. Mas tornava-se necessario desembaraçarmos-nos d'elle a todo o custo, porque era muito provavel que, vagando o logar, fosse o Miguel provido n'elle.

«A coisa não era facil, porque o bom do homemzinho não nos fazia mal nenhum. Nós a accusál-o descaradamente ao director de offensas que elle nem por sonhos se lembrou nunca de nos fazer, o director a reprehendel-o, a gritar com elle, a ameaçal-o sem elle ter a menor culpa; e elle, coitado, em vez de se zangar comnosco e de commetter alguma imprudencia, que era o que nós esperavamos, supportava tudo com a maior resignação e repetia:

«— Jesus Christo tambem soffreu, soffrerei eu tambem.

«Estavamos desesperados. Por fim Valeriano Ossinsky, que estava cá fóra a organizar a nossa fuga, teve a feliz lembrança de ir á loja onde Nichitas era freguez, e travando, como por acaso, conhecimento com elle, disse-lhe que precisava de um administrador para uma fabrica de assu-

car no interior da provincia. As vantagens eram grandes, e Nichitas mordeu a isca. O negocio concluiu-se sem mais demoras.

«Depois de receber o dinheiro para a viagem e o ordenado de um mez adeantado, Nichitas deixou o serviço da cadeia porque tinha de partir immediatamente.

«Mas sobrevieram certas demoras, depois outras, até que, tendo-se effectuado a nossa fuga, se lhe devolveu o passaporte com uma breve carta em que se lhe dizia que já não eram precisos os seus serviços. A razão d'isto poude elle bem adivinhal-a então.

«Logo que ficou vago o seu logar na cadeia, veiu o director falar amigavelmente com Stephanowic e Deuc sobre quem o havia de substituir.

«—Não lhes parece que Fomenko (o Miguel) faria um bom logar?

«Stephanowic fez um gesto de descontentamento e mastigou entre dentes:

«—Um espião, é o que elle me parece.

«—Que diz? É um excellente homem!

«O director defendia-o.

«O Miguel foi nomeado cabo da guarda para o corredor dos presos politicos.

«O principal estava feito. Mas ainda não era tudo. Abrir-nos as portas das cellas, isso podia

elle fazer, mas como haviamos de sahir todos quatro, tendo a cadeia uma guarnição militar?

«O que porém era indispensavel era não perder um instante. A posição de Miguel corria o maior dos perigos. A cadeia estava atulhada de presos politicos de toda a especie, a começar por mancebos que para lá tinham sido mandados por simples suspeitas e acabando por grandes revolucionarios seriamente compromettidos. Era gente de toda a casta, e o Miguel tornára-se conhecido e notado de muitos pela actividade de que déra provas. De denuncias não havia receio, porque, como elle era já desde muitos annos *illegal,* não tinha relações immediatas senão com os *certos;* mas podia alguem livral-o de uma indiscreção innocente, principalmente tratando-se de um caso tão notavel?

«Estavamos mesmo sobre brazas.

«Decidimos aproveitar-nos o mais depressa possivel da situação favoravel que o Miguel nos proporcionára. Logo que ficou bem seguro no seu novo cargo, tratámos de fixar a noite para a nossa fuga. O modo mais natural de sahirmos era vestirmos-nos de sentinellas e fingir que sahiamos para os nossos quarteis por termos acabado o serviço.

«Para dois arranjou o Miguel as fardas de soldado; mas os outros dois tinham de ir á pai-

zana. Não havia para todos nós senão uma só espada; mas não quizemos esperar mais tempo.

«Na noite do dia aprazado veiu o Miguel trazer-nos as fardas. Vestimol-as, em seguida formámos com os cobertores uns bonecos que extendemos em cima das camas, para que de manhã imaginassem que estavamos a dormir.

«Á meia noite veiu o Miguel abrir-nos as cellas. Mas aqui appareceu-nos um obstaculo imprevisto. O subalterno que tem de estar toda a noite de vela, lembrou-se de vir para o nosso corredor, e não mostrava pressa nenhuma de se ir embora.

«Então Stehpanowic deixou cahir, como por acaso, para o jardim um livro desencadernado, o qual, assim que cahiu, ficou todo desfolhado pelo chão. Stephanowic voltou-se para Miguel e pediu-lhe que lh'o mandasse buscar depressa. Miguel disse ao subalterno que o fosse apanhar e o trouxesse para a secretaria, e, em quanto este se ia entretendo com tal trabalho, sahimos nós muito de mansinho das nossas cellas e encaminhámos-nos para a porta.

«Ao passarmos pelo corredor ao fundo, deu-se uma occorrencia terrivel. A corda da sineta de alarme cahia alli suspensa do tecto. Como eu caminhasse cosido com a parede em profunda escuridão, tropecei não sei em que. Para não ir

ao chão, extendo as mãos para a frente, sinto uma coisa tocar-me nos dedos, agarro-me a ella... Com todos os diabos! uma sonora campainhada estruge por todo o edificio. Era a corda da sineta.

«O susto, a vergonha, o ridiculo da nossa desgraça passaram-me como um relampago por deante dos olhos. Julgamos tudo perdido. Ouviam-se já os passos e as vozes dos soldados da guarda que se levantavam á pressa. Mas o Miguel disse-nos que nos escondessemos em diversos vãos, e correu á casa da guarda a dizer que elle é que puxára casualmente a corda. Voltou tudo a ficar em socego.

«Eis porém novo embaraço. Como cada um de nós se tinha escondido em seu canto, ao sahirmos pouco faltou para nos perdermos uns dos outros no meio da escuridão. O Miguel teve de andar um bom boccado para nos reunir.

«Estavamos em ordem. Recomeçámos a marcha. Agora faltava o mais difficil, a passagem pela porta da cadeia por deante do porteiro e da sentinella. Isto é que correu á maravilha. Á voz do Miguel o porteiro deu-lhe a chave para abrir a porta, e a sentinella na sua guarita não deu attenção ao nosso extranho vestuario.

«Apenas, porém, tinhamos dado alguns pas-

sos, depara-se-nos estacado na nossa frente um official, como se surgisse alli mesmo do chão. Mas desembuça-se e reconhecemos Valeriano Ossinsky, que nos extende as mãos radiante de alegria.

«Esperava-nos com uma carruagem para nos transportar de batida para o Dnieper, onde se baloiçava um barco aprestado para longa viagem e com provisões de bocca de toda a especie.

«Momentos depois deslisavamos pelo meio do rio, tomando rumo para o meio dia. Cerca de uma semana durou esta viagem fluvial. De noite puxavamos o barco para o meio do arvoredo das praias e repoisavamos algumas horas. De dia navegavamos quanto os remos podiam dar, e se enxergavamos ao longe no horizonte o fumo de algum navio a vapor, escondiamos-nos nos juncaes que bordam o Dnieper.

«Chegados a Krementchiug, tornámos a encontrar ahi Ossinsky que fôra ter comnosco pelo caminho de ferro e nos trazia passaportes e tudo o que era preciso.

«Soubémos por elle que a cidade de Kiew fôra toda revolvida de cima para baixo, porque se suspeitava que estivessemos lá escondidos.

«Só de manhã é que deram na cadeia pela

nossa fuga. Vendo-se que o Miguel desapparecêra comnosco, ninguem atinou com a verdade. Era tal a confiança que soubéra inspirar, que o director e todos os mais acreditaram que para realizar a nossa fuga o tinhamos matado, e andavam por toda a parte a procurar-lhe o cadaver.

«Só depois das averiguações necessarias e de se provar a falsidade do passaporte, é que toda a gente conheceu o segredo, até então inexplicavel, do acontecido.»

E assim terminou o cossaco a sua historia.

Outros ainda falaram depois d'elle. Mas por serem menos interessantes as suas narrações e o espaço limitado, deixamos de as escrever.

OS UKRIVATELOS

(ENCOBRIDORES OU CAPAS)

Estamos outra vez em S. Petersburgo.

Eu era perseguido; os esbirros andavam-me na pista. Duas vezes a fio tive de mudar de casa e de passaporte.

Mas não podia trocar a capital por uma cidade qualquer da provincia; a commissão de que eu estava encarregado, não a podia passar a outrem, e além d'isso gostava d'esta cidade e do seu terreno abrazado, da sua vida nervosa e ardente sob um aspecto de frieza e tranquillidade.

Esperava que a tormenta, que de quando em quando perseguia todos os homens *illegaes,* se amainasse de per si dentro em pouco e que com

algumas cautelas mais eu pudesse metter-me em minha casa sem ser preciso recorrer aos *ukrivatelos.*

Mas o que vem ser estes *ukrivatelos?*

É uma classe numerosissima, composta de gente de toda a casta, começando pela aristocracia e pelos cidadãos de mais representação e acabando nos empregados menores de todos os ramos do serviço governativo, incluindo a policia, que, posto sigam as idéas revolucionarias, têem diversas razões para não tomarem parte activa na lucta, mas, aproveitando-se da sua posição social, ajudam immensamente os luctadoses, *encobrindo* nas occasiões precisas objectos e pessoas.

Seria necessario um livro de proposito para descrever esta sociedade original no seu genero, vastissima e talvez mais variada do que a parte militante.

Mas o meu fim é unicamente apresentar n'este meu trabalho alguns dos typos que tive occasião de conhecer pessoalmente.

Tinha acabado de tomar chá, quando me entrou no quarto o *dvornik,* não o da casa, que

é o representante do poder supremo da policia, mas o nosso amigo, o terrivel Dvornik, a quem foi posta esta alcunha por brincadeira, porque não tolerava a minima incuria ou transgressão em tudo o que dizia respeito ás precauções e medidas de segurança, prescriptas pelo nosso «codigo».

—O que ha de novo?—perguntei eu, offerecendo-lhe uma chavena, pois sabia que, se não fosse por causa de algum *negocio,* elle não era capaz de apparecer.

—Já estás sendo vigiado aqui – me disse elle. —Para acabar com isto por uma vez, venho buscar-te. É preciso esconderes-te.

Já o esperava. Mas como ninguem vae por seu gosto sujeitar-se á prisão voluntaria no meio de uma cidade cheia de vida e animação, pedi ao Dvornik que me désse algumas explicações.

Poz-se elle a contar. Eu ouvia-o, dirigindo-lhe no intervallo de cada gole de chá algumas perguntas para me certificar da realidade do perigo. É tão cheia d'elles esta nossa vida, que seria preferivel deitar-se a gente ao Neva a querer attender a tudo.

D'esta feita, vamos lá, para dizer a verdade, não era caso de assustar. Vigiavam-me sim, mas sem grande rigor. A coisa podia ficar por alli, e, se em vez do Dvornik, outro m'o tivesse di-

cto, ter-me-ia insurgido para conservar mais algum tempo a minha independencia. Mas com elle é que se não podia brincar. Por isso, depois de algumas infructuosas tentativas de resistencia, não tive mais remedio do que entregar-me nas suas mãos.

Perguntei-lhe aonde me queria levar.

—A casa do Bucephalo—disse elle.

Arranquei um profundo suspiro, pensando na minha triste sorte. O Bucephalo era um tal conselheiro Tarakanoff[1], empregado no ministerio do interior, assim alcunhado, porque, á semelhança do cavallo de Alexandre da Macedonia, tinha medo da propria sombra.

Medroso como um coelho, de tudo se arreceava. Nunca chegava á janella, porque tinha medo das correntes de ar; nunca atravessava o Neva embarcado, porque tinha medo de se afogar; nunca se quiz casar, porque tinha medo de ser atraiçoado.

Mas como era discipulo enthusiasta de Tchernischewsky, seguia theoricamente as idéas dos re-

[1] Julgo do meu dever prevenir o leitor de que, conservando todas as circumstancias caracteristicas, mudei os nomes e alguns pormenores de menos importancia para evitar que sejam reconhecidos da policia os que o não devem ser. Segui este systema, tanto n'este esboceto como no de «Um passeio a S. Petersburgo.»

volucionarios, e, conhecendo pessoalmente muitos de entre elles, prestava-se de boa vontade ao mister de *encobridor* e era um dos mais seguros.

A sua posição official, e mais talvez ainda o seu caracter tão pouco revolucionario, punham-n'o ao abrigo de toda a suspeita, não menos ou ainda mais do que a mulher de Cesar. Elle bem sabia que nada tinha a recear, mas tomava sempre medidas rigorosas de segurança propria e em toda a parte não via senão espiões.

É facil imaginar quão dura seria a condição de quem estivesse sob um tal guarda.

Observei ao Dvornik que era melhor esperar pela noite para sahirmos, porque talvez então os espiões, que elle vira rondar ao pé da casa, se retirassem. Elle, porém, disse que não, accrescentando que pelos espiões respondia elle.

Depois de acabarmos o chá, procedemos ao despejo do quarto, isto é, á destruição de tudo o que pudesse servir para alguma coisa á policia. Por fim preveni a dona da casa de que ia passar alguns dias ao campo, que lhe escreveria se me demorasse, etc., e sahimos.

Tinhamos dado alguns passos, quando vi dois sujeitos parados em frente do mostrador de uma loja, como que a verem. O Dvornik, mostrando-m'os com os olhos, fez com a cabeça um signal

imperceptivel que queria dizer: «são elles», e depois outro com o queixo que significava: «andemos para deante».

Começou a «caçada», coisa que por muito pouco interessante não vale a pena de se contar, e que por muito frequente já nos não incommodava.

E com um parceiro como o que eu levava era antes um divertimento.

O Dvornik era um verdadeiro especialista em tudo o que respeita á lucta com a policia e com os espiões, e possuia n'este ramo conhecimentos vastissimos augmentados com um estudo longo e aturado.

Alugára de proposito um quarto em frente da casa do chefe da policia secreta e passava dias inteiros a examinar todas as pessoas que para lá entravam, de maneira que conhecia de vista uma grande parte dos espiões de S. Petersburgo e tinha feito d'elles uma especie de classificação segundo os costumes, o caracter, o modo de vigiar, de dar caça, etc., e podia prestar informações interessantissimas de todos estes particulares. Á força de estudar aquella sucia, adquiriu uma habilidade especial para os reconhecer á primeira vista por certos signaes muito pouco importantes que escapam aos

olhos mais attentos. Parecia exactamente um dos Pelles Vermelhas de Cooper em lucta com a raça inimiga. E depois o Dvornik conhecia como as palmas das mãos a topographia de S. Petersburgo e todas as casas de duas entradas, por ter feito d'ellas um estudo longo e paciente.

Passando por estas casas e tomando diversas direcções, umas vezes a pé e outras em carruagem de aluguel, conseguiu elle em meia hora pôr-se a coberto de qualquer perseguição e encaminhámos-nos para casa de Tarakanoff com um luxo de cautelas, de signaes e de avisos, que eram o fraco do Dvornik.

Tarakanoff, homem dos seus trinta e cinco annos, baixo, gordo e cheio, esperava-nos. Fôra prevenido. Veiu elle mesmo abrir-nos e acto continuo levou-nos para uma casa interior, precaução superflua porque morava sósinho e a casa não tinha mais de tres divisões. Mas Tarakanoff não podia dispensal-a. Não estava mais na sua mão.

Como já nos conheciamos alguma coisa, não foram precisas apresentações.

A primeira pergunta de Tarakanoff foi se nos não tinham visto entrar na escada.

—Saibam,—accrescentou,—a inquilina cá de baixo, que é uma mulher de olhos grandes como isto, florista ou modista, que sei eu? quando

me vê passar não tira os olhos de mim. Não tem que ver, é uma espia.

Ficou mais socegado quando lhe respondemos que não, mas voltando-se para mim disse com toda a seriedade:

—Em todo o caso, não deve sahir nem por um momento do quarto. De dia é a florista, á noite é o guarda-portão, que é espião tambem. Estamos cercados. Eu lhe trarei tudo o que lhe fôr preciso.

Fiz tristemente com a cabeça um signal de assentimento, e mais ainda porque sentia em cima de mim o olhar severo do Dvornik.

Sahiu este, e Tarakanoff levou-me para o quarto que me estava destinado, no qual achei uma pequena mesa para escrever, alguns livros de economia politica e um sofá para me servir de cama.

Despedira poucos dias antes a cozinheira que o servia; dizia-se que por desconfiar que fosse tambem da espionagem, mas Tarakanoff negava isto dizendo que era mentira e que a despedira por lhe metter muito as unhas na despesa. Fosse como fosse, não quiz tomar outra cozinheira e mandava ir o jantar de uma casa de pasto proxima.

Para não interromper os seus habitos, Tarakanoff sahiu e deixou-me só, promettendo que voltaria ao anoitecer. Mas havia já muito tempo

que se accendêra o gaz na rua fronteira, e elle ainda não tinha vindo.

Começava a inquietar-me. Mas finalmente ouvi entrar a chave na fechadura e elle appareceu são e salvo.

Apertei-lhe com força a mão e dei-lhe parte do cuidado que me inspirára.

— Para não ser perseguido — respondeu elle — não quiz vir para casa directamente e por isso dei algumas voltas.

Admirei-me interiormente das extranhas precauções do bom do homem.

Passámos a noite em companhia, conversando em diversos assumptos.

Ao menor ruido que se sentia na escada, Tarakanoff interrompia logo a conversa e punha-se á escuta. Eu tratava de o tranquillizar, dizendo-lhe que não podia haver perigo.

— Bem sei — respondia elle candidamente — se o houvesse, não dizia eu que viesse para minha casa; mas o que quer? tenho medo.

Cerca da meia noite, despedi-me do meu hospedeiro para me ir deitar. Até que adormeci estive sempre a ouvil-o girar de um lado para o outro no seu quarto.

Ao outro dia, quando, depois de termos tomado junctos o chá, Tarakanoff sahiu para a sua repartição, veiu visitar-me o Dvornik para

me incumbir de escrever um artigo a respeito de alguns assumptos de occasião, e para isso trazia os apontamentos, jornaes e livros precisos. Agradeci-lhe muito, tanto a sua visita como a incumbencia que me fazia, e pedi-lhe que voltasse o mais depressa que pudesse, no dia seguinte ou no outro, promettendo-lhe fazer toda a diligencia por ter o artigo concluido.

Chegada a noite, trabalhei a valer e passei uma boa parte d'ella á mesa. De quando em quando ouvia o dono da casa voltar-se na cama. Deram as duas, as tres, as quatro e elle sem dormir. Que diabo tinha o homem? A bulha que eu fazia de certo o não podia incommodar, porque eu já de proposito tinha calçado os chinelos d'elle. A luz tambem não, porque a porta estava bem unida. Estaria doente? Lembrei-me de o ter visto um pouco descorado na vespera, mas não fiz grande reparo.

De manhã accordei com o rumor que elle fazia a pôr as chavenas para o chá. Levantei-me logo para o não fazer esperar.

Achei-o effectivamente com má cara; pallido, macilento, os olhos encovados e com olheiras.

—Que tem o senhor?—perguntei-lhe.

—Nada.

—Nada, e está com uma cara de defuncto e não adormeceu antes das quatro da manhã?

— Diga antes que passei toda a noite sem dormir.

— Então sente-se doente?

— Não; é que, quando tenho alguem em casa, não me é possivel pegar no somno.

Comprehendi tudo.

Tomei-lhe a mão e apertei-lh'a affectuosamente.

— Agradeço-lhe de todo o coração — lhe disse — mas não quero causar-lhe tanto incommodo, vou sahir quanto antes.

— O que? o que? não é preciso! Se eu imaginasse que me dizia isso, não lhe dizia nada. Fique. Não lhe dê cuidado.

— Mas póde apanhar alguma doença.

— Não pense n'isso. Posso dormir de dia ou, ainda melhor, tomar algum remedio.

E com effeito soube mais tarde que elle em taes casos, quando já não podia mais, tomava chloral.

E ficamos por aqui.

Olhava para elle com um sentimento entre de admiração e de profundo respeito. O medo tornava-o ridiculo, mas a dedicação fazia-o grande. Eu sabia que a sua casa estava sempre aberta para todos os que se achavam na minha posição, e alguns dos nossos chegaram a estar alli semanas inteiras, sempre tratados por elle. Quanto devia soffrer aquelle homem a quem, n'um mo-

mento de crueldade, a natureza creou tão falto d'aquella propriedade physiologica que se chama coragem! Como devia ao contrario ser grande a sua força moral!

Quando no outro dia veiu o Dvornik para buscar o artigo, disse-lhe eu que não queria estar mais tempo n'aquella casa e pedi-lhe que me arranjasse quanto antes outro esconderijo.

Fiquei bem espantado da pouca resistencia com que elle acolheu o meu pedido.

—Vi hoje Seroff—disse elle—e perguntou-me novas tuas; se queres, posso falar-lhe. Está actualmente em boas circumstancias, ao que parece.

Não podia desejar melhor. Dicto e feito. D'ahi a dois dias mandava-me Seroff resposta affirmativa.

Combinei as coisas de modo a fazer crer ao meu hospedeiro que tinha de ir a uma cidade da provincia tratar de certos negocios, e depois de o ter abraçado e de lhe ter agradecido com toda a effusão e fervor, despedi-me d'elle.

—Até á vista, até á vista—repetiu elle—boa viagem! Cá o espero á volta. Estou sempre á sua disposição. Não se esqueça.

Quando sahi, começava já a noite a extender sobre a capital as suas azas negras.

Ia sósinho, porque sabia perfeitamente onde havia de encontrar Seroff, que era meu amigo de muitos annos.

II

A sala estava toda illuminada. Em volta de uma mesa grande, sobre a qual fumegava um *samovar* reluzente, estavam sentadas cinco ou seis pessoas de um e de outro sexo. Era a familia de Seroff com alguns amigos intimos.

O dono da casa ergueu-se com uma exclamação de alegria e extendeu-me ambas as mãos.

Boris Seroff era já homem de edade. Os seus cabellos fartos estavam quasi brancos; mas não foram tanto os annos que os encaneceram, porque não tinha mais de cincoenta.

Estivera implicado nas primeiras conspirações do reinado de Alexandre II. Ahi por 1861, sendo cirurgião da armada em Kazan, tomou parte activa na conspiração militar de Ivanisky e dos seus companheiros, um dos episodios mais gloriosos do movimento revolucionario da Russia, tão cedo esquecido pela geração presente, e teve de assistir á cruel matança de todos os seus amigos. Escapou milagrosamente e passados annos veiu residir em S. Petersburgo.

Mas desde então a policia nunca mais o perdeu de vista e poucos eram os annos em que

lhe não fazia uma visita domiciliaria. Dez ou doze vezes esteve preso, bem que a sua prisão nunca fosse muito longa, visto que de nenhuma d'ellas conseguiu a policia achar contra elle prova alguma. Verdade é que já não tomava parte activa nas conspirações, porque tantos annos de continua lucta e de continuas perdas haviam apagado n'elle a fé, alma de toda a actividade revolucionaria.

Passára do enthusiasmo da mocidade ao scepticismo desconsolador que é na Russia a praga das classes cultas, e que faz com que entre nós, nas nossas convulsões politicas, appareçam tão poucos homens *maduros;* não se encontram n'ellas senão rapazes ou velhos.

O que porém nenhum scepticismo podia conseguir era desarraigar da alma de Boris Seroff o amor, a especie de culto que mostrava por aquelles que, ou mais afortunados ou mais moços do que elle, se podiam conservar nas fileiras dos combatentes. Este amor, junto a certas inclinações cavalheirescas e a uma coragem sem par, levavam-n'o sempre a prestar aos revolucionarios todo o genero de serviços.

Os muitos annos que teve de practica tornaram-n'o muito habil e versado em tudo o que diz respeito á parte exterior da conspiração: organização de correspondencias, depositos de li-

vros, de jornaes, de papeis prohibidos, cobrança de dinheiro por meio de subscripções ou de quotas mensaes, etc. Mas em que ninguem o excedia era na mais difficil e apreciavel de todas as funcções accessorias, a de *encobridor,* que elle exercia de continuo, a ponto de um dia convidar alguns amigos para festejar o jubileu do *decennio* do seu feliz serviço n'este emprego.

Com uma coragem a toda a prova, não exaggerava coisa alguma e não via perigo onde não havia mais do que sombras creadas pela imaginação excitada. Mas, havendo-o, não fugia.

Farejava de longe a vinda da policia, e conhecia-lhe o rasto ainda que ella tivesse passado um bom pedaço antes, como fazem os cães de caça com os animaes.

Pelo aspecto mais ou menos marcial do *gorodovoi* (guarda de segurança publica), que estava á esquina da rua, conhecia se este estava encarregado ou não de lhe vigiar a casa. Por certas inflexões de voz do *dvornik* (guarda portão), pelo modo de lhe tirar o chapéo quando entrava ou sahia, adivinhava se a policia lhe tinha falado e em que sentido. Por certas sombras e rumores mysteriosos previa a proximidade de uma busca.

Por isso, quem estivesse debaixo da sua protecção podia dormir descançado.

Para dar uma idéa da grande conta em que era tido como encobridor, basta dizer que esteve em casa d'elle Vera Zassulic, levada para lá pelos seus admiradores depois de absolvida, quando toda a cidade era revolvida de cima para baixo para a acharem e a honra de todo o partido estava empenhada em a esconder.

Sophia Perowskaia, que era muito sua amiga, costumava dizer que, quando Boris Seroff erguia á sua porta o signal de segurança, ella entrava em casa d'elle muito mais tranquilla do que o Imperador no seu palacio.

Este era o homem a quem eu apertava a mão.

Associei-me á companhia que abancava á mesa e passei muito satisfeito tanto n'essa noite como nas seguintes todo o tempo que estive n'aquella casa.

Este esconderijo era não só o mais seguro como o mais agradavel que se póde imaginar. Seroff não exigia nenhuma d'aquellas precauções superfluas que são tão incommodas e com o tempo chegam a tornar-se insupportaveis. A minha vida era esta: de dia trabalhava n'um quarto interior para não ser visto dos visitantes fortuitos. Á noite davam-me ás vezes licença para sahir. Mas de ordinario passava as noites em casa na amavel companhia d'aquella familia,

abrilhantada pela presença de duas graciosas meninas, suas filhas, com as quaes para logo se travou a franca amizade que é tão commum na Russia entre homens e mulheres, e alli era tão natural nas nossas respectivas posições, para mim como protegido, para ellas como protectoras.

Mas a minha estada em casa d'esta familia não durou senão coisa de uma semana.

Um dia Seroff, que entrára á hora do jantar, voltou-se para mim e pronunciou sorrindo com um leve signal de cabeça a sua phrase sacramental:

—Já se desconfia!

—O que é? o que é?—exclamaram as senhoras.

—Soceguem, por ora não ha nada. Mas já se desconfia!

—Julga que o perigo estará imminente?

—Não, não o creio—respondeu Seroff pensativo, como se ao mesmo tempo estivesse fazendo os seus calculos.—Mas estou todos os dias á espera. Em todo o caso é preciso sahir d'aqui.

Contra as indicações de tal homem não havia observação a fazer.

Depois de jantar, foi Seroff prevenir «os nossos» e n'aquella mesma noite fiz as minhas despedidas, bem pesaroso por deixar tão excellente

familia, para recomeçar em companhia de um amigo a minha peregrinação.

Dias depois soube que effectivamente a policia fôra a casa de Seroff fazer a sua «visita sanitaria» como elle chamava aquellas buscas quasi periodicas. Mas, não achando de que desconfiar, retirou-se como tinha entrado.

III

Dona Ottilia Horn era uma velha dos seus setenta annos. Não era Russa e falava muito mal a nossa lingua. Nada tinha com as nossas questões quer internas quer externas; e comtudo era uma nihilista ou antes uma terrorista exaltadissima.

É tão original a historia da sua conversão ao nihilismo que merece ser contada.

Dona Ottilia era dinamarqueza. Viera com seu primeiro marido a Riga e, enviuvando pouco depois, casou em segundas nupcias com um Russo e foi residir para S. Petersburgo, onde o marido arranjou um emprego secundario na policia. Viveria alli com todo o socego o resto dos seus dias, sem pensar nunca no terrorismo,

nem no nihilismo, nem n'outra coisa semelhante, se por disposição do destino a princeza Dagmar não casasse com o principe herdeiro de todas as Russias.

Foi este acontecimento que obrigou dona Ottilia a entrar no nihilismo, e vão saber de que modo.

Como era dinamarqueza de nação e muito phantastica por indole, concebeu o plano ambicioso de obter para seu marido alguns dos innumeraveis empregos da côrte junto da nova archiduqueza. Para realizar o seu intento, dona Ottilia foi pessoalmente apresentar-se em casa do embaixador dinamarquez pedindo-lhe que intercedesse por seu marido, porque o seu *primeiro* esposo, meio seculo antes, fôra ou fornecedor ou empregado, não sei já bem o que, da casa real de Copenhaguen.

Como estava de ver, o embaixador, que não tinha nada com isso, mandou-a ir pelo mesmo caminho por onde tinha vindo; mas como dona Ottilia era muito teimosa e voltasse á carga, elle commetteu a descortezia de lhe dirigir alguns gracejos.

Nasceu d'aqui no animo fogoso de dona Ottilia um odio implacavel contra o pobre embaixador.

Mas como satisfazel-o? Evidentemente não po-

dia fazer mais do que consumir-se por dentro, pois não tinha a menor probabilidade de exito.

Correram assim annos sobre annos.

Até que os nihilistas começaram as suas empresas. No espirito de dona Ottilia brilhou uma idéa:—Ora aqui está exactamente o que eu precisava! repetiu ella entre si, e encheu-se pelos nihilistas de um enthusiasmo sem limites; ou fosse porque esperava que, tendo começado com Trepoff, Mezenzeff e Krapotkine, acabassem com o embaixador dinamarquez, de todos o mais scelerado; ou fosse porque o odio desde tantos annos abafado contra um homem da classe superior rebentou por todos os lados, extendendo-se á classe inteira. O que Ottilia ruminava lá dentro é que ninguem era capaz de dizer. Como adivinhar, com effeito, o que vai na cabeça extravagante de uma mulher de setenta annos? O facto incontestavel, perfeitamente veridico e historico é que dona Ottilia sentiu inflammar-se-lhe o coração com uma admiração immensa pelos nihilistas.

Como ella alugava quartos aos estudantes que todos são mais ou menos nihilistas, estes, depois de terem rido a principio da serodea paixão politica de dona Ottilia, acabaram por a tomar a serio, em vista das provas de coragem e de extraordinaria presença de espirito

que ella déra nas buscas domiciliarias a que quasi todos os estudantes estão sujeitos. Chegava a subtrahir livros e papeis compromettedores das mãos dos policias, mercê da sua edade que a punha ao abrigo de qualquer suspeita, e a todas as perguntas do procurador respondia com uma sagacidade e prudencia dignas de todo o elogio.

Os estudantes relacionaram-n'a com alguns dos membros do partido, e dona Ottilia encetou a sua carreira revolucionaria, primeiro como depositaria de livros, mais tarde da correspondencia, e por ultimo veiu a ser uma encobridora magnifica. Podiam fiar-se n'ella completamente. Era de uma prudencia e incorruptibilidade a toda a prova, como o demonstrou em muitas occasiões.

Isto foi o que me contou o meu companheiro em quanto percorriamos as ruas da capital para nos dirigirmos á casa que dona Ottilia habitava em Kamenostrowsky.

A dona da casa já nos esperava. Era uma mulher alta, reforçada, de presença energica, quasi marcial, que não apparentava mais de cincoenta e cinco ou sessenta annos.

Apesar de a ver pela primeira vez, fui acolhido com os braços abertos como um parente que volta depois de longa ausencia. Trouxe-nos immediatamente o *samovar* com pão, leite e bolos, e toda atarefada mostrava-me o quarto que me destinára e onde achei todas as miudezas de que só as mulheres sabem lembrar-se.

Perguntou-me com vivo interesse novas d'este e d'aquelle, pessoas que passaram sem duvida algumas semanas em sua casa. Era claro que depois de ter travado conhecimento pessoal com os terroristas, que d'antes admirava de longe, acabou por os amar ternamente como se fossem seus filhos; tanto mais porque os não tinha.

Toda a sua ternura, porém, se concentrava n'aquelles que vinham entregar-se á sua protecção. Custou-me a fazel-a aquietar, e fartei-me de lhe dizer que se não incommodasse mais. Quiz a todo o panno apresentar-me o marido.

O pobre velho, que estava já para se metter na cama, teve de se levantar para lhe obedecer, e d'ahi a alguns minutos entrou envolto n'um robe de chambre já todo safado e veiu para nós arrastando as chinelas rotas.

Extendeu-me a mão com um risinho infantil e fazendo repetidas mesuras com a sua cabecinha calva.

O bom do velhinho era todo submissão deante da fogosa esposa.

—Se fôr preciso—disse dona Ottilia com um gesto marcial—mando-o amanhã á esquadra da policia para saber informações.

O velhito curvava, rindo sempre, a cabecinha calva.

Até d'elle fizera um nihilista a energica mulher!

Passei em casa d'esta boa mulher todo o resto do tempo que durou a tormenta, e a policia, apesar de ir perseguindo outros, não se esqueceu de mim. Até que por fim voltei á liberdade e á vida activa com outro nome e em outro bairro da capital.

A IMPRENSA CLANDESTINA

Fundar uma typographia clandestina, dar esta arma poderosa ao pensamento livre que lucta contra o despotismo, fôra sempre o desejo ardente e imperioso de todas as *organizações*, apenas se sentiam com forças para emprehenderem algum commettimento serio.

Já por 1860, quando surgiram as primeiras sociedades secretas para a revolução agraria, taes como a chamada «Terra e Liberdade» e a «Joven Russia», vemos as primeiras tentativas rudimentares para fundar uma especie de imprensa em embryão, as quaes todavia não duraram mais que algumas semanas.

Era claro que desde então a imprensa livre

que já existia no extrangeiro, não obstante ter á frente um escriptor como Hertzen, estava longe e de satisfazer as necessidades do partido militante.

Nos ultimos dez ou quinze annos, quando o movimento tomou uma força e proporções até alli desconhecidas, a insufficiencia dos prélos livres que funccionavam na Suissa e em Londres tornou-se mais manifesta, e a necessidade de uma imprensa local, prompta para responder ás questões do momento, cada vez mais imperiosa.

Esta é a razão porque todas as *organizações*, que mais tarde foram rareando e desapparecendo umas após outras pelas cadeias e fortalezas e nas minas da Siberia, fizeram as suas tentativas para fundarem imprensas na Russia.

Mas parecia que sobre as empresas d'este genero pesava a maldicção do destino; todas sahiam ephemeras e provisorias, e duraram apenas um instante. Ellas a fundarem-se e a serem logo descobertas infallivelmente.

O club dos Karakozowzos teve uma typographia; não passou de alguns mezes.

O dos Netchaewzos outra, mas teve de a conservar sempre enterrada até que foi descoberta juntamente com a associação.

Os Dolguschinzos outra, que foi logo descoberta á segunda proclamação que imprimiu.

Os Tchiaikowzos tentaram umas poucas de

vezes fundar uma e tinham já promptos os typos e uma machina excellente, mas não tiveram a fortuna sequer de a assentarem, e durante cinco annos a fio machina e typos estiveram escondidos em algum buraco sem poderem servir para nada.

Effectivamente as difficuldades de fazer trabalhar uma typographia n'uma terra onde tudo é vigiado pela policia pareciam insuperaveis, por serem inherentes á empresa. Podem esconder-se livros, papeis, pessoas até. Mas como esconder uma coisa que por sua natureza se denuncia a si mesma, uma imprensa, que, alem do trabalho complicado e muitas vezes ruidoso que precisa do concurso de muita gente junta, exige o uso incessante de grandes quantidades de papel que depois são reenviadas impressas?

A vista de tantas tentativas feitas e mallogradas, a fundação de uma imprensa clandestina foi universalmente reconhecida, não digo já como difficil, mas como impossivel; não podia ser considerada senão como um sonho vão, um desperdicio de dinheiro e um sacrificio de pessoas inutil e insensato.

Os homens serios já nem n'isso falavam nem queriam ouvir falar.

Houve porém um «sonhador» que não esteve para se conformar com a opinião universalmente

admittida, e sustentava contra todos que mesmo em S. Petersburgo se podia fundar uma imprensa clandestina; dessem-lhe os meios necessarios, que elle a fundaria.

Chamava-se este sonhador Aarão Zundelewic, era natural de Wilna na Lithuania e filho de um pobre lojista hebreu.

No club, a que pertencia (que era o que depois tomou a divisa sempre velha e sempre nova de «Terra e Liberdade»), ao principio todos se riam das utopias de Zundelewic.

Mas conseguiu vencer estas desconfianças.

Deram-lhe umas dez mil liras. Elle partiu para o extrangeiro, voltou trazendo para S. Petersburgo tudo o que era necessario, e, tendo-se exercitado na arte de compositor, ensinou-a a quatro pessoas mais e fundou com este pessoal em 1877 a «typographia livre» em S. Petersburgo, a primeira que mereceu este nome, por que podia trabalhar regularmente e imprimir obras consideraveis.

Os principios em que elle baseou a sua empresa foram tão bem achados e combinados, que em quatro annos continuos as pesquisas mais minuciosas e obstinadas da policia não conseguiram descobril-a em quanto não vieram ajudal-as a traição por um lado e por outro um simples acaso.

Mas a questão foi apparecer a primeira.

Destruida esta, fundaram-se com as mesmas bases outras e depois outras que duraram e trabalharam sem interrupção.

De quando em quando de subterraneos que ninguem sabe, no meio das murmurações de tantos hypocritas e aduladores, sae uma voz potente que cobre o seu rumor enervante, e ribombando do mar Glacial ao mar Negro faz estremecer o despotismo sob a purpura ensanguentada, mostrando-lhe que ha um poder maior do que o seu, que é o do livre pensamento que tem por albergue o coração generoso e por instrumento o braço desinteressado.

Esse livre pensamento chamou em seu auxilio o ferro e o fogo e com estas armas tremendas empenhou uma batalha encarniçada que não acabará senão com a destruição do despotismo. N'esta batalha a sua bandeira gloriosa, em volta da qual era mais renhida a lucta e para a qual se voltavam sempre os olhos dos combatentes, foi a imprensa clandestina. Em quanto tremulava esta bandeira, em quanto os esforços combinados dos inimigos não conseguiam arrancal-a das mãos dos que a defendiam, não havia por que desesperar da sorte do partido e da associação, mesmo depois das mais terriveis derrotas parciaes.

Como explicar pois o facto maravilhoso da existencia, nas barbas da policia e n'um paiz como a Russia, de uma typographia clandestina permanente?

Este facto que dá, ao que me parece, uma idéa maior das forças do partido do que o fariam muitas empresas estrepitosas, explica-se de um modo muito simples: é o resultado da dedicação dos que trabalham na imprensa e da pontualidade com que se observam as minimas precauções para a conservar.

Ninguem lá ia; ninguem, a não serem os que tinham lá que fazer, sabia onde estava e como o serviço se fazia.

Para dar uma idéa da reserva que havia n'isto, basta dizer que ignoravam o paradeiro da typographia não só os membros da *organização,* á custa de quem corriam as despesas d'ella, mas até os directores e collaboradores do jornal que alli se imprimia. De ordinario não estava na direcção senão um só iniciado n'este segredo pelo representante da imprensa, e esse era o encarregado de sustentar todas as communicações.

Eu nunca lá estive senão uma vez e foi isso devido a ter sido um dos directores da *Terra e Liberdade,* jornal do partido antes da divisão d'este em duas fracções.

As communicações faziam-se nos pontos neutraes, que se escolhiam sempre de entre os mais seguros. Eu entregava os manuscriptos e recebia as provas, fixando o sitio e o momento exacto do proximo futuro encontro. Nos casos de alguma falta imprevista ou de interrupção no fio das communicações, enviava um bilhete postal para fixar por um modo convencional o novo encontro.

Mas uma vez fui lá, como já disse.

Era exactamente no dia 30 de novembro, dia em que devia sahir o primeiro numero do jornal. N'essa manhã um amigo nosso veiu a minha casa e contou-me como, encontrando-se em casa de Troschiansky, onde a policia se tinha escondido, esteve a ponto de cahir nas mãos d'esta; mas poude escapar-lhe graças á sua destreza e e á boa idéa que teve de gritar tambem: *agarra que é ladrão! agarra que é assassino!* no momento em que a policia corria atraz d'elle.

Estava morto por inserir esta noticia no numero que havia de sahir, mesmo para fazer pirraça a Zuroff (chefe da policia) que blazonava de que a nossa imprensa não podia estar na capital, porque se estivesse já elle tinha dado com ella infallivelmente.

Aproveitei pois a occasião para ir á imprensa, pela qual me interessava muito, tanto mais que

os compositores instavam vivamente commigo para lhes ir fazer uma visita.

A typographia estava n'uma das ruas centraes da cidade.

Usando de infinitas precauções cheguei á porta e toquei do modo combinado. Veiu abrir-me Maria Kriloff. Entrei todo cheio de compuncção, como um fiel entra na egreja...

Eram quatro as pessoas empregadas na imprensa: duas mulheres e dois homens.

Maria Kriloff, que fazia o papel de dona da casa, era mulher dos seus quarenta e cinco annos. Passou por ser um dos membros mais velhos e mais benemeritos do partido; estivera já compromettida nas conspirações dos Karakozowzos. Capturada e condemnada á deportação para uma das provincias do norte, conseguiu fugir e viveu como *illegal*. Trabalhou então sempre infatigavelmente pela nossa causa prestando-lhe serviços de diversos generos, até que foi presa no seu posto, como um soldado com as armas na mão, na imprensa do *Tcherni Perediel* no anno de 1880.

Dezeseis annos consecutivos esteve ella pois

nas fileiras dos conspiradores, sem tratar senão do que era util á causa, desempenhando os cargos mais modestos e mais arriscados.

Trabalhou nas imprensas desde que foram fundadas, e, posto que gravemente doente e quasi cega de myopia progressiva, continuou sempre no serviço, e com tanto zelo e desprendimento o fazia que, apesar da sua enfermidade, valia na composição tanto como o melhor operario.

Basilio Buch, filho de um general e sobrinho de um senador, passava por ser inquilino da senhora Kriloff. Tinha um passaporte de empregado não sei em que ministerio, e por isso sahia todos os dias a horas certas, levando na sua pasta de empregado os exemplares do jornal.

Era homem dos seus vinte e seis ou vinte e sete annos, pallido, aristocraticamente elegante e tão taciturno que estava dias inteiros sem abrir a bocca. Era elle o que servia de elo de communicação entre a imprensa e o mundo externo.

O terceiro compositor não deixou o seu nome á posteridade. Estava nas fileiras havia já tres annos e todos o amavam e estimavam; mas só lhe sabia o nome o que o apresentou á *organização,* e esse morreu.

O cognome com que o tratavam era «Ptiza» (passaro), e puzeram-lh'o em razão da voz que tinha. Nunca o chamaram de outro modo. Suicidou-se quando, depois de quatro horas de resistencia desesperada, a typographia *Narodnaia Volia* teve de se render aos soldados que receberam ordem de a assaltar.

D'est'arte viveu anonymo, e anonymo baixou á sepultura.

A sua vida era das mais torturadas, porque para maiores precauções vivia sem estar incluido nos registos da população, sabendo perfeitamente que todo o passaporte apresentado á policia é sempre um perigo.

Por isso tinha de viver escondido e estava muitas vezes sem sahir de casa para que o dvornik o não visse.

Geralmente todos os que trabalham nas typographias, quebram quasi de todo as suas relações com o mundo exterior e passam uma vida claustral. Mas o pobre «Passaro» devia levar este isolamento a uma reclusão quasi absoluta e estava fechado na sua triste gaiola sempre cercado de caracteres typographicos.

Era um mancebo de vinte e dois ou vinte e tres annos, alto, magro, cara chupada, emmoldurada em compridos cabellos negros como a aza do corvo, com o que mais sobresahia a

pallidez cadaverica das faces, resultado da constante privação do ar livre e da luz e de lidar com o chumbo n'aquella atmosphera impregnada de miasmas deleterios.

Só os olhos possuiam viveza; muito grandes e pretos como os da gazella, brilhantes, cheios de uma bondade e de uma tristeza inexprimiveis.

Estava tisico e bem o sabia; mas não queria deixar o seu posto porque era muito habil n'aquelle serviço e não havia quem o substituisse.

A quarta pessoa era uma rapariga que fazia as vezes de creada da senhora Kriloff. Nunca vim a saber como se chamava. Teria os seus dezoito ou dezenove annos; era loira, de olhos azues, delgada e esbelta, e seria até muito bonita, se não fosse a expressão de continua tensão nervosa que lhe apparecia nas faces pallidas e causava em quem a via uma impressão de dó; reflexo vivo dos esforços continuados que uma tal vida devia custar, soffridos mezes e mezes n'aquelle logar terrivel, exposto ás pesquisas encarniçadas de tantos milhares de sabujos da policia.

Depois de cumprimentar, expliquei o motivo da minha visita, isto é, o desejo de inserir no jornal o caso interessante d'aquella manhã, acima referido. Excusado é dizer que foi acolhido com grande satisfacção.

Mas como o jornal estava já prompto e composto, tiveram de se retirar algumas coisas para entremear a noticia que aliás constava de poucas linhas.

Vi as casas interiores onde se fazia o serviço. O mechanismo era simplicissimo. Algumas caixas com diversos typos. Um cylindro pequeno acabado de fundir de uma especie de massa gelatinosa muito parecida com a grude dos carpinteiros e de gosto adocicado; um cylindro grande e pesado coberto com um panno, que fazia de prelo; uns pinceis e esponjas dentro de uma tigela; dois vasos com tinta de imprensa. Estava tudo disposto por fórma que n'um quarto de hora se podia metter dentro de um armario enorme que havia ao canto.

Explicaram-me o mechanismo do trabalho e contaram-me rindo os pequenos subterfugios de que lançavam mão para desviarem qualquer sus-

peita da parte do *dvornik,* que todos os dias lá ia levar agua, lenha, etc. O systema adoptado não era o de o não deixarem entrar, mas, pelo contrario, o de o fazerem ver, com differentes pretextos e o maior numero de vezes possivel, as casas interiores, para o que escondiam primeiro tudo o que poderia despertar suspeitas.

Se faltavam pretextos, inventavam-se.

Um dia que a senhora Kriloff não podia achar meio plausivel para o fazer entrar no quarto mais retirado, lembrou-se de lhe ir dizer que andava lá um rato que era preciso matar. O *dvornik* foi, não viu rato nenhum, já se sabe, mas foi e viu a casa toda e podia testemunhar que não havia lá nada suspeito. Uma vez por mez mandava-se sempre chamar gente para esfregar e lavar o pavimento de toda a casa.

Eu, porém, não tinha o espirito disposto para ouvir todos aquelles pormenores e faltava-me toda a vontade de rir.

A vista d'aquella gente inspirou-me profunda tristeza. Comparava involuntariamente a sua vida terrivel com a minha e senti-me envergonhado de mim mesmo. O que valia a nossa actividade á luz do dia, no meio da multidão agitada, dos amigos e do rumor da vida e da lucta, comparada com o sacrificio constante de

toda a existencia que se consummava n'aquelle verdadeiro subterraneo?

Sahi. Desci lentamente a escada e girei pelas ruas entregue a muitos sentimentos diversos.

Pensava no que acabára de ver, pensava na lucta pela qual aquellas vidas se davam em holocausto, pensava no partido.

De repente acudiu-me uma idéa.

Não são elles, pensei eu, os verdadeiros representantes do nosso partido? Não é este o quadro cheio de vida que resume em si o caracter de toda a nossa lucta?

E inflammou-me o coração um sentimento de enthusiasmo. Somos invenciveis, pensei ainda, em quanto se não exhaurir a fonte d'onde brota tanto heroismo anonymo, que é o maior de todos os heroismos; somos invenciveis em quanto o partido contar taes servidores.

UM PASSEIO A S. PETERSBURGO

PROLOGO

Rijas e repetidas pancadas á minha porta obrigaram-me a saltar da cama para fóra.

O que era?

Se estivesse na Russia, cuidava logo que era a policia.

Mas na Suissa não tinha medo.

— *Qui est là* — gritei eu em francez.

— Sou eu — respondeu em russo uma voz muito minha conhecida. — Abra sem demora.

Accendi a vela, porque estava escuro, e vesti-me á pressa, com um sinistro presentimento no coração.

Duas semanas antes um dos nossos, meu amigo da infancia, homem gravemente compromettido

nos ultimos attentados contra o imperador, depois de ter residido alguns mezes em paiz extrangeiro, partira para a patria. Havia já alguns dias que esperavamos em vão a noticia de elle ter passado a fronteira.

Uma desconfiança terrivel, que não ousei formular, me atravessou o espirito como um relampago. ... Toca a enfiar o casaco.

Abri.

André entrou de chofre no quarto sem tirar o chapéo nem me extender a mão.

— Basilio está preso! — disse elle á queima roupa.

Basilio era amigo de nós dois. Sentiam-se-lhe as lagrimas no tremor da voz.

Estive alguns instantes a olhar para elle com os olhos pasmados, como se não tivesse entendido. Depois estas tres palavras: «Basilio está preso» repetiram-se dentro de mim, primeiro em tom sumido, machinalmente, como um echo, depois com voz tremenda de envolta com lagrimas e uma impressão indizivel de horror.

Seguiu-se profundo silencio.

Afigurou-se-me que uma coisa fria, medonha, horrenda, abrira a porta, invadira o quarto todo, o espaço inteiro, e penetrára em todo o meu ser gelando-me o sangue e o pensamento. Esta coisa era a sombra da morte...

Mas não havia tempo a perder em vãs desesperações. Era mister averiguar se com effeito tudo estava perdido ou se havia ainda algum remedio.

Pedi esclarecimentos.

Fôra preso na fronteira, e o peor é que tinham passado já quatro dias depois d'isto acontecer. O contrabandista, por somitegaria, em vez de nos dar parte por telegramma, escreveu pelo correio.

— E onde está a carta?

— Tem-n'a o João, que chegou agora mesmo e está á espera de nós em minha casa. Vim cá chamal-o ao senhor.

Sahimos para a rua. Os primeiros arreboes da manhã principiavam já a aclarar com uma luz pallida as ruas desertas. Iamos calados, de cabeça baixa, immersos em dolorosos pensamentos.

O João esperava por mim. Eramos amigos e havia já bastante tempo que nos não viamos. Mas foi triste o nosso encontro. Nem uma palavra de amigavel cumprimento, nem uma pergunta, nem um sorriso entre os dois. Apertámos as mãos em silencio e cheios de seriedade, como se faz n'uma casa onde morreu alguem.

Tornou a ler a carta do contrabandista. O Basilio fôra preso na fronteira da Prussia perto de Vergbolowo e mettido na cadeia d'esta cidade.

O que occorreu depois é que se ignorava, porque o contrabandista com medo tratou logo de vir outra vez para cá da fronteira. As suas informações posteriores eram cheias de contradicções. Ao principio parecia que o Basilio fôra preso, como simples recruta refractaria. Mas depois soube-se que tinham entrado n'isto as guardas, o que significava que o negocio cheirava a politica.

Quanto á prisão em si, uma coisa estava bem clara: o contrabandista não tinha culpa alguma. Elle justificava-se e, depois de dar demonstrações do seu pesar, pedia o dinheiro que se lhe devia. A prisão fôra filha da imprudencia do proprio Basilio. Encerrado todo o dia em um sotão, enfastiou-se e sahiu para dar o seu passeio. Era uma negligencia, uma rapaziada imperdoavel.

A dôr precisava desabafar; converteu-se em raiva.

—Creança! — exclamei cerrando os punhos. —Fazer bravatas n'aquellas circumstancias! Pôr o pé na rua n'uma aldeia da raia, onde nada escapa á curiosidade! Uma creancice d'estas n'aquella edade! Deixar-se prender na fronteira que todos passam sem perigo, todos. Parece que o fez de proposito. Pois bem — accrescentei rangendo os dentes — ha de ter o que meré...

Queria dizer «merece», mas a palavra cortou-se-me na garganta.

Representou-se-me um quadro horrendo; um cadafalso, uma trave, uma corda, e atado n'ella... Virei a cabeça para o lado. Para não chorar tive de morder os labios até fazer sangue.

Continuei por um bom pedaço a passear alterado de um lado para o outro no estreito aposento.

André, esmagado pela dôr como por um peso enorme, estava sentado junto da mesa, apoiado com quasi todo o corpo sobre o cotovello, como prostrado. Aquelle corpo de elevada estatura, alumiado pela luz avermelhada e mortiça da vela, parecia alquebrado.

De repente parei deante d'elle.

—E o que faremos agora?—perguntou me André.

Era o mesmo que eu ia perguntar-lhe.

Voltei-me vivamente para recomeçar o meu passeio, esfregando fortemente a testa com a mão para ver se tirava de lá alguma idéa.

—Que faremos?— repetia eu commigo.—Ahi é que bate o ponto. O que se ha de fazer n'um caso tão desesperado? Se contarmos a viagem do João, não vão menos de cinco dias desde a prisão do Basilio. Para chegar á fronteira e passal-a são precisos outros cinco dias. Ora em dez

dias tem os guardas tempo de sobejo para conhecerem cem vezes que homem têem nas mãos e para o mandarem com uma boa escolta para S. Petersburgo. O negocio é desesperado... Mas talvez o tenham ainda em Vergbolowo ou na cadeia de alguma das villas limitrophes. Cahiu-lhes nas mãos tão tolamente que talvez imaginem que é uma figura insignificante. Mas não, é impossivel. Por informações secretas soubemos que a policia já esperava alguem que havia de entrar do extrangeiro. A coisa não tem remedio. Mas sempre se deve fazer alguma coisa.

—É preciso mandar lá a Rina—disse meio suspirando.—Se ainda se póde fazer alguma coisa, ella o fará.

—Sim, sim, é preciso mandar lá a Rina—exclamou André e as faces como que se lhe reanimaram com um raio de esperança.

—A Rina, sim, a Rina!—concordava o João com vivacidade.—Se ha ainda algum remedio, ella lh'o dará.

Quem era a Rina? Uma polaca filha de um dos muitos martyres d'aquelle nobre paiz, oriunda de uma villa da fronteira, cuja principal e quasi unica industria consiste no contrabando.

Tendo ido estudar para S. Petersburgo, enthusiasmou-se com as idéas do socialismo e exerceu no movimento revolucionario dos primeiros annos do ultimo decennio a missão especialissima de sustentar a fronteira, isto é de organizar as communicações entre os paizes extrangeiros em que n'aquelle tempo se publicavam tantos livros revolucionarios.

A sua origem e certo instincto pratico tão commum entre as mulheres da Polonia, de volta com uma astucia e finura que lhe era peculiar, não só a tornavam muito apta para tratar com os contrabandistas, mas até lhe davam verdadeira popularidade entre todos elles. Dizia rindo que na fronteira mandava ella mais do que o governador; e dizia verdade porque alli tudo é venal, a começar pelos guardas e empregados da alfandega e acabando nas auctoridades civis. O caso está em os saber levar.

Passado o periodo da propaganda e ao entrar o sanguinario periodo do terrorismo, Rina deixou de tomar parte no movimento, porque não acreditava na possibilidade de se obter resultado com os meios que se empregavam.

Posto não estar compromettida senão muito levemente, retirou-se para o extrangeiro. Estudou em Paris, e achava-se então na Suissa por motivos de saude.

Esta é a mulher que immediatamente tratei de procurar. André e João ficaram é espera de mim.

Toquei á porta. Abriram-me logo, porque tinha emtanto amanhecido e na Suissa todos se levantam cedo.

—A senhora está a dormir, —disse-me a creada.

—Sim, bem sei, mas está aqui um parente que ella ha de gostar de ver já, —respondi seguindo o costume que temos, os Russos, de disfarçar por este modo tudo o que tem alguma relação com a revolução.

Dirigi-me para a porta do quarto de Rina e, batendo rijamente, disse em lingua russa:

—Tenho urgencia de lhe falar. Appareça.

—N'um momento! n'um momento! —respondeu ella com alguma perturbação na voz.

D'ahi a cinco minutos vi com effeito abrir-se a porta do quarto e appareceu aquella bonita cabeça adornada de longas tranças negras como a aza do corvo, um pouco desalinhadas.

—O que é? —perguntou ella assim que entrei no quarto, pondo em mim assustada os seus grandes olhos azues.

Contei-lhe em duas palavras o succedido.

Apesar de trigueira, conheceu-se-lhe nas faces a pallidez que a tomou á infausta nova.

Sem dar resposta, baixou a cabeça e todo o seu corpinho de creança exprimia uma afflicção indizivel.

Não quiz interrompel-a nos seus pensamentos. Esperava o que ella diria.

—Se a noticia tivesse vindo mais cedo!—disse por fim pausadamente como que falando comsigo.—Talvez tudo se pudesse arranjar... Mas agora...

—Quem sabe?—respondi eu.—Talvez o tenham ainda na fronteira.

Abanou a cabeça em ar de duvida e não respondeu.

—Em todo o caso—prosegui—é bom experimentar. Venho de proposito para lhe pedir que vá lá.

Rina ficou calada e impassivel como se não tivesse ouvido ou não se tratasse d'ella. Nem sequer levantou os longos cilios que lhe velavam os olhos, e não desviou a vista do chão.

Por fim respondeu a meia voz:

—Oh não é por mim; mas...

Sahiu d'aquella immobilidade e começou a tratar do negocio sob o ponto de vista pratico.

Estava bem longe de ser favoravel, n'isso tambem eu concordava. Mas era forçoso experimentar, e n'isso concordava ella tambem. Em cinco minutos estava tudo combinado.

D'ahi a uma hora, Rina com algumas centenas de liras obtidas, á pressa, dos amigos, voava no comboio expresso para a fronteira Russa levando comsigo todas as nossas esperanças.

A tentativa falhou, como ella previra. Chegada que foi á fronteira, teve de perder dois dias á procura do nosso contrabandista para obter informações exactas. Este escondia-se, andava a empatar e por fim fugiu para a America levando em si o dinheiro que n'aquelle intervallo lhe tinhamos mandado pelo telegrapho para as despesas eventuaes.

Certa do furto, Rina passou a fronteira quasi só, expondo-se a gravissimos perigos para não perder mais um momento. Basilio havia já bastante tempo que não estava na fronteira. Sendo reconhecido, transferiram-n'o para a capital de um districto e d'aqui para S. Petersburgo.

Rina dirigiu-se para lá, não tanto para ver se fazia alguma coisa, como pelo simples desejo de visitar a cidade e os seus antigos conhecimentos, visto estar tão perto.

Chegou a S. Petersburgo coisa de uma semana antes do dia 13 de março e ficou duas

semanas n'aquella caldeira infernal em que se converteu S. Petersburgo depois da morte de Alexandre II. Nos fins d'esse mez retirou-se para uma provincia do interior da Russia onde ainda se acha.

Como me preparava para escrever estes escorços, lembrei-me de que seria coisa não despida de interesse addicionar-lhes as memorias d'esta mulher ácerca do terrivel dia. Para esse fim dirigi-lhe uma carta, a que respondeu consentindo, e allegando sómente como desculpa o não ter parte no movimento e a sua pouca pratica de escrever. «Mas, accrescentava, contarei tudo o que vi, sem alterar um só ponto. Lá comporá depois isso como lhe convier».

Quando li tudo, achei-o interessantissimo quasi em todas as partes.

O facto de ser escripto por uma pessoa extranha ao partido militante augmenta-lhe na minha opinião o valor, por lhe dar um caracter de imparcialidade. E pelo que respeita á parte litteraria, não fiz mais do que reduzir á unidade todas as cartas que tratavam do assumpto, e que com as addições e esclarecimentos que lhe pedi chegaram a ser em grande numero. Verdade é que tive de accrescentar alguma coisa de casa, mas isso foi coisa muito pouco importante, umas cincoenta linhas ao todo,

que seria grande pedantismo pôr em notas. São apenas umas figuras accessorias, e algumas coisas que um extrangeiro não poderia entender. Fiz por conservar as proprias palavras da auctora até mesmo nas suas considerações geraes (capitulo V, com relação á mocidade Russa), para não estragar um documento tão interessante, quanto a mim, mórmente pela sua authenticidade.

Quanto ás scenas relativas aos nossos grandes martyres, não me atrevi a mudar uma unica palavra. Seria um sacrilegio.

Principia pois ella:

I

Assim que cheguei a S. Petersburgo, fui procurar a minha conterranea e antiga amiga, a senhora Dubrowina. Sabia que, apesar de não pertencer ao movimento, tinha comtudo, para assim dizer, o seu *salão* revolucionario e poderia por isso dar-me as informações de que eu precisava. Fui recebida de braços abertos. Disse-me que effectivamente alguns terroristas appareciam uma ou outra vez no seu *salão*. Mas

nenhuma indicação me podia dar ácerca da Betti, mulher do pobre Basilio, a quem sobre tudo desejava ver.

Como havia muito tempo que não tinha estado em S. Petersburgo, imaginava eu que a vida para um nihilista devia ser nos ultimos tempos a esta parte uma coisa horrorosa. Mas Dubrowina assegurava-me que em seguida a um novo attentado havia sempre com effeito alguma excitação; logo, porém, que passava a tormenta, voltava a bonança.—Agora, accrescentava, estamos em plena calmaria.

Dava-me grande cuidado o não ter passaporte. Mas disse-me que não me inquietasse, porque havia de passar bem sem elle.

Entretanto era preciso ver a Betti. A coisa tinha suas difficuldades porque, como os nihilistas guardam o maior segredo a respeito do seu domicilio, é em geral muito difficil encontral-os. Contaram-me que um tal D., para dar com um seu amigo que estava como elle em S. Petersburgo, teve de dar um passeio até Kiew (quarenta e oito horas de distancia no caminho de ferro) para alli saber onde elle morava, e voltar depois a S. Petersburgo.

Principiou uma serie interminavel de corridas pela cidade.

Differentes pessoas, que se suppunham no caso

de dar alguma luz para achar Betti, foram procuradas sem resultado algum.

Decorreram assim dois dias. Já não sabia a que santo me havia de encommendar. A senhora Dubrowina, que evidentemente conhecia bem a sua roda, aconselhou-me por fim a que me deixasse ficar em paz e confiasse no acaso.

Entre os nihilistas, as noticias, mesmo as de menos importancia, propagam-se com uma celeridade maravilhosa. Pensava ella que a nova da vinda de uma mulher da Suissa se espalharia em breve, e Betti, assim que a ouvisse, adivinharia que era eu e mandaria alguem a chamar-me.

Foi o que aconteceu.

Ao terceiro dia conversavamos alegremente com Dubrowina e outros amigos mais, quando entrou o Bonzo (o mesmo que por amor de umas experiencias esteve a ponto de morrer envenenado quatro vezes com diversos venenos) e disse-me com ar de mysterio:

— Ha de fazer-me a honra de me dar o seu braço.

Disse isto com tal solennidade, que soltámos todas uma sonora gargalhada. Mas elle impassivel e serio abotoava as luvas. A sua figura alta e secca conservava-se direita como uma estaca.

Levantei-me do meu logar no meio do riso

universal e dei-lhe o braço, mostrando como faria na rua de senhora do tom.

O Bonzo não se tirava do seu serio. Continuava a ter erguida a cabeça calva com a sua fronte bronzeada, sem sobrancelhas, e as faces chupadas; parecia uma coisa assim entre cavalleiro da Triste Figura e idolo indiano.

Não era preciso que elle me dissesse, quando sahimos, aonde nos dirigiamos. Sabia que era amigo de Betti e de Basilio, e que este gostava d'elle por ser resoluto, embora o chasqueasse por excessivamente cauteloso.

Depois de andarmos uns duzentos metros a pé, de braço dado, da maneira que nos tinhamos exhibido, o Bonzo tomou um trem de praça para irmos a Pesky, que era d'alli muito longe.

O cavallo trotava a custo. Parecia que não se acabava o caminho.

— Oh como é longe! — disse eu ao meu companheiro.

— Até agora não temos feito senão afastarmos-nos de lá — acudiu elle mysteriosamente.

Rebellei-me contra tal profusão de precauções e disse-lhe que queria ir directamente a casa de Betti. Mas o Bonzo foi inexoravel.

Chegados a Pesky, depois de termos andado outros duzentos metros a pé, o Bonzo tomou outro trem para a Polytechnica. Apenas nos

apeámos, o trem foi tomado por um official, o que deu algum cuidado ao meu companheiro.

No passeio da rua estavam dois pobresinhos, um rapaz e uma rapariga de oito a dez annos. Parei deante d'elles; eram tão bonitos!

—Senhora, senhora... uma *kopeka*[1] —gritaram as creanças extendendo a mão.

Disse-lhe algumas palavras e dei uma kopeka a cada um.

—O que faz! —disse-me com certa excitação o Bonzo quando nos afastámos. —Não sabe que são uns espiõesinhos? A policia tem muitos d'estes falsos mendigos e encarrega-os de tomar sentido em quem passa.

Fez-me sorrir a perspicacia do Bonzo e continuámos nas nossas voltas e reviravoltas, que nos levaram pelo menos uma hora.

Quando chegámos á casa onde me esperava Betti, já o gaz se accendia nas ruas.

O aspecto da pobre mulher era afflictivo. Custou-me reconhecel-a de magra que estava, pallida e acabrunhada.

O aposento onde nos achavamos começou pouco a pouco a encher-se de gente. Muitos vinham de *plaid* e com as *blusas* de estudante. Momentos depois veiu a dona da casa, que era

[1] Moeda de 8 a 9 réis. (Trad.)

uma bonita rapariga trigueira, e, chamando Betti de parte, disse-lhe que a casa estava destinada n'aquella noite para uma assembléa de estudantes.[1] Convidou-nos a assistir a ella. Mas não tinhamos muita vontade. Não pude comtudo deixar de dizer-lhe quanto me maravilhava e alegrava o ver a liberdade com que depois de tantos attentados se vivia em S. Petersburgo.

— É verdade, — respondeu Betti — e fazem muito mal. Mas, já se sabe — accrescentou, e citou o proverbio Russo: — «em quanto o raio não vem, não se benze ninguem[2]».

Disseram-nos se queriamos descer para o andar de baixo, onde tinhamos outro aposento á nossa disposição. Alli passámos o resto da noite discorrendo sobre o negocio. Contei-lhe todas as minhas aventuras na fronteira: o furto do contrabandista, a transferencia de Basilio, tudo. Ella disse-me o que pela sua parte tinha podido fazer em S. Petersburgo. Era bem pouco. Tinha para mim que não havia já remedio possivel. Betti, porém, não se resolvia a dar-se por vencida. Esperava sempre.

---

[1] V. o capitulo ácerca de Demetrio Lisogub.

[2] Corresponde ao nosso proverbio: Ninguem se lembra de Santa Barbara, senão quando faz trovoada. (Trad.)

II

Ao outro dia, em casa da mesma Dubrowina de que falei, vi pela primeira vez Hessa Helfmann.

O que mais impressão me fez ao vêl-a foi uma expressão de dôr indizivel que lhe notei aos lados da bocca e nos olhos. Mas, apenas lhe fui apresentada, começou a discorrer animadamente a respeito dos «negocios», dos programmas das diversas fracções do partido, da Cruz Vermelha, etc, etc.

Tornei depois a vel-a muitas vezes e fez-me a impressão de uma creatura candida, simples, modesta a mais não poder ser, e dedicada á causa como não é possivel dizer-se, mas sem a menor iniciativa.

Seu marido Kolotkewic[1] fôra preso dias antes de eu chegar. Sem embargo da immensa tristeza que lhe opprimia o coração e que, mau grado seu, lhe transparecia nos olhos, nas faces, na voz, não largava mão dos negocios do partido e occupava-se até dos de toda a gente

[1] Condemnado á morte no processo dos 22 (abril de 1882).

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

que a queria encarregar de algum serviço. Tanto Dubrowina como todos os que a conheciam, diziam que era de uma bondade rarissima.

Quanto a si e á sua dor, parecia que não tinha tempo de lhe dar attenção ou que se envergonhava de o fazer. Lembro-me de a ver um dia dar a Dubrowina um bilhete para ser entregue a Skripatchewa que estava em relações regulares com o guarda que transmittia secretamente as cartas aos presos politicos da cadeia de S. Pedro e S. Paulo. Oh! que dôr se denunciava na sua voz, por mais que ella se esforçasse para a conservar egual, quando pediu a Dubrowina que fizesse chegar aquelle papel ás mãos de seu marido, preso tambem na fortaleza!

Desgraçadamente tinham sido cortadas as communicações com a fortaleza e o bilhete não podia ser entregue. Vi Dubrowina restituir-lh'o.

Helfmann vinha muitas vezes a casa de Dubrowina e todos alli a amavam, inclusive a avó.

Notei que era muito acanhada. Nunca a convidavam para jantar ou para comer qualquer coisa, que não recusasse. Era raro quando acceitava uma chavena de chá, e comtudo eu sabia que muitas vezes estava ella com fome, porque, de tanto que tinha que fazer, nem sequer lhe sobrava tempo para entrar em casa a comer alguma coisa.

Nas minhas longas peregrinações ulteriores para obter poisadas nocturnas tive occasião de visitar um poder de casas. Em toda a parte conheciam Hessa Helfmann e os rapazes falavam d'ella com grande respeito. Os estudantes consagravam-lhe grande amor e estima e ficavam sempre contentes quando ella apparecia. Estava sempre ao corrente das ultimas novidades do mundo revolucionario, que tanto interessam á sociedade e nomeadamente á juventude. As algibeiras e a mala de coiro preto que nunca largava, andavam sempre cheias de proclamações da commissão, de exemplares da *Narodnaia Volia*, de bilhetes para loterias, para concertos, bailes, espectaculos em beneficio, já dos exilados, já dos presos, já da imprensa clandestina. Sabia de cór um sem numero de moradas e podia combinar uma entrevista com qualquer dos terroristas principaes.

Foi ella que me trouxe um dia cumprimentos da parte de Sophia Perowskaia que eu conhecia desde os annos anteriores. Disse-me que Sophia viria ver-me se não estivesse doente.

III

Dias depois encontrei Sophia em casa de Olenine, velho amigo meu, empregado em uma repartição. Pallida como um cadaver, arrastava a muito custo os pés e assim que entrou na sala, deixou-se cahir n'um sophá.

Vinha buscar o dinheiro das quotas mensaes que Olenine cobrava; bem pouca coisa, apenas uns cem rublos. Por infelicidade ainda não estava todo recebido. Eu trazia no bolso outros cem rublos que não eram meus e que me encarregaram de entregar a uma pessoa que havia de chegar brevemente a S. Petersburgo. Propuz a Perowskaia emprestar-lh'os por dois dias. Bem sei que não tinha direito de o fazer. Mas o seu aspecto era tão afflictivo! e depois considerava que só por uma necessidade muito urgente é que ella viria buscar o dinheiro a taes horas (tinham já dado as onze) e n'aquelle estado de saude.

Ella, porém, não quiz acceitar a minha proposta dizendo que não tinha a certeza de me poder restituir o dinheiro em prazo tão curto. Contou-nos entretanto que estava sem um sol-

do, porque para fugir de um espião que a perseguia teve de mudar umas poucas de vezes de carruagem. Accrescentou que não podia contar com a liberdade e que de um momento para o outro podia a policia vir a casa de Olenine prendel-a. Era forçoso fazel-a sahir quanto antes.

Despejámos no seu *porte-monnaie* os nossos. Quanto a Olenine, que era raposa velha, a sua casa estava sempre perfeitamente *limpa,* e não tinha nada que o compromettesse. Mas eu trazia na algibeira um maço de exemplares da *Narodnaia Volia.* Para os não queimar, Sophia levou-os comsigo dizendo que, se, quando a prendessem, lhe encontrassem aquelle contrabando, isso para ella não tirava nem punha.

Sahiu logo. Mas antes de se retirar disse-me que queria ter uma entrevista commigo no dia seguinte, no caso de ainda estar *viva,* isto é, livre. Marcámos dia e hora, mas não appareceu e eu fiquei com grande susto de que a tivessem prendido. Ao outro dia Hessa tranquillizou-me. Sophia estava livre, mas não podia sahir de casa por se achar gravemente doente.

Tudo isto aconteceu dois ou tres dias antes de 13 de março. Soube depois que, no dia anterior ao do nosso encontro em casa de Olenine, fôra preso Gelaboff.

Na manhã de 13, era um domingo, fui a casa de uma amiga minha em Gatschina, que n'aquelle tempo não era o que hoje é, mas o sitio mais socegado da Russia.

Tivemos noticia do attentado pela creada de Nadia na segunda feira de manhã.

O parocho veiu pela uma hora da tarde e disse-nos que tinha ouvido alguma coisa aos camponezes vindos de S. Petersburgo.

Mas não recebemos nenhuma noticia official. Á noite é que chegou a irmã mais velha de Nadia com os jornaes...

Que horas passamos, não é preciso que eu o diga. Nadia cahiu doente.

Vieram dias terriveis, dias de tortura, de suspeita, de horror. Parecia o fim do mundo. Cada jornal que vinha trazia noticias de novos rigores contra os nihilistas, e de novos achados feitos pela policia. Veiu o terrivel negocio da Telegnaia, o suicidio de um desconhecido..., prisões, umas em massa, outras por cabeça...

Como entrar n'aquelle inferno? Como ficar fóra d'elle?

Não pude mais, resolvi marchar para S. Petersburgo.

Era quinta feira.

Mettia dó o aspecto da cidade toda de lucto. Candieiros, casas, varandas, janellas, tudo es-

tava coberto de lugubres riscas pretas e brancas.

Fui caminho direito a casa de Dubrowina. Toda a familia estava encerrada em casa. Em todos os rostos se via pintado um terror panico. Dubrowina acolheu-me com exclamações de susto. O aspecto dos mais não era mais tranquillizador.

—Que mau vento te trouxe aqui? Para que vieste metter-te n'este inferno? Não sabias que já estou tambem sendo vigiada pela policia? Onde diabo queres que te esconda n'este momento?

Tudo isto me dizia Dubrowina com grande excitação na voz, dando passadas pela sala de um lado para o outro, e parando de quando em quando deante de mim.

«Porque não me tinha eu deixado ficar em Gatschina? Porque tinha vindo metter-me n'aquelle inferno? Fil-a boa!» pensava eu commigo.

Mas d'ahi a dias estava a minha querida amiga mais socegada e foi ella que me proporcionou pelo menos a quarta parte das minhas *poisadas,* pelo que lhe serei grata em quanto viver. N'aquella occasião, porém, foi inexoravel. A sua zanga para commigo estava no auge quando entrou de repente na sala uma senhora

desconhecida, muito bem vestida, que disse querer falar a Dubrowina em segredo.

Ficamos todos mudos, perplexos e assombrados, porque a irmã mais nova de Dubrowina havia desapparecido desde algumas horas e ninguem sabia onde estava. Pensámos logo em alguma desgraça.

Felizmente d'ahi a pouco voltou Dubrowina e chamando-me de parte disse-me que aquella senhora vinha buscar-me de mandado de Sophia Perowskaia.

Tive de me conter para não saltar de alegria ao ouvir estas palavras. Sophia estava viva, e de certo queria passar-se para o extrangeiro. Nem sequer me vinha á idéa que ella pudesse precisar de mim para outra coisa a não ser para a fazer passar na fronteira que era a minha especialidade.

Com estes pensamentos côr de rosa entrei no aposento onde Sophia me esperava. Veiu-me ao encontro. Comecei por lhe manifestar o vivo prazer que sentia ao vêl-a resolvida a sahir para o extrangeiro.

Abriu os olhos como se ouvisse a coisa mais extranha d'este mundo.

Vi que me tinha enganado e entrei a pedir-lhe, a supplicar-lhe que sahisse da capital, onde era tão procurada. Não tinha então a menor som-

bra de suspeita de que ella tivesse tomado parte no acontecimento de 13 de março e não o vim a saber senão pelos jornaes. Mas a parte que ella tomára no attentado de Moscow, de que já se sabia pela revelação de Goldenberg e constava nos jornaes, era, no meu entender, uma razão mais que sufficiente para ella se afastar de S. Petersburgo em semelhante occasião.

A todas as minhas insistencias respondia ella, porém, com uma recusa inabalavel.

—É impossivel—dizia—sahir da capital n'uma occasião de tal gravidade. Ha muito que fazer, muita gente que ver.

Estava enthusiasmada com a terrivel victoria alcançada pelo partido. Tinha confiança no futuro e via tudo côr de rosa.

Interrompeu de vez as minhas supplicas, expondo-me o motivo porque me tinha mandado chamar.

Queria ella saber alguma coisa a respeito do processo dos czaricidas. Tratava-se de ir a casa de um figurão, d'uma Excellencia, um alto funccionario da policia, que poderia sem duvida dar-nos informações do processo, não obstante ser feita com todo o segredo a instrucção d'elle. Este sujeito não estava em relações regulares com os nihilistas, mas eu conhecia-o casualmente desde alguns annos, e foi por esse mo-

tivo que Perowskaia se lembrou de mim. Tinha n'isto o maior interesse porque o homem, a quem ella amava, era um dos implicados. Posto que terrivelmente compromettido, deixou por acaso de tomar parte directa no negocio de 13 de março, e Sophia ainda tinha umas esperanças.

Respondi-lhe que iria ter de boa vontade não só com a tal minha Excellencia, mas, se fosse preciso, com o meu Guarda, com quem annos antes tivera relações para a correspondencia com os presos politicos.

Isto porém não acceitou Sophia, dizendo que o meu Guarda tinha cortado todas as relações com os nihilistas e me entregaria infallivelmente nas mãos da policia, ou, se tivesse medo das minhas revelações, me lançaria ás pernas uma matilha de espiões. Em todo o caso nada havia a esperar d'elle, e talvez mesmo que nada soubesse dizer. Já com a Excellencia não era assim, porque pessoalmente era incapaz de uma infamia e no intimo tinha até algumas sympathias pelos nihilistas.

Ficou assentado que no dia seguinte ás dez horas da manhã eu havia de procurar o meu Excellentissimo. Sophia queria ter a resposta o mais depressa possivel, mas, por mais que quebrasse a cabeça, não achava meio de estar com-

migo antes das seis da tarde. E como eu não pudesse deixar de lhe manifestar o meu espanto, contou-me a maneira como tinha o seu tempo distribuido. No dia seguinte devia ter sete entrevistas na cidade, todas em bairros oppostos.

Terminada a nossa conferencia, chamou Sophia um rapaz que fazia parte da familia onde estavamos, e mandou-o ao *adresni stol* (repartição das moradas) para saber a morada da tal Excellencia. Uma rapariga, amiga da casa, foi encarregada por Perowskaia de me ir procurar uma poisada para a noite, pois lhe disse que a não tinha.

Entretanto ficámos sós e eu tornei a insistir com ella para que partisse para o extrangeiro. Propunha-lhe, se via que lhe era impossivel estar fóra da Russia por muito tempo, leval-a sómente até alguma villa ou cidade da fronteira onde poderiamos passar juntas umas duas ou tres semanas. A nada se movia e ria-se da minha timidez, mas benevolamente.

Depois mudou de assumpto. Disse-me quem era o mancebo que morreu na occasião de explodir a bomba atirada aos pés do imperador. Disse-me que o homem que se suicidou na Telegnaia era Nicolau Sabline, meu conhecido desde alguns annos. Esta noticia horrorizou-me.

Quando voltou a rapariga que fôra arranjar-me

poisada, separámos-nos. Sophia perguntou-me se eu tinha precisão de dinheiro para me vestir de modo que pudesse apresentar-me a Sua Excellencia. D'esta vez tinha ella as algibeiras cheias de dinheiro, mas disse-lhe que não precisava porque vinha vestida com bastante decencia.

No dia seguinte fui ter com Sua Excellencia que me recebeu com muito mais cortezia do que eu esperava, e deu-me todas as informações necessarias e minuciosas. Mas que dolorosas ellas eram! A sorte de Gelaboff, assim como a de todos os outros, estava irrevogavelmente decidida. O processo era apenas *pro forma* para o publico.

Ás seis fui com estas noticias para a entrevista. Respirei com força quando a vi entrar. Estavamos ambas com um aspecto bem pouco agradavel; eu, porque me assustára com a sua demora, ella, porque, segundo me disse, estava muito cançada, ou talvez fosse por outro motivo. Trouxeram-nos o *samovar* e deixaram-nos sós.

Communiquei-lhe sem preambulos as noticias que trazia. Não lhe vi o rosto porque tinha os olhos no chão; quando os levantei, vi que todo o corpo lhe tremia. Depois agarrou-me as mãos, abaixou a cabeça e deixou-se cahir no

chão apoiando as faces nos meus joelhos. Conservou-se n'esta posição por alguns minutos. Não chorava, mas tremia toda. Por fim ergueu-se e sentou-se, procurando compor-se.

Mas de repente tornou a agarrar-me as mãos e apertou-m'as com tal força que me fez doer.

Lembra-me que lhe propuz ir a Odessa chamar algum dos parentes de Gelaboff para as visitas. Mas respondeu-me que não sabia bem a sua morada e que de mais era já muito tarde para que pudessem chegar antes dos debates.

A Excellencia maravilhára-se de Gelaboff ter declarado que era o organizador do attentado.

Quando o contei a Perowskaia, respondeu-me ella exactamente por estas palavras:

—Não era possivel de outro modo. Se o processo fosse só contra Rissakoff, ficava muito pallido[1].

O Excellentissimo tinha-me communicado muitas particularidades ácerca do procedimento altivo e nobre de Gelaboff.

Ao contal-as a Sophia notei que os olhos se lhe inflammavam e as suas faces tomavam côr. Era evidente que ella sentia com isto uma grande consolação.

---

[1] Não daria nas vistas, não faria bulha, não despertaria interesse. (Trad.)

Elle tinha-me até dicto que todos os accusados sabiam já a sorte que os esperava, e que tinham recebido a noticia da morte proxima com admiravel tranquillidade e sangue frio.

Ouvindo isto Sophia deu um suspiro. Ella soffria immenso. A sua vontade era chorar, mas reprimia-se. Houve, porém, um momento em que os olhos se lhe arrasaram de lagrimas.

N'aquelles dias corriam já pela cidade vozes de que Rissakoff fazia revelações. Mas o Excellentissimo negava-o, não sei porque. Lembro-me de que fiz notar esta contradicção para concluir d'ahi que nem elle sabia tudo. O que eu queria era tranquillizal-a, fosse de que modo fosse. Mas respondeu-me:

—Não, estou persuadida de que tudo isso é verdade, porque elle sabe-o bem. Eu conheço Rissakoff e creio-o incapaz de dizer coisa alguma. E tambem a Mikailoff.

E disse-me então quem era este Mikailoff, e quantos homens havia com este nome entre os terroristas, e encarregou-me de communicar a um amigo meu a revelação que um d'elles fizera.

Estivemos juntas até á meia noite. Ella queria sahir primeiro, mas estava tão cançada que mal se podia ter em pé. D'esta vez falava pouco, com voz secca e em breves palavras.

Prometteu vir no outro dia á mesma casa das duas para as tres horas da tarde. Eu fui lá ter ás duas e meia, ella tinha vindo mais cedo, mas não poude esperar por mim, e assim não a tornei mais a ver.

D'ahi a dois dias era presa.

IV

Tive então uns dias bem tristes. A minha posição equivoca, nem *legal* nem *illegal*, trouxe-me bastantes amargos de bocca.

Completamente extranha ao movimento, não queria munir-me de um passaporte falso; e faltando-me passaporte, não tinha outro remedio senão procurar esconderijos e poisadas nocturnas, o que n'aquella minha posição exquisita se tornava muito difficil.

Não podia aproveitar-me dos esconderijos usados pelos terroristas, e muito menos ainda porque nos desgraçados tempos que então corriam não podiam elles dispensal-os. Tinha de os procurar por mim. Mas a quem recorrer? Os meus amigos pessoaes, os unicos que se incommodaram commigo, eram, como a Dubrowina, «gente

suspeita». Não se podia ir a casa d'elles senão muito de longe em longe.

Com vontade ou sem ella, vi-me forçada a recorrer para assim dizer á beneficencia publica.

E foi então exactamente que tive ensejo de conhecer, ao menos em parte, a classe media, que se poderia chamar neutral, porque ou não quer ter a menor participação na lucta, ou, embora sympathize de todo o coração com os revolucionarios, ainda se não decidiu a entrar directamente no movimento. Falo da classe dos cidadãos pacatos, que vivem só para comer, e da mocidade estudiosa.

Só d'estas duas classes posso falar.

Quanto á primeira, pouco tenho a dizer; é assumpto muito abhorrecido. Fiz esta observação: na Russia o homem treme tanto mais, quanto menos razão tem para tremer[1]. Limitar-me-ei a contar um só facto.

[1] A proposito d'esta observação, que é perfeitamente justa, vou narrar um facto que se deu commigo.

Um tal P., homem dos seus quarenta, proprietario de um estabelecimento commercial, cavalleiro, e, se não me engano, membro de qualquer conselho administrativo, homem em summa em excellente posição social, lembrou-se de beneficiar um dia os terroristas com um donativo pecuniario. Mas como era muito receoso, não se resolvia a mandar-lh'o por intermedio de terceira pes-

De uma vez soube casualmente que a melhor das minhas amigas da infancia, Emilia ***, com quem convivi por muitos annos, mais do que como irmã, tinha chegado a S. Petersburgo. Quiz logo ir vel-a. Mas, como acabava de chegar, não se podia saber a sua morada no *adresni stol*, e tive de recorrer a outro patricio meu, o professor Boiko, que era amigo da casa.

Passei n'estas voltas meio dia n'uma excitação quasi febril.

Queria Boiko tirar-me da cabeça a idéa de

---

soa, e queria entregal-o elle mesmo nas mãos de algum dos membros do partido. Depois de muitas hesitações decidiu-se finalmente a abrir-se com um tal N., seu amigo intimo de vinte annos. Este, louvando-lhe muito a idéa, disse-lhe que podia combinar facilmente uma entrevista commigo, porque eramos muito amigos um do outro. P. annuiu. A quantia não era muito grande, mas tambem não era de desprezar: cerca de 1500 liras (500 rublos).

Marcado o dia e a hora, fui a casa de P. em companhia do meu amigo. P. tinha casa sua.

Acautelára-se elle mandando sahir de casa o dvornik e o creado e, como a familia tinha ido a banhos para fóra do paiz, estava elle sósinho em casa.

Apenas tocámos a campainha, desceu precipitadamente a escada com uma luz na mão (era já noite), mas assim que nos viu, assoprou immediatamente a luz. Subimos a escada em escuridão completa. Era uma *precaução*.

Entrámos no aposento mais retirado do segundo andar da casa perfeitamente deserto. Accendeu outra vez a vela.

lá ir, dizendo que Emilia, como era da mesma terra, sabia ser eu uma «emigrada», e que tanto bastava para a que minha presença a incommodasse bastante. Mas não lhe dei troco, tal era a confiança que tinha em Emilia.

Cheguei finalmente em companhia de Boiko á porta tão desejada. Pergunto ao guarda-portão se estão em casa. Diz-me que sim e eu logo a voar pela escada acima com o coração cheio de alegria.

Boiko seguia-me a custo.

Era um domingo. Os creados naturalmente

Começaram as negociações, que se fizeram de um modo, bastante singular. P. não queria de maneira nenhuma tractar commigo directamente, e repetia:

—Eu cá não vi ninguem. Só o senhor N. é que esteve em minha casa.

Por isso voltava-se sempre para este, falando de mim em terceira pessoa, como se eu não estivesse presente. Eu respondia da mesmo fórma.

Quando depois de alguns preliminares veiu a questão do dinheiro, P. fez-me abrir os olhos de espantado com o extraordinario pedido (feito sempre em terceira pessoa) de lhe assignar (com um nome supposto, já se sabe) uma lettra da quantia que elle me dava.

—Não tenho a menor difficuldade em fazer a vontade ao excellente cavalheiro o sr. P., disse eu voltando-me para N., mas desejava que lhe perguntasse qual o fim d'este acto, pois me não é possivel adivinhal-o.

Ouvi logo a voz do sr. P. que explicava a N. o fim que tinha em vista. Se a policia, tendo conhecimento do

tinham ido passear, porque foi a propria Emilia que me veiu abrir a porta.

A scena que se seguiu, não é sem custo que a descrevo.

Assim que me viu, poz-se logo toda a tremer. Vou para ella e ella recua... Só d'ahi a alguns momentos é que eu consegui abraçar aquelle corpo que fugia e cobrir de beijos as suas faces pallidas.

Ao passarmos da saleta para a sala, eis o quadro que se me depara. O marido de Emilia e

---

seu crime, lhe fosse fazer uma busca ao escriptorio e examinasse as suas contas, acharia um desfalque inexplicavel no cofre. E ahi está porque elle queria a lettra de cambio.

Ouvida a explicação, declarei-me plenamente satisfeito. Mas N. dissuadiu o ardiloso bemfeitor, fazendo-lhe notar que a minha lettra podia ser conhecida da policia e assim seria muito melhor assignar elle mesmo.

Não sei se P. seguiu o conselho ou não.

Não havendo mais que dizer com relação ao negocio, P. chegou á franqueza de se voltar directamente para mim. Entre outras coisas lembro-me bem de lhe ouvir dizer que não acreditava na possibilidade de uma revolução na Russia, «porque os Russos são muito medrosos. E eu tenho bem razão para o saber, accrescentou elle, porque tambem sou Russo». Mas admirava a coragem dos revolucionarios e por isso depois de muito pensar, resolvera fazer-lhes este donativo.

Disse-me que tratava de quando em quando de obter

seu irmão, que era tambem meu amigo de infancia, estavam sentados á mesa a jogar as cartas.

Não se mexeram, nem sequer fizeram o mais leve cumprimento; ficaram como petrificados. Durava já muito o silencio que me embaraçava e opprimia immensamente.

— Não podem interromper o jogo! — disse eu finalmente para tirar Emilia d'aquella situação.

Ella tentou sorrir, mas o sorriso converteu-se-lhe em visagem.

---

as nossas proclamações, mas lia-as sempre na *privada* e rasgava-as em boccadinhos para o creado não desconfiar. Tinha-as dependuradas de uma linha muito fraca, de modo que, se alguem quizesse tiral-as, não usando de certas precauções, a linha quebraria e os perigosos papeis cahiriam em sitio onde elle esperava que a policia não iria fazer buscas.

— Que diz a isto? — accrescentou, dirigindo-se a mim.

Mortificou-me um pouco a falta de respeito que elle mostrava pelas nossas proclamações, mas não pude deixar de admirar a sua finura.

Esquecia-me dizer que, em quanto durou a minha visita, P. de cinco em cinco minutos levantava-se da cadeira e corria á porta a ver se estava alguem escondido atraz d'ella, apesar de não haver ninguem em casa e de estar fechada a porta da rua.

Toda esta scena, que eu recommendo ao nosso grande satyrico Tchedrine, é perfeitamente authentica. N. bem o póde testemunhar. Não lhe accrescentei uma linha.

Comecei a falar de mim. Disse que não tinha tomado a mais pequena parte em nenhum dos acontecimentos dos ultimos tres annos, que era quasi *legal,* que só as terriveis condições do tempo me tinham impedido de arranjar um novo passaporte. Que em summa elles não corriam o menor perigo recebendo-me, e que, se assim fosse, não os procuraria eu.

Emilia sabia perfeitamente que eu era incapaz de lhe dizer uma coisa que não fosse verdade.

Mas, quando eu julgava que as minhas palavras a tranquillizariam, vi que nenhuma impressão lhe fizeram. Era um d'aquelles terrores panicos instinctivos, invenciveis, contra os quaes não ha razões que tenham força.

Emilia, sempre mais pallida do que a morte, disse balbuciando que se assustára de me ver em semelhante occasião.

Por fim os dois cavalheiros levantaram-se e vieram para me apertar a mão. A paralysia que os tolhera parecia ter perdido o seu caracter agudo.

Demorei-me em casa de Emilia coisa de vinte minutos, falando de muitas coisas, para poupar aos meus hospedeiros a necessidade de abrirem a bocca.

Á despedida, Emilia veiu acompanhar-me até

á porta, dizendo entre dentes, em ar de desculpa:

—Sempre me metteste um susto!

Na rua começou Boiko a escarnicar.

—Então não lhe tinha eu dicto que não fosse lá? E a senhora: «depressa! depressa!»

E arremedava a minha voz rindo.

Respondia-lhe, não sem algum ferro, que não importava, que sempre gostei de a ver, etc., etc.

Mas eis em campo uma questão urgentissima, a da poisada para a noite.

Era já muito tarde para a achar, e a coisa estava sendo muito difficil. Assim que me levantava, o meu primeiro cuidado era sempre o arranjar uma poisada, e ordinariamente gastava em tratar d'isto o dia inteiro.

Mas d'esta vez, com a idéa de ir ver a Emilia, nem sequer me passára tal coisa pela cabeça.

—Esta noite tenho de ficar na rua—disse eu.

Boiko não quiz ouvir tal e poz-se a parafusar para ver aonde me poderia conduzir. Não lhe occorria porém casa alguma.

Como era homem, em quanto á politica, innocente como uma creancinha de peito, os seus amigos eram todos tão innocentes como elle e por isso altamente medrosos.

Por mais que excogitasse não encontrava logar onde eu pudesse ficar.

—Venha para minha casa!—disse elle emfim.

Eu conhecia-o desde creança e eramos como se fossemos irmãos. Mas não gostava de passar uma noite no quarto d'elle, tanto mais que sabia que elle tinha só um. Entrei a pôr duvidas, falando dos dvorniks, da creada, da dona da casa.

—Isso não tem duvida—respondeu elle.—A dona da casa só amanhã de manhã o saberá, a creada tambem. Não tem duvida.

—Como não tem duvida? E os dvorniks tambem não tem duvida? Não sabe que, assim que nos virem entrar, vão logo dar parte á policia?

—Oh não tem duvida!—repetiu Boiko.—Os dvorniks não vão avisar a policia; o que elles cuidarão é que...

Fil-o calar, porque os dvorniks não cuidariam nada d'isso. Mas emfim era preciso tomar uma resolução. Passar a noite na rua, além de pouco agradavel, tinha seu perigo. E, como não via outro recurso, acceitei.

Passámos pelos dvorniks sem sermos incommodados; pareceu-me até que nos cumprimentaram com muita cortezia.

A dona da casa e a creada dormiam e não nos viram entrar.

Soltei um suspiro de consolação.

—Passámos todas as barreiras com felicidade

—disse eu ao meu hospede.—Mas isto não quer dizer nada, porque os dvorniks vão dizer á policia.

Elle disse-me que não iam tal, e para me distrahir contou-me que, tendo de trabalhar até alta noite com um amigo seu, tambem professor, convidava-o a vir passar as noites em sua companhia.—Eis senão quando um bello dia o cabo dos dvorniks vem ter commigo e diz-me que eu recebia em minha casa vadios sem passaporte.—Sim—disse-lhe eu—e não é só um, são muitos, e muito favor me fazes se m'os puzeres fóra de casa.—O dvornik arregalou muito os olhos. Eu mostrava-lhe um bando de *escaravelhos*.

—Aqui estão—prosegui eu—os meus vadios que não tem passaporte. Vê que quantidade. Agora o meu amigo é um escaravelho que tem passaporte visado e registado.—O dvornik poz-se a rir e o caso ficou por alli.

De bom grado passariamos toda a noite de cavaco; mas era preciso apagar a vela, porque a janella dava para o pateo, e o dvornik vendo a luz podia desconfiar de alguma coisa revolucionaria.

Eu por ser mulher fiquei no leito. Boiko deitou-se no chão e cobriu-se com o sobretudo. Deitei-me vestida sem tirar sequer os punhos

nem o collarinho, e, como a almofada cheirava a tabaco, tive de atar na cabeça o meu lenço preto.

— Se a policia viesse cá esta noite — pensava eu commigo — não teria muito que esperar por mim.

V

Agora vou dizer duas palavras da outra parte da sociedade Russa com que, por minha posição, tive ensejo de tratar mais frequentemente; quero falar da mocidade estudiosa que ainda não entrou no campo dos conspiradores, porque da que já lá entrou não poderia dizer muito.

Se não tivesse o testemunho de meus proprios olhos, custar-me-ia crer que a tão pouca distancia, dentro da mesma cidade, possam existir contrastes tão salientes como os que se observam entre a classe dos cidadãos pacificos e a da mocidade Russa.

Limitar-me-ei a contar o que vi e o que ouvi.

A coragem civica, de que é tão falta a parte madura de toda a sociedade Russa, não se encontra senão nos rapazes.

É extranho, é, mas nada mais verdadeiro. Oiça

um facto notorio, que andou muitos dias nas boccas de todos.

Na Academia de medicina um dos estudantes, «o condezinho», como lhe chamavam, lembrou-se de propor uma subscripção para pôr no caixão do defuncto imperador uma coroa de flores.

Um silencio sepulcral acolheu esta proposta. O rapaz deitou no chapéo cinco rublos e correu a roda dos que estavam presentes. Ninguem deitou sequer uma kopeka.

—Mas, senhores—perguntou elle—o que se ha de fazer então?

—Ouvir a licção do professor Mergeewsky—responde-lhe da multidão uma voz.

Mas elle não quiz dar-se por vencido e continuou a pedir e perseguir a todos, até que achou um companheiro que lhe deitou no chapéo mais dois rublos.

Acabada a licção do professor Mergeewsky, tornou elle a correr a roda e a insistir.

Não conseguiu obter mais nada.

—Mas que se ha de então fazer, senhores?—grita desesperado.

—Ouvir a licção do professor fulano (não me lembra o nome).

Acabou tambem esta licção e o rapaz quiz ver se punha os seus condiscipulos entre a espada e a parede.

Deita o dinheiro em cima da mesa e exclama:

—Que querem que eu faça com este dinheiro?

—Dal-o para os presos—responde-lhe da multidão uma voz, que todos os assistentes repetiram.

O condezinho e o seu companheiro sahiram raivosos.

Então um dos estudantes levanta-se, péga no dinheiro que ficava sobre a mesa, e ninguem duvidou de que os famosos sete rublos iam ser restituidos a quem pertenciam.

No mesmo dia os estudantes da Academia fizeram uma subscripção de cincoenta rublos para os presos.

Succedia isto poucos dias depois do attentado, quando toda a cidade estava perdida de medo.

Semelhante, posto que não identico, foi o procedimento dos estudantes das outras escholas superiores. Para fazer o que fizeram os estudantes da Academia de medicina, só quem esteve na Russia durante aquelle periodo é que póde comprehender a coragem que era precisa.

O que mais se nota na vida da mocidade estudiosa da Russia em geral é a pouca conta em que ella tem os seus interesses pessoaes, isto é, os da sua carreira, do seu futuro, etc.; e até mesmo os prazeres que, como se diz, «embellezam a aurora da vida».

Parece que a mocidade na Russia não vive senão dos interesses intellectuaes.

A sympathia que tem pela revolução é immensa, universal, quasi unanime.

Desembolsam todos o seu ultimo soldo para a *Narodnaia Volia* e para a Cruz Vermelha, isto é, para os presos e para os desterrados.

Tomam todos parte activa na organização de concertos, de bailes para juntar alguns rublos em beneficio da revolução. Muitos ha que ficam com fome e frio para darem o seu obolo á «causa». Conheci *communas*[1] inteiras onde se não alimentavam senão a pão e caldo para darem para a revolução todas as suas economias.

Póde dizer-se que é a revolução o interesse principal e exclusivo d'esta mocidade. E advirta-se que, quando vêem as prisões, os processos, as execuções, não pensam mais nos estudos. Reunem-se em pequenos circulos dentro das suas casas e alli em volta do *samovar* conversam, discutem, communicam uns aos outros as suas idéas e sentimentos de indignação, de horror, de admiração, e d'est'arte cresce e se revigora a sua exaltação revolucionaria. Então é

[1] Assim se chama entre os estudantes a uma especie de phalansterios em que um certo numero de rapazes vivem em plena communidade de tudo.

que é vel-os: tomam um aspecto preoccupado e serio, como se fossem uns velhos.

É curiosa a avidez com que se deitam a todas as coisas as mais insignificantes que provêem do mundo revolucionario; incrivel a celeridade com que se espalham por toda a cidade as noticias d'esta natureza.

O telegrapho que o governo tem nas mãos, não póde competir com as pernas dos nihilistas.

Prende-se hoje este; ao outro dia já toda a capital sabe a triste nova. Chega aquelle; est'outro faz revelações; aquell'outro, pelo contrario, mantem em frente dos guardas uma firmeza exemplar; tudo isto se sabe logo e em toda a parte.

É excusado accrescentar que com tal disposição de animos esta mocidade está sempre prompta a prestar toda a qualidade de serviços aos revolucionarios sem pensar nos perigos que póde correr. É digno de ver-se o amor, a solicitude com que o faz.

Mas concluo. Estou muito longe de pretender representar o que é a mocidade da Russia; seria encargo muito superior ás minhas forças.

Volto pois ás minhas peregrinações.

Foi esta mocidade que me deu poisada nocturna quando a boa Dubrowina e algumas outras amigas minhas me não podiam acceitar em suas casas.

Mas n'este ponto não posso passar em silencio uma outra coisa.

Quando recebia o convite, apresentava-me e, posto que ninguem me pedisse contas, tal é a lei da hospitalidade na Russia, eu não deixava de repetir a minha eterna cantiga: que não tinha parte nem pequena nem grande na conspiração, que nem sequer era *illegal*, que era simplesmente «vagabunda» pelo facto de não ter passaporte e de não querer arranjar um falso. E dizia isto para tranquillizar os que me hospedavam e por não me gabar do que outros fizeram e tambem, confesso, para que me convidassem para outra vez.

Mas com espanto meu as minhas palavras nunca produziam o desejado effeito.

Apesar de myope, podia perceber-lhes nos rostos um leve sorriso de incredulidade que queria dizer: «Como? E mais nada?» E ninguem me convidava para outra noite.

Isto a principio arreliava-me, mas depois já me ria e habituei-me á minha sorte de ter de procurar todos os dias poisada para a noite.

Observei que, em geral, quanto mais um revolucionario é temido e processado pela policia, mais facilmente o acolhem, o escondem e fazem tudo por elle. Porque, em primeiro logar, o individuo que pertence á revolução tem sem-

pre alguma coisa interessante para contar; e depois ha mais satisfacção em o esconder; ajudar um homem de grande importancia é de certo modo tambem uma «actividade» revolucionaria. E finalmente ha n'isto tambem uma certa honra. Não se lhes póde levar a mal. Dizia-me um dia um rapaz de familia abastada da classe media:

—Saiba que temos lá em casa um sofá, uma poltrona e uma cadeira onde Gelaboff e Perowskaia se sentaram. Nunca mais nos desfaremos d'ellas—accrescentava—porque todas estas coisas são historicas.

VI

Passemos de novo d'estas regiões placidas á zona esbrazeada da revolução.

Lembra-me bem que era uma terça feira. Ás quatro horas em ponto, apesar do temporal horrivel que fazia, estava eu na estação do caminho de ferro á espera de Varia que devia vir de proposito para ver Tania (Lebedeva)[1].

[1] Compromettida no attentado do caminho de ferro de Odessa. Uma das duas mulheres condemnadas á morte no ultimo processo chamado dos 22.

Pergunta-me talvez porque vinha eu esperal-a? Aqui tem a razão: quando alguem chega a S. Petersburgo, o ponto mais difficil é saber aonde se ha de dirigir; qual das pessoas de amizade está presa, qual o não está; a casa de quem se póde dirigir sem cahir n'uma emboscada policial. Já vê a utilidade e a consolação que ha em encontrar alguem na estação.

Queria dar este prazer a Varia. Mas infelizmente ella não veiu. Para este caso tinhamos já combinado ir eu encontrar-me com Tania. Era preciso fazer-lhe chegar ás mãos duzentos rublos que estavam destinados para ella e se achavam depositados em casa da Dubrowina. Fui lá buscar o dinheiro. Dirigi-me ao sitio da entrevista, esperando que com esta quantia pudesse Tania partir para a provincia e talvez mesmo para o extrangeiro.

Assim que entrei no aposento onde estava Tania com a dona da casa, Slobodina, exclamaram ambas a um tempo:

— E Varia onde está?

Tania, quando eu lhe disse que não tinha vindo, ficou muito perturbada. Enfiou e esteve um pedaço sem poder dizer uma palavra.

Tratei logo de lhe entregar os duzentos rublos, mas disse-me que precisava de mais oitenta, aliás não partiria, porque os duzentos ti-

nha-os destinados para outra coisa. N'esse mesmo dia fôra preso Miguel, não em sua casa mas n'outra aonde fôra para uma entrevista. Soube depois que aquelle dinheiro tinha-o ella destinado para mandar vir a mãe de Miguel que estava no Caucaso.

Disse-lhe que havia remedio. Dubrowina tinha sempre algum dinheiro das subscripções que se arranjavam para a revolução e eu podia ir lá buscál-o.

— Pois sim — disse — é necessario. Mas é melhor ir lá Slobodina, porque tenho que falar com a senhora. Ora primeiro que tudo diga-me se a seguiram.

Ambas entraram a perguntar me se não havia nada de suspeito na rua, á porta, na escada, etc.

Disse-lhes que nada tinha visto, mas, como sou myope, que era bom não se fiarem muito nas minhas observações.

— Aposto que ha alguma coisa e que não viu nada! — disse Tania com um gesto de impaciencia.

E aqui está o que ella me contou:

— Assim que sahi de casa, vi que um espião me seguia. Tomei o primeiro «likhac»[1] que en-

[1] Chamam assim aos carros de luxo e com bons cavallos.

contrei. O espião teve de se metter n'um trem de praça ordinario, e por um momento perdeu-me de vista. Mas á esquina da Basseinaia um americano atravessou-se-me na rua e o espião poude ganhar o caminho perdido e estava já quasi a alcançar-me. Quando o meu «likhac» começou outra vez a rodar, o espião deu um assobio e vi outro individuo entrar para o carro em que elle vinha. Mandei bater para a Ligowka, depois para Pesky, depois para Miguel Archanjo, n'uma palavra fiz andar o «likhac» pelo menos durante uma hora.

Depois de me assegurar de que me tinham perdido de vista, mandei parar defronte de um armazem de tabacos e entrei para trocar uma nota do banco e comprar um maço de cigarros. Quando sahi do estabelecimento, o «likhac» estava só e na rua não havia ninguem. Despedi-o e vim até aqui a pé. Mas não estou bem certa de não ter sido seguida.

Contou-me depois o que sabia da prisão de Miguel. Como viviam ambos na mesma casa, era quasi milagre não ter ido lá ainda a policia prendel-a a ella.

Ao ouvir tudo isto e sabendo-lhe dos precedentes, comecei a pedir-lhe que sahisse de S. Petersburgo immediatamente.

—Não, não póde ser—respondeu-me Tania

distrahida, como se falasse comsigo.—O que é preciso é «despejar»[1] a casa.

—Não é coisa que eu possa ir lá fazer?—perguntei.

Abanou a cabeça sem responder.

Disse-lhe então que, se não queria encarregar-me do despejo por não se fiar na minha discreção, fazia mal, e afiancei-lhe que não leria nem examinaria coisa alguma, mesmo para não *escaldar* as mãos. Lembra-me que a nossa discussão tomou quasi as proporções de uma lucta.

A falar verdade, eu tinha um medo dos diabos[2] de me ir metter n'aquelles terriveis covis; mas tinha ainda mais medo de lá deixar ir Tania que andava já com a corda ao pescoço. Era isto o que me animava a insistir.

—Talvez possamos ir ambas—disse eu.—Faremos mais depressa as duas o despejo da casa e iremos mais descançadas.

—Não, não póde ser. E demais eu tenho de ficar lá de noite.

---

[1] «Despejar» na linguagem dos nihilistas quer dizer destruir ou levar todos os papeis ou outras coisas que possam comprometter.

N. B. Isto já fica dicto no capit. 1º dos *Ukrivatelos* (Trad.)

[2] Quiz conservar tal qual este trecho e d'isto peço desculpa, não ao leitor, mas á auctora.

A estas palavras erriçaram-se-me os cabellos. Pedi-lhe por tudo quanto ha que não fizesse semelhante coisa. Estava certa de que a prenderiam infallivelmente. Parecia-me que era a desesperação que a levava a procurar a morte por suas mãos.

Houve um momento em que se me afigurou que me queria dar razão. Esteve a pensar... Tive esperança.

—É impossivel, não, não!—exclamou emfim.

—Se eu não fosse ficar a casa, o dvornik que todas as manhãs pelas sete horas me vae levar agua, se não achasse ninguem, ia chamar a policia immediatamente. Iam logo os espiões para todas as estações e não havia meio de escapar. E hoje é impossivel partir sem ver os «nossos». Não posso deixar de pernoitar em minha casa.

Não tenho palavras para descrever a minha desesperação.

Propuz-lhe ir passar a noite no logar d'ella. Que de manhã, quando viesse o dvornik, diria que ella estava doente e que me tinha mandado chamar para a acompanhar. De certo, o homem não havia de entrar no seu quarto de cama para ver se era verdade.

Tania não acceitou esta proposta. Não sei por que motivo. Só concordou em que eu a fosse ajudar a fazer o despejo no dia seguinte.

Combinámos todos os pormenores; haviamos de nos encontrar ás dez em ponto na Moghilewskaia.

Ella queria ir para Moskow, mas, como não havia tempo de prevenir os amigos que tinha n'esta cidade, devia ir para uma hospedaria. Para isto era preciso levar uma mala, alguma coisa de comer, alguma roupa branca, etc., tudo para não fazer desconfiar a gente da hospedaria onde ficasse.

Estas coisas devia eu compral-as na manhã seguinte e leval-as para casa de Slobodina.

Tania recommendava-me que gastasse o menos possivel e não quiz que lhe comprasse luvas novas nem chapéo, não obstante ser já velho o que tinha. Cobril-o-ia todo com um véo de musselina preta, em signal de lucto.

Depois de assentarmos em todas estas minuciosidades, veiu a questão da maneira como haviamos de sahir de casa.

Disse ella que lhe parecia mais seguro sahirmos juntas. Elles não seguem senão quem vae só. Vendo-nos a ambas, talvez se deixassem lograr. Sahimos. Tinhamos dado alguns passos, quando se approximou de nós um trem de praça e o cocheiro offereceu-nos os seus serviços.

Tania disse-me em voz baixa:—É um espião, já o conheço. Vejamos a maneira de nos desembaraçarmos d'elle.

Effectivamente durante uns dez minutos não nos deixou.

Depois de muitas voltas, encontrámos n'uma travessa um cocheiro a dormitar. Tania chamou, entrou no carro e partiu. Quando nos separámos, era já muito de noite.

Era preciso recolher-me á minha poisada, porque não podia apresentar-me muito tarde. Tomei um trem e fui direita á casa que me tinham indicado. Achei-a por indicios. Á porta estava naturalmente sentado o dvornik. Não devia nem fazer qualquer pergunta nem olhar para o numero da porta. A regra era esta. Entrei resolutamente sem estar bem certa, por causa da minha falta de vista, se era a casa que me tinham dicto. Subindo ao segundo andar vi tres portas. Na escuridão que estava, não podia distinguir coisa alguma, e com o coração a tremer puxei ao acaso a primeira campainha.

Foi grande a minha alegria, quando, perguntando (o que já então não podia deixar de fazer) á creada, se alli morava fulano, vi apparecer uma formosa senhora que me disse:

—É aqui, é. Faça favor de entrar.

Na manhã seguinte á hora aprazada entrava eu na Moghilewskaia. Não tinha ainda tempo de subir para o passeio que me fôra indicado, quando vi apparecer deante de mim Tania com

um cesto cheio de legumes na mão e um lenço preto na cabeça, como levam as governantes quando vão á praça.

Encaminhámos-nos para sua casa. Deu-me a chave da porta e disse-me que fosse andando adeante, para que o dvornik nos não visse entrar juntas.

Assim fiz.

A casa compunha-se de duas divisões com a cozinha. Impressionou-me a ordem irreprehensivel que vi em tudo. Os moveis, a salinha, a carteira do marido, estava tudo que era um gosto ver-se. Não faltava nada. Não parecia senão que era um ninho de paz e de alegria.

Tania entrou d'ahi a instantes trazendo as coisas para o jantar, e accendeu o fogareiro. Tudo isto era só para salvar as apparencias, por causa do dvornik. Depois poz-se a fazer a trouxa que havia de levar, mettendo só os objectos, cuja falta não pudesse ser notada, para que o dvornik não desconfiasse, se por acaso entrasse durante a sua ausencia com a outra chave que elles trazem sempre.[1]

[1] Os dvorniks ou guarda-portões que devem de dia e de noite guardar as portas das casas e dar razão de tudo são uma classe numerosa de parasitas que os donos das casas têem de sustentar. São o terror de todos

Antes de me deixar sahir, olhou para o pateo para ver o que estavam a fazer os dvorniks. Estavam rachando lenha.

Tania explicou-me que eu podia passar pelo pateo sem ser vista, quando elles fossem levar a lenha aos inquilinos dos andares de cima.

Assim fiz, e sahi sem obstaculo levando na mão uma trouxa nada pequena. Tomei um trem de praça e dirigi-me a casa de Slobodina.

Ahi enchi a mala e fui para a estação, onde devia comprar os bilhetes, despachar a bagagem e arranjar tudo para que Tania se mostrasse o menos que fosse possivel. Ella só havia de chegar dez minutos antes de sahir o comboio e não tinha mais que fazer do que ir tomar o seu logar no wagon. Por desgraça o comboio estava completamente cheio de passageiros. Já não havia logar e foi preciso engatar outro wagon. Estivemos na plataforma cinco minutos que me pareceram um seculo.

Finalmente engatou-se o wagon. Tania toma o seu logar e immediatamente o seu compar-

---

os habitantes pacificos, incluindo os donos das casas, que sabem que elles estão sempre ás ordens da auctoridade. Chega a tal extremo a sua prepotencia que em Moskow os dvorniks de uma casa espancaram o proprio dono d'ella.

timento se enche de gente. Mas a companhia é pouco interessante. Tania arrepende-se de não ter trazido um livro para se entreter com a leitura. Dei-lhe um jornal que trazia na algibeira e disse-lhe que na primeira estação de primeira classe podia comprar um livro qualquer. Mostrei-lhe as laranjas de que ella tanto gostava e que eu tinha tido o cuidado de lhe metter na mala, mas em voz baixa recommendei-lhe que não fumasse pelo caminho.

Riu-se, agradeceu-me as laranjas e disse-me que, quanto a não fumar, não me podia prometter.

Quando sahi á voz do empregado, disse-lhe não sei que phrases sem sentido:—Saudades á familia, muitos abraços aos pequenos, etc.

O comboio partiu e eu dei um suspiro de satisfacção.

Ella chegou a Moskow e demorou-se lá algum tempo. Receberam-se algumas cartas d'ella d'esta cidade, uma das quaes eu li, em que dizia que não tinha nada que fazer em Moskow, que estava abhorrecida e que o que mais desejava era voltar para S. Petersburgo. E para lá voltou com effeito, mas já eu lá não estava. A convite de uma amiga minha, proprietaria n'uma das provincias do Volga, parti para alli, com uma satisfacção que não é preciso dizer.

Tinham passado quatro mezes depois do terrivel dia de 13 de março e estava já restabelecido um pouco o socego, quando por intervenção do marido da minha amiga eu pude obter um passaporte regular, e assim terminou a minha Odysséa.

CONCLUSÃO

Tenho contado succintamente a historia do movimento revolucionario da Russia. O meu fim principal foi descrever a sua physionomia, por ser muito pouco conhecida fóra d'aquelle paiz.

Agora, antes de me despedir do leitor, vou lançar uma vista retrospectiva para o conjuncto do movimento, do qual apenas descrevi algumas particularidades.

O que torna o partido revolucionario da Russia completamente differente de todos os que em diversos tempos têem luctado contra a oppressão, não são os meios que elle emprega, porque esses em caso de necessidade todos os podiam empregar, é a sua posição em frente do

governo e do paiz, a qual é effectivamente unica no seu genero, e não apresenta nada semelhante na historia dos outros povos.

O movimento revolucionario da Russia não é mais do que uma revolução *sui generis,* feita não pelas massas populares ou civis que sentem a necessidade d'ella, mas sim por uma especie de delegação tirada do seio de taes massas para este fim.

Ninguem se propoz ainda e talvez ninguem se poderia propor calcular com alguns visos de verdade as forças numericas d'este partido, isto é, de toda a gente que participa das convicções e aspirações dos revolucionarios.

Só o que se póde affirmar é que elle é muito numeroso, e á hora em que estamos conta centenas de milhares e quem sabe? talvez milhões de homens disseminados por toda a parte.

Todavia esta massa de gente, a que se podia dar o nome de «Paiz Revolucionario» não entra directamente na lucta. Confia os seus interesses e a sua honra, o seu odio e a sua vingança áquelles que se encarregam de fazer da revolução a sua occupação unica e exclusiva, porque nas actuaes condições da Russia não ha modo de se conservar nas fileiras dos simples cidadãos e occupar-se ao mesmo tempo da revolução e do socialismo.

É n'esta classe de cavalleiros da revolução que se recruta o verdadeiro partido revolucionario, ou antes a organização militante.

Esta organização é pouco numerosa. Direi mais: tem sido sempre assim e sel-o-á em quanto durarem as presentes condições da lucta.

É uma confissão que não receio dizer e que póde servir ao leitor para aferir por ella a minha sinceridade.

A lucta na Russia faz-se toda exclusivamente por meio da conspiração. Machiavelli tem razão quando diz, a proposito de todas as sociedades secretas, que «os muitos as prejudicam».

Pelas condições inherentes á conspiração em si, quanto mais o numero dos associados augmenta, tanto maior é o perigo de ser descoberta. Esta lei, com quanto se não possa submetter a uma rigorosa expressão numerica, não deixa por isso de ser tão infallivel como as leis mechanicas.

Sabem-n'o todos os que têem entrado em alguma conspiração ou que têem muita leitura da historia d'ellas. Excuso pois insistir n'isto.

Ora na Russia dão-se certas condições especiaes que tornam esta lei ainda mais imperiosa; falo das difficuldades materiaes que é mister vencer e especialmente das immensas despesas que tem de fazer a organização militante para se conservar vigorosa.

As quantias que se gastam nas varias empresas terroristas, embora modestissimas para o trabalho que se executa, montam sempre a sommas consideraveis. Mas são mesmo nada comparadas com as que a organização tem de despender quotidianamente só para se conservar de pé. Com a vida tão agitada dos revolucionarios Russos, com as mudanças continuas de trajos, de cidade, de casas, em que muitas vezes é forçoso deixar ficar a mobilia e tudo o mais que as guarnece para ir mobilar e guarnecer outras, que talvez d'ahi a uma semana tenham de ser por sua vez abandonadas; com uma vida assim, as despesas da lucta devem evidentemente crescer de modo extraordinario. E d'aqui provém que o «Paiz Revolucionario» não póde manter senão uma organização militante relativamente restricta, quanto ao numero.

Não é por certo de caso pensado que se adopta este processo de limitação. O facto dá-se de per si de uma maneira muito simples, posto que muito cruel; isto é, com a morte dos que são de mais. E o officio de carrasco exerce-o naturalmente o governo.

Por uma tendencia inherente a todas as sociedades secretas com fins politicos, a organização revolucionaria procura alargar-se, chamar a si um numero cada vez maior de pessoas,

extender as suas ramificações por muitos logares. Mas quando attinge um certo ponto, começam os meios a falhar, e vem como consequencia um relaxamento inevitavel nas medidas de segurança conjuntamente com o relaxamento da disciplina propria das conjurações, o qual cresce sempre na razão directa da ampliação desmedida da sociedade secreta. A consequencia inevitavel é um «sinistro», uma «tromba», uma «sangria» applicada pelo governo.

Para provar que o movimento segue exactamente este caminho fatal, não é preciso mais do que lembrar todas as «trombas» que se desencadeiam sobre elle *precisamente nos momentos de maior vigor da organização.* É um facto este que todos nós os Russos, que por alguma fórma n'elle entrámos, devemos reconhecer.

Verdade é que as prisões não se limitam sómente a cortar o que se poderia denominar o excesso da organização. Ultrapassam sempre esta medida, porque são como as cerejas : uma puxa outra.

Mas outro facto eminentemente caracteristico.

Por maior que seja a derrota parcial soffrida pela organização, o governo não é capaz de o destruir de todo. Ha uma parte que fica sempre de pé e conserva as tradições e as memorias antigas.

Dois mezes depois das mais terriveis «trombas» a organização recompõe-se e fica como se nada tivesse havido porque n'esse intervallo fez-se uma pequena «leva»; novos campeões tomam o logar dos que cahiram e, tendo-se restabelecido o equilibrio entre o numero e os meios materiaes, juntamente com a disciplina, a organização está salva por algum tempo, continuando assim a lucta interrompida por um momento, até que, tendo-se extendido, por aquella tendencia insuperavel propria de uma sociedade viva, a ponto de ter de mais, sobrevem outra «tromba», outra «sangria».

D'este modo a organização, posto cresça proporcionalmente ás forças do partido (facto que é innegavel), fica sempre muito modesta quanto ao numero.

II

Falando das sociedades secretas, diz ainda o secretario Florentino não só que «os muitos as prejudicam» mas que «os poucos não bastam».

Que na Russia «os poucos bastam», e de uma maneira bem terrivel, não é necessario que eu aqui o demonstre.

Como explicar pois este facto extraordinario?

Explica-o a dedicação, a elevação moral, a energia d'estes luctadores heroicos, como tentei proval-o no meu livro.

Mas isto ainda não seria sufficiente, dirá alguem, para sustentar por tantos annos uma lucta tão tremenda. Queriam-se milagres de heroismo. Ora os milagres não são já do nosso tempo, ou pelo menos ninguem acredita n'elles. Como é então? Deve existir alguma outra causa.

Esta causa é o isolamento quasi absoluto do governo Russo.

A autocracia nos fins do seculo XIX, n'um paiz que está em communicação continuada com a Europa, onde todas as classes cultas recebem uma educação perfeitamente europêa; a autocracia n'um paiz semelhante é uma monstruosidade de tal ordem que, a não ser a gente que tem ligados a ella os seus interesses pessoaes, ninguem a póde defender de boa fé. D'aqui provem contra o governo uma opposição surda quasi universal em todas as camadas da sociedade que possue algum grau de instrucção, opposição que, a despeito dos rigores da censura e do arbitrio da administração, se manifesta por modo tão claro e palpavel que é preciso fazer ouvidos de mercador, como faz o governo imperial, para não dar por ella.

Basta ler as representações das assembléas provinciaes (Zemstwo), basta folhear os jornaes Russos d'estes ultimos annos para se certificar do anceio com que toda a sociedade na Russia pretende obter certos direitos politicos, taes como a liberdade da palavra e da imprensa, a inviolabilidade da pessoa e do domicilio, a representação nacional, tudo aquillo emfim que se resume na simples palavra *Constituição*.

Ora no programma dos socialistas Russos dos ultimos cinco annos, como já disse no meu prefacio, vê-se uma alteração de toda a importancia. Tendo principiado por sustentar, juntamente com o partido extremo da *Internacional* (chamado anarchico) que os socialistas se devem abster de entrar na lucta politica, os socialistas Russos pela logica inexoravel da vida deviam apprender á sua custa que a liberdade politica é uma coisa não só util, mas indispensavel para os socialistas, como para todos aquelles que têem alguma convicção a fazer vingar, alguma idéa a propagar entre os seus concidadãos. Deviam reconhecer que sem estes direitos elementares o socialismo nunca poderá sahir dos estreitos limites das sociedades secretas nem poderá exercer uma influencia decisiva sobre as convicções das massas populares.

Não havendo na Russia nenhum outro par-

tido capaz de entrar em lucta com o despotismo, resolveram emprehendel-a por sua conta os socialistas. E, como na Russia, segundo demonstrei na minha introducção, a lucta por insurreição á moda europêa é de todo o ponto impossivel, por isso os socialistas lançaram mão do terrorismo, da lucta com o autocrata em pessoa para lhe converterem a vida n'um tormento, n'um dissabor, para tornarem a sua situação intoleravel, vergonhosa, ridicula, obrigando-o, á força de zombar do seu pretendido poder illimitado, a ceder ás aspirações legitimas e modestissimas de toda a nação.

Encontram-se assim no mesmo ponto as aspirações dos socialistas e as de toda a sociedade Russa, e os terroristas não fizeram mais do que proclamar bem alto no meio do estampido e das chammas das suas explosões aquillo que todos ou pensavam de si para si ou murmuravam com voz indecisa e cheia de medo no meio de um diluvio de adulações e de um poder de reticencias obrigadas.

O resultado necessario d'esta situação dos revolucionarios era facil de prever. Grangearam a inestimavel vantagem moral do apoio da opinião publica, apoio que da parte dos mais corajosos não ficava só em palavras.

E não só isto; aquelles mesmos que lhes eram

contrarios por terem por subversivas as suas doutrinas, não queriam de modo algum prestar o seu apoio ao governo, por mais que este lh'o pedisse quasi como supplicante.

A resposta, que em seguida a alguma nova tentativa a sociedade Russa, por meio das assembléas provinciaes e da imprensa, dava áquellas supplicas repetidas, era sempre identica: «Estamos promptos a ajudar-vos contra os socialistas, mas dae-nos para isso os meios necessarios, isto é, a liberdade da palavra e a representação nacional. Se assim fôr, iremos de boa vontade servir-vos de varredores. Em quanto os não tivermos, somos impotentes para fazer seja o que fôr em vossa defesa».

Esta resposta não é lá muito nobre, a falar a verdade, mas refiro-a tal qual a vi formulada.

O governo não estava pelos ajustes e dava a entender que o auxilio que elle pedia á sociedade consistia simplesmente em esta fazer de espião.

A isto é que a sociedade se não sujeitava. E d'esta fórma ficou o governo completamente isolado, e a lucta entre elle e os terroristas, se bem que sempre terrivelmente desegual, não o é tanto ainda assim como de longe se afigura.

Aqui está o segredo que explica muito naturalmente o milagre da lucta terrorista.

Se o governo não estivesse em contradicção tão flagrante com a sociedade, uma lucta d'esta natureza nunca poderia existir, mesmo porque então a sociedade, longe de se deixar ficar indifferente, levantar-se-ia em massa contra os perturbadores do seu socego e n'um momento os esmagaria.

É claro como o sol. Onde vivem os terroristas senão no meio da sociedade? Com quem estão em relações quotidianas senão com os membros d'ella? Se não passassem de meros delinquentes ordinarios que perturbam a ordem publica por interesse proprio, era facil á sociedade entregal-os, de pés e mãos atados, aos representantes do poder. E se tivesse escrupulo de o fazer, tel-os-ia egualmente anniquilado com deixar tão só de os auxiliar. Aonde iriam então os terroristas buscar os seus meios? Onde se acoitariam? Onde encontrariam reforço?

E já não falo do peso da reprovação universal, sincera e resoluta, que seria decisiva n'uma questão que traz a terreiro exactamente os interesses mais immediatos da mesma sociedade, da qual se não póde dizer o que se diz do povo: que não comprehende o que diz nem o que faz.

Mas que lucraria a sociedade Russa em apoiar um governo que para todos se tornou intole-

ravel? Por isso, apesar dos seus protestos obrigados de dedicação, está ella com as mãos na cintura a ver em que pára a obra dos terroristas.

Está á socapa esfregando as mãos, e não só não denuncía os terroristas, mas de bom grado os auxilia, quando lh'o não veda o temor, porque bem sabe que elles trabalham para utilidade d'ella.

Não póde ser comparado o isolamento do governo Russo senão ao de um extrangeiro odioso n'um paiz conquistado.

A melhor prova d'isto é, como já disse, a sua impotencia para debellar os terroristas.

Com tudo, a modo de esclarecimento, vou contar alguns factos particulares da vida revolucionaria.

Devo dizer antes de mais nada que, com raras excepções, os revolucionarios Russos como *conspiradores* não são grande coisa. O caracter largo, descuidado, indisciplinado dos Russos, o amor das expansões, o habito de fazer tudo «em commum», tornam-n'os pouco aptos para se sujeitarem á regra das conspirações, que consiste em não dizer as coisas senão áquelles a quem é *necessario* dizel-as e não áquelles a quem se *podem* dizer sem perigo. Typos como Perowskaia ou Stephanowic são muito raros na

Russia. Por isso ordinariamente os segredos revolucionarios se guardam muito mal, e, apenas saem do centro da organização, correm logo com incrivel celeridade por todo o mundo nihilista e não raro passam de uma cidade a outra. O governo porém ignora tudo.

Assim antes de se publicar o jornal «Zemlia e Volia» dirigido por homens *illegaes*, sahia em S. Petersburgo um jornal clandestino revolucionario e socialista «Natchialo», que não era o orgão do partido, mas só de um circulo isolado, e tinha por directores quatro ou cinco homens «legaes». Toda a cidade os conhecia e lhes sabia os nomes. Mas a policia, por mais que se esfalfasse para descobrir o rasto do jornal, nada sabia e nada veiu a saber, tanto assim que ainda hoje alguns dos directores d'elle, que se não comprometteram n'outros negocios, vivem sãos e salvos.

A venda do mais terrivel dos jornaes terroristas a «Narodnaia Volia» effectua-se em S. Petersburgo da maneira mais simples que se póde imaginar. Em todas as escholas superiores e em todas as corporações determinadas da sociedade, assim como nas cidades principaes da provincia, ha homens conhecidos de todos que exercem esta commissão, e recebem um certo numero de exemplares do jornal para os venderem a quem querem por vinte e cinco kopekas cada

exemplar em S. Petersburgo e trinta e cinco nas provincias.

Outro facto que parecerá muito mais extranho, e que todavia é perfeitamente veridico.

A immensa conspiração dynamitica, organizada pela commissão executiva de 1879 por occasião da viagem de ida e volta do imperador de S. Petersburgo á Criméa, que é talvez a maior das empresas que uma sociedade secreta jámais organizou, essa conspiração era demasiadamente grandiosa para ser levada a cabo só com as forças do partido. Teve por isso de chamar gente de fóra, d'aquelle mundo vastissimo que a rodeia, sempre prompto a prestar-lhe todo o genero de serviços.

Não admira que com tanta gente o segredo dos attentados que se preparavam transpirasse e se divulgasse em breve *por toda a Russia*.

Não se sabiam, é certo, os sitios precisos; mas todos os estudantes, advogados e litteratos que não pertenciam á policia sabiam *que o comboio imperial havia de ir pelos ares durante o trajecto da Criméa a S. Petersburgo*. Em toda a parte, como disse, se falava d'isto. Chegou a fazer-se n'uma cidade uma subscripção quasi publica para esta empresa, e obtiveram-se cerca de mil e quinhentos rublos que foram enviados integralmente para a casa da Commissão.

E sem embargo de tudo isto a policia nada sabia. De todos os seis attentados que se referem áquelle tempo, apenas um é que foi descoberto, o de Logowenko, e por mero acaso. A prisão de Goldenberg, que tambem foi um acaso, na estação de Elisabethgrad com uma carga de dynamite eis o facto por onde se suspeitou que alguma coisa se preparava e que fez com que se tomassem precauções na disposição dos carros.

Estes e outros factos, que eu poderia citar até ao infinito, dão, creio eu, idéa da situação respectiva do governo e dos revolucionarios.

Os terroristas têem pela frente não um governo no sentido europeu da palavra, porque n'esse caso, attenta a demasiada desproporção das forças, a lucta seria impraticavel, mas uma camarilha, uma facção restricta e isolada que não representa senão os seus proprios interesses e não se apoia em nenhuma classe social.

D'est'arte a lucta, se bem que difficillima, torna-se possivel e póde durar muitos annos.

III

Que fim terá isto?

Depende da maneira porque o governo haja de proceder.

O que é claro e evidente é que com as represalias nunca poderá destruir os terroristas. O mesmo facto de elles serem poucos fará com que se não deixem vencer. A victoria alcançada sobre uma revolução como a de París dá ao vencedor pelo menos dez ou quinze annos de paz, porque com cem mil victimas extingue-se tudo o que uma nação tem de mais nobre, generoso e ousado, e esta fica sem forças em quanto uma nova geração não surgir para vingar a morte dos paes.

Mas que differença póde fazer, n'um paiz como a Russia, a perda de um punhado de homens que uma vez ou outra o governo conseguiu arrancar ás fileiras do partido?

Os restantes continuarão a lucta com o ardor aggravado pelo desejo da vingança. Meios pecuniarios, ministra-lh'os o descontentamento universal. A mocidade, sobre-excitada, como está, com o exemplo de tantos heroes, acode-

lhes como fonte immensa, inexhaurivel, com recrutas novos, e a lucta continúa ainda mais enfurecida.

Mas se os terroristas não podem ser vencidos, como poderão elles vencer o governo?

Uma victoria immediata, esplendida e decisiva, como a que dão as insurreições, é com effeito impossivel de obter-se por meio do terrorismo. Mais provavel é outra victoria, a do fraco contra o forte, a dos «rotos» de Hollanda contra os hespanhoes.

Na lucta contra um inimigo invisivel, impalpavel, omnipotente, o forte é vencido, não pelas armas do seu adversario, mas sim pela continua tensão das proprias forças, a qual por fim lh'as exhaure mais depressa do que o fariam as derrotas.

Ora a condição das partes belligerantes na Russia é exactamente esta.

Os terroristas não podem abater o governo, não podem deital-o fóra da Russia, nem sequer de S. Petersburgo; mas, como o têem obrigado durante tantos annos a descurar tudo para não fazer mais do que luctar contra elles, e Deus sabe por quantos annos continuarão ainda a obrigal-os a fazer o mesmo, hão de acabar por lhe tornar insustentavel a sua posição.

O golpe, que o prestigio imperial soffreu ha pouco, já não é muito facil de curar.

Um imperador, que se clausura n'uma prisão com medo dos terroristas, não é certamente a personagem mais capaz de infundir admiração; e a este proposito bem podia eu já citar muitos dictos que correm no exercito e no povo. O que será, se elle continúa ainda a deixar-se lá estar por mais um ou dois annos? Mas, se não se resolve a mudar de politica, que remedio tem senão continuar preso?

Não é porém pelo lado moral que o governo está peor.

N'esta lucta que se trava entre a liberdade e o despotismo, é forçoso confessar que os revolucionarios têem pela sua parte uma grandissima vantagem, a do tempo. Cada mez, cada semana d'aquella incerteza, d'aquella irresolução, d'aquella vigilancia fatigadora peora a posição do seu adversario e por consequencia robustece a sua. Depois sobrevêem para ajudar a minar pela base o edificio imperial forças cegas, inconscientes e poderosas como as da natureza: a situação economica do povo, que chegou a uma crise atroz, a questão financeira, e até a da corrupção administrativa, quasi tão fatal como as duas primeiras.

Mas, dirão, o novo imperador pensa em melhorar a sorte do povo; trabalha por limpar a sua administração dos devoradores e concussionarios.

Vãs e ridiculas tentativas, e quem sabe se hypocritas! Não era este por ventura o sonho dourado de todos os imperadores a começar em Pedro o Grande? Não repetiam todos por ventura os mesmos ukazes contra os concussionarios quasi pelas mesmas palavras? Porque não fizeram nada? Porque queriam fazer tudo por si, isto é, com o auxilio da mesma burocracia, para não cederem um apice do seu poder autocratico.

Só o povo por si mesmo, se fôr o arbitro dos seus destinos, póde melhorar a sua sorte; só a sociedade, tendo por instrumento a imprensa livre, póde fiscalizar e emendar os abusos da administração. Isto são coisas que se apprendem na eschola.

Se nenhum dos imperadores precedentes poude conseguil-o em condições muito melhores, como poderá conseguil-o Alexandre III nas actuaes condições?

E entretanto o Estado não espera. O descontentamento vae cada vez a mais; a sorte do povo peora; a desordem financeira e administrativa aggrava-se. E os terroristas paralysam as poucas forças que ainda restam ao governo, sem fazerem mais do que apresentar-se e mostrar que estão vivos, de quando em quando.

Mas elles sabem tambem ganhar victorias terriveis.

Bem o demonstraram já.

A situação é insustentavel, e quanto mais depressa d'ella sahir o governo melhor para elle. Cedendo ás exigencias legitimas da nação, outorgando-lhe os direitos politicos mais elementares reclamados pelo tempo, pela civilização, tudo entra no caminho pacifico e legal. Os terroristas serão os primeiros a largar as suas armas homicidas para tomarem as mais humanitarias e as mais poderosas de todas, as da palavra livre restituida aos homens livres, como já muitas vezes o tem explicitamente declarado[1].

Hão de fazel-o e são obrigados a isso, porque não poderiam existir mais um dia se quizessem perseverar no caminho até aqui seguido n'um paiz livre.

Tal é a melhor solução da crise actual da Russia.

O que resta saber é se o governo terá perspicacia e coragem moral bastantes para adoptar este partido.

E, se o não fizer, qual será o resultado?

É difficil prevel-o, porque a revolução, especialmente a revolução Russa, é um monstro ter-

[1] Veja-se na nota a carta da commissão executiva a Alexandre III, que recommendamos á attenção especial do leitor.

rivelmente phantastico, e não se póde adivinhar onde parará e que desordens fará se a picarem muito.

Que o movimento já não póde parar, isso é que é fóra de duvida. Tomou umas proporções demasiadamente grandes para que venha a desfazer-se como uma bola de sabão. As suas forças, representadas não já pela *organização* militante, que não é mais do que a sua manifestação exterior do momento, mas pela excitação de animo de tantos milhares de homens, pelo desejo ardente, universal de sahir d'este estado vergonhoso e humilhante creado pelo despotismo, pelo odio, pela vingança, pelo enthusiasmo revolucionario que o governo com as execuções e represalias soube tornar tão forte na melhor parte da nação, que é a mocidade; essas forças hão de necessariamente procurar um desafogo. É essa uma necessidade mais do que philosophica. E homens desejosos e capazes de as dirigir hão de encontrar-se sempre.

Alguma coisa se fará de certo, se a revolução perde a paciencia ou a esperança de ganhar com o menos feroz dos meios que ella tem á sua disposição: o terror politico actual.

De que natureza será, impossivel é prevel-o.

Levado de um sentimento puramente humanitario, quero indicar algumas eventualidades

que se me prefiguram provaveis, em vista dos factos antecedentes e das disposições actuaes do partido, sem ter outro fim senão esclarecer a opinião publica para impedir, se é possivel, a realização d'aquellas tristes eventualidades.

A primeira é a que eu denominarei terror administrativo, terror que ha de cahir sobre a massa dos empregados do governo. O partido já deu d'elle algumas amostras, mas tão de leve que tinha antes o caracter de uma demonstração politica, sem querer por ora submetter pelo terror a administração imperial e quebrar por tal modo os forças ao governo[1]. O golpe seria tão infallivel, como o era o dado nas pernas do cavallo de um cavalleiro da Edade Media, incapaz de se mover por si.

No anno de 1878 estava ainda o partido tão fraco que não podia empenhar-se n'uma lucta tão vasta. Agora com os immensos reforços que tem adquirido, era-lhe facil tentar a prova. E a Russia cobrir-se-ia toda de cadaveres, porque é impossivel que os governadores, os guardas, os procuradores, os juizes tenham todos a sua Gatschina. Seria uma coisa terrivel e dolorosissima. Mas isto já está dicto.

---

[1] Convém comtudo advertir que em Kiew teve já por algum tempo este resultado (V. as «Duas Fugas»).

Outra eventualidade ha, porém, mais tremenda ainda, de que já se vae falando muito, e as vozes no mundo revolucionario não são para se tomarem de leve, porque não tardam a traduzir-se em factos. Tambem se falou durante dois annos no terrorismo e em todo o anno de 1878 no czaricidio, e todos sabem o que succedeu.

No que se fala agora é no terror agrario. A classe agricola, a mais infeliz e a mais numerosa da Russia, a unica numerosa, é como um vulcão latente e mysterioso, em cima do qual folgam descuidadamente os oppressores. Por um ludibrio da historia ella é partidaria, não do imperador, mas de um mytho imperial, que nada tem com a realidade e por isso não póde ter valor algum pratico.

O habitante do campo nutre um odio profundo e implacavel contra toda a ordenação do Estado que não é mais do que a emanação do poder do proprio imperador, contra a burocracia, contra os proprietarios de terras, contra os padres que juraram fidelidade ao governo, contra todos os «senhores», isto é, os que trajam á allemã ou á europêa, n'uma palavra contra tudo o que é causa dos seus soffrimentos de tantos seculos.

Esta gente é tão desesperadamente infeliz e mi-

seravel, que não é preciso talvez mais do que uma faúlha para que o seu odio se converta em incendio immenso, capaz de destruir todos os fundamentos do Estado e a moderna ordem economica, e ao mesmo tempo tudo o que tenha um vestigio de civilização. Seria um cataclysmo universal, um incendio, uma coisa terrivel, mas em todo o caso preferivel á morte lenta sob o calcanhar do despotismo.

Os que ao presente luctam contra a autocracia para conquistarem a liberdade politica, não esqueça isto, são todos socialistas. Nunca deixaram de fazer clandestinamente a propaganda socialista entre os operarios das cidades. E a prova de que os seus esforços não tem sido infructuosos é a parte consideravel de operarios que figura entre os accusados e os condemnados nos processos terroristas dos ultimos tres annos.

Ora, assim estes operarios como os seus companheiros das classes cultas, limitavam-se até agora á lucta exclusivamente politica com o governo imperial para terem a possibilidade de proceder mais tarde á regeneração social da patria por meios pacificos e humanitarios.

O terrorismo actual já tem feito muito para approximar a revolução. Mas o que será se estas chusmas de homens, decididos a tudo, inva-

direm os campos, armados com tudo o que lhes póde fornecer a sciencia exicial dos nihilistas e a sua arte revolucionaria, para começarem uma lucta á irlandeza com os possuidores de terras e empregados da policia agraria completamente indefesos, chamando o povo á obra da destruição universal?

Quem poderá prever ou antes deixar de prever as consequencias d'este terrorismo agrario, em que já se vae *falando*, e tanto?...

Accrescentem-se a isto as conjurações palacianas e os golpes de Estado por intervenção dos commandantes militares. Estes são sem duvida uma terceira eventualidade que póde acompanhar *pari passu* as outras duas, se não precedel-as. Não se colligam directamente com o terrorismo, mas são a sua natural consequencia. Já hoje o governo imperial não é mais do que um joguete, um *fantoche* nas mãos dos corrilhos do paço; d'aqui a um ou dois annos, a alguns mezes talvez, novos actos dos terroristas não farão mais do que acabar de lhe perder as forças, e então em S. Petersburgo, assim como na antiga Roma e em Bysancio e em todas as monarchias despoticas na decadencia, surgirão entre os cortezãos e os generaes do exercito novos Sejanos que hão de querer saciar as suas ambições pessoaes.

Mais cedo talvez do que se pensa, ha de ver a Europa renovarem-se em S. Petersburgo as revoltas dos pretorianos ou, para não sahirmos de casa, dos Strelitz. De que especie elles serão, é impossivel futurar. Provavelmente havemos de vel-os de todas as cores. Se alliados aos nihilistas, darão a liberdade ao seu paiz; se instrumentos da «liga santa» que tem por chefe o grão-duque Wladimiro, já suspeito de querer desthronar o irmão, não será mais do que uma troca de despotas. Em todo o caso é mais do que provavel que com as tradições sanguinarias creadas pelos terroristas estas mudanças serão tudo menos humanitarias. E quem sabe se terão o caracter das mudanças politicas europêas ou se terão o das orientaes?

Eis ahi o triste futuro que com a sua teimosia insensata está preparando á Russia e á sua propria familia o Imperador Alexandre III, e que d'aqui a pouco nem elle mesmo poderá evitar.

NOTA

Para prova melhor de quanto fica dicto com relação ás actuaes aspirações do partido socialista revolucionario da Russia, póde servir o importante documento publicado pela Commissão Executiva a 10 (23) de março de 1881, isto é, dez dias depois do assassinato do czar Alexandre II. Apenas alguns jornaes italianos o reproduziram e não sem erros provenientes das traducções francezas ou allemãs.

Póde ver o leitor quanto são moderadas as condições que propõem ao governo estes homens a quem chamam sanguinarios, não para a cessação da lucta, que isso seria uma hypocrisia, visto como nenhum partido democratico, por mode-

rado que seja, póde ver na liberdade politica a panacéa universal contra os males que consomem o pobre operario, mas para largarem de todo *os meios violentos e sanguinarios* que o partido é obrigado a empregar só porque o governo lhe véda o emprego dos meios pacificos, para conseguir a emancipação da classe mais numerosa e infeliz da humanidade.

A COMMISSÃO EXECUTIVA

A ALEXANDRE III IMPERADOR

Majestade. A Commissão Executiva comprehende perfeitamente a prostração de animo em que Vossa Majestade se deve achar no momento presente. Não entende todavia que por um sentimento de delicadeza possa differir a seguinte declaração. Ha um dever mais alto do que os justos sentimentos do homem, é o dever para com a patria, dever ao qual todo o cidadão se deve sacrificar a si, aos seus proprios sentimentos e até mesmo aos dos outros. Impellidos por este imprescindivel dever, vimos perante Vossa Majestade sem pôr mais tempo em meio, porque tambem o não póe o progresso historico que nos ameaça no futuro com terriveis perturbações e rios de sangue.

A tragedia cruenta que se representou no canal Catharina não aconteceu por acaso nem devia surprehender ninguem. Depois de tudo o que tem succedido ha dez annos a esta parte parecia ser inevitavel, e n'isto

está a sua profunda significação, da qual deve estar bem inteirado aquelle a quem o destino poz como cabeça de um Estado.

Caracterizar taes factos com delictos de pessoas individuaes ou mesmo de um «bando» só póde lembrar a um homem de todo incapaz de analysar a vida dos povos. No decurso de dez annos inteiros vemos que o movimento revolucionario, a despeito das mais energicas perseguições, sem embargo do defuncto Czar ter sacrificado tudo, a saber: a liberdade e o interesse de todas as classes do povo, a industria e até a sua propria dignidade pessoal; e finalmente apesar de todas as medidas para o supprimir, o movimento revolucionario não tem feito senão augmentar; as melhores forças do paiz, os homens da Russia mais energicos e promptos para o sacrificio têem vindo aggregar-se-lhe. Dura já ha tres annos, não menos, a desesperada lucta de guerrilhas entre elle e o governo.

Vossa Majestade ha de convir em que se não póde accusar o governo do defuncto Imperador de *falta de energia*. Foram enforcados criminosos de envolta com innocentes; encheram-se de condemnados as cadeias e as provincias mais remotas. Os chamados «cabeças de motim» foram presos e enforcados ás duzias.

Estes morreram tranquillamente e com a placidez dos martyres, mas nem por isso o movimento cessava; pelo contrario foi crescendo e ganhando mais forças. Um movimento revolucionario, Majestade, não depende de pessoas isoladas. É antes um processo do organismo social e, em face d'elle, as forças que se levantam para os seus mais energicos representantes são tão impotentes para salvar a ordem existente das coisas como o supplicio da cruz infligido ao Nazareno o foi para salvar o corrupto mundo antigo da victoria do christianismo reformador.

Póde o governo continuar a prender e a enforcar á sua vontade e a anniquilar grupos isolados de revolucionarios. Queremos mesmo admittir que elle consiga destruir os partidos essenciaes da revolução. Nada d'isto mudará o estado das coisas. Os revolucionarios surgem dos acontecimentos, do descontentamento geral de todo o povo, da tendencia da Russia para novas fórmas sociaes.

Não se póde anniquilar um povo inteiro, e muito menos se póde reprimir o descontentamento de um povo empregando o rigor; ao contrario, d'esse modo augmentarão o desgosto, a energia e as forças. Estas se organizarão naturalmente, utilizando as experiencias dos que os precederam, e com o andar do tempo as organizações revolucionarias deverão augmentar em numero e em qualidade.

É precisamente o nosso caso. Que proveito tirou o governo do anniquilamento dos grupos dos Dolgunstchinzos, dos Tchiaikowzos, dos propagandistas de 1874? Para o logar d'estes vieram outros directores do partido mais resolutos.

Mais tarde, de 1878 a 1879, os rigores do governo deram vida aos terroristas. Em vão o governo matava os Kowalshy, os Dubrowine, os Ossinsky, os Lisogub; em vão destruiu e fez em pedaços duzias de grupos revolucionarios. D'aquella organização incompleta passou-se, graças a uma especie de «selecção natural», a grupos constituidos com fórmas mais vigorosas. E por ultimo appareceu a «Commissão Executiva» contra a qual ainda agora o governo lucta inutilmente.

Se olharmos com imparcialidade para o triste decennio transacto, podemos sem erro e sem custo prever qual será o futuro do movimento revolucionario no caso de se não mudar a politica do governo. Ha de crescer, ha

de alargar-se, os feitos do terrorismo serão mais acerbos, a organização revolucionaria adquirirá fórmas mais acabadas e mais solidas. N'este comenos o descontentamento irá sempre tendo novas razões de ser e a confiança do povo no governo irá cada vez a menos. A idéa da revolução, a sua possibilidade e necessidade tomarão cada vez mais extensão.

Um tremendo abalo, uma resolução sanguinolenta, uma convulsão espasmodica de toda a Russia completará a destruição da antiga ordem de coisas.

Majestade, esta perspectiva é triste e assustadora.

Triste e assustadora, sim. Não lhe pareça que isto seja simplesmente uma phrase. Ninguem mais do que nós sente quanto será funesta a perda de tantos talentos, de tantas energias na obra da destruição, nos cruentos combates, quando essas mesmas forças, sob o imperio de outras circumstancias, poderiam ser empregadas em trabalhos fecundos, no desenvolvimento do espirito popular, no bem-estar dos cidadãos.

Mas d'onde provém a triste necessidade da cruenta lucta?

Do facto, Majestade, de não existir aqui actualmente entre nós um governo justo no verdadeiro sentido da palavra. Um governo deve, em conformidade com o principio da sua essencia, ser a expressão das aspirações do povo, não fazer senão a vontade do povo.

Entre nós, porém, queira perdoar-nos a expressão, o governo é uma perfeita camarilha e merece o nome de «bando de usurpadores» muito mais do que o merece a Commissão Executiva.

Sejam quaes forem as intenções do Imperador, as acções do governo em nada se referem ás aspirações e ao bem do povo.

O governo imperial tirou já ao povo a liberdade pes-

soal fazendo-o escravo da classe da nobreza[1]. Agora cria a damninha classe dos especuladores e usurarios. Não tem havido reforma que não dê em resultado final exhaurir o povo. O governo na Russia ultrapassou tanto os limites, reduziu as massas populares a tal extremo de pobreza e de miseria, que nem mesmo são livres no que respeita ás suas communas, nem estão a salvo das mais vergonhosas inspecções no seu proprio lar domestico.

A protecção do governo e das leis só favorece os espoliadores, cujos latrocinios ficam impunes. Pelo contrario, a sorte do homem justo que trabalha para o bem commum é quanto póde ser terrivel. Vossa Majestade sabe que a perseguição e a deportação não ferem sómente os socialistas.

Ora que governo é este que sustenta de pé uma «ordem» de tal natureza? Não é realmente um «bando de usurpadores»?

E aqui está porque o governo na Russia não tem a menor influencia moral no povo; aqui está porque a Russia produz tantos revolucionarios; aqui está porque até um facto como o assassinato do Czar desperta sympathias em grande parte d'esse mesmo povo.

Não dê Vossa Majestade ouvidos aos aduladores. O regicidio é muito popular na Russia.

Para sahir de tal situação não ha senão dois meios, ou uma revolução, que não se evita nem se impede com sentenças de morte, ou o chamamento espontaneo do povo ao mais alto poder, ao governo.

No interesse da patria, para evitar uma perda inutil de talento e de energia e os terriveis flagellos, que são o cortejo infallivel da revolução, a Commissão Execu-

[1] Allude-se aos decretos dos Czares Boris e Alexis (XVI-XVII) que Alexandre II se limitou a revogar em parte.

tiva dirige-se a Vossa Majestade e vem aconselhar-lhe que opte pelo segundo meio.

Creia Vossa Majestade que, apenas o supremo poder deixe de ser arbitrario e se mostre firmemente resolvido a fazer só o que lhe prescreve a vontade e a consciencia do povo, póde despedir os seus espiões que deshonram o governo, mandar para os quarteis as suas escoltas e queimar os patibulos que desmoralizam o povo.

N'esse momento a Commissão Executiva suspenderá espontaneamente as suas funcções, e as forças por ella organizadas dispersarão para se dedicarem ao trabalho fecundo da civilização, da cultura e do bem do povo.

A lucta pacifica das idéas virá tomar o logar da violencia, que nos repugna mais do que aos servidores de Vossa Majestade, e a que só recorremos actualmente por sermos a isso forçados pela necessidade.

Recorremos a Vossa Majestade, pondo de parte todo o preconceito e desconfiança que possa suggerir-nos o passado. Esquecemos que Vossa Majestade é o representante d'aquelle poder que tem enganado o povo e lhe tem causado tanto damno. Dirigimos-nos a Vossa Majestade como cidadão e homem honesto.

Esperamos que o resentimento pessoal não supprimirá no seu coração o sentimento do dever nem o desejo de ouvir a verdade.

Resentimentos podemos nós tambem tel-os, porque, se Vossa Majestade perdeu um pae, nós não só perdemos os nossos, mas perdemos os irmãos, as mulheres, os filhos e os nossos melhores amigos. Comtudo estamos promptos a fazer calar todo o rancor pessoal, se assim o exige o bem da Russia, e o mesmo esperamos de Vossa Majestade.

Não lhe pômos condições. Não se offenda com as nossas propostas. As condições necessarias para que o mo-

vimento revolucionario ceda o passo á evolução pacifica não foram creadas por nós, mas pelos acontecimentos. Não fazemos mais do que recordal-as a Vossa Majestade.

Estas condições, no nosso entender, devem referir-se a dois pontos capitaes:

1.º Amnistia geral de todos os delinquentes politicos do passado, porque elles não commetteram delicto algum, ao contrario cumpriram o seu dever de cidadãos.

2.º Convocação dos representantes de todo o povo para o exame das melhores fórmas da vida social e politica, segundo as necessidades e os desejos do povo.

Julgamos todavia necessario notar que a legalização do poder pela representação popular só poderá ser valida quando as eleições sejam perfeitamente livres. Para isso as eleições devem ser feitas da seguinte maneira:

1.º Os deputados serão chamados de todas as classes e estados sociaes sem distincção, proporcionalmente ao numero dos habitantes.

2.º Eleitores e deputados não terão limitações de especie alguma.

3.º Eleições e discussões eleitoraes serão perfeitamente livres. Para este fim o governo até serem convocados os comicios populares, concederá como normas temporarias:

a) liberdade completa de imprensa.

b) liberdade completa de palavra.

c) liberdade completa de reunião.

d) liberdade completa de programmas eleitoraes.

Este é o unico meio de fazer entrar a Russia no caminho de um desenvolvimento pacifico e regular. Declaramos solennemente, perante a nossa patria e perante o mundo inteiro, que o nosso partido se submetterá incondicionalmente á assembléa nacional que se reunir to-

mando por base as condições acima mencionadas, e que não tentará apresentar qualquer opposição ao governo que a assembléa nacional quizer sanccionar.

E agora decida Vossa Majestade. Pertence-lhe a escolha. Nós da nossa parte não podemos mais do que fazer votos por que o seu espirito e a sua consciencia lhe suggiram a unica decisão que se conforma com o bem da Russia, com a dignidade de Vossa Majestade e com os seus deveres para com a patria.

10 (23) de março de 1881.

A Commissão Executiva.

Typographia da Narodnaia Volia *(12) 25 de março de 1881.*

Taes foram as propostas feitas pelo partido revolucionario ao governo, faz agora um anno, e que tem sido muitas vezes repetidas, como ainda no ultimo numero da *Narodnaia Volia* (março de 1882).

O governo respondeu continuando a enforcar, a mandar para a Siberia milhares de desterrados e a usar de rigor contra a imprensa á mais pequena velleidade liberal.

Julgue pois o leitor imparcial de que lado estão os partidarios da justiça, da moderação e da ordem, e quaes são os verdadeiros «perturbadores da tranquillidade publica»!

FIM

INDICE

PAG.

Prefacio de P. Lavroff 3
Preludio 17
A Propaganda 29
O Terrorismo 50

PERFIS DE REVOLUCIONARIOS

Jacob Stephanowic 69
Demetrio Clemens 83
Valeriano Ossinsky 97
Pedro Krapotkine 111
Demetrio Lisogub 124
Hessa Helfmann 134
Vera Zassulic 140
Sophia Perowskaia 152

ESCORÇOS REVOLUCIONARIOS

PAG.

O attentado de Moscow..... 173
Uma communidade de eremitas..... 173
A excavação..... 178
Duas fugas..... 187
Krapotkine..... 189
Bokhanowski..... 200
Os Ukrivatelos..... 209
Tarakanoff..... 210
Seroff..... 221
Ottilia Horn..... 226
A imprensa clandestina..... 232
Um passeio a S. Petersburgo..... 246
Prologo..... 246
A Rina..... 251
Betti..... 257
Hessa Helfmann..... 263
Sophia Perowskaia..... 266
Os cidadãos pacificos..... 277
A mocidade estudiosa..... 287
Tania..... 293
Conclusão..... 305
Nota..... 331
Carta da Commissão Executiva a Alexandre III.. 332

EDIÇÕES

DE

AVELINO FERNANDES & C.ª

18, Rua Oriental do Passeio

LISBOA

BIBLIOTHECA DE VIAGENS

FORMATO IN-8.º GR.

H. CAPELLO E R. IVENS

DE BENGUELLA ÁS TERRAS DE IÁCCA. — Obra illustrada com 193 gravuras e 11 mappas. — 2 volumes cartonados..... 6$000 réis

---

POETAS CONTEMPORANEOS

FORMATO IN-18.º

GONÇALVES CRESPO

NOCTURNOS. — Um volume cartonado..... 1$000 réis

FERNANDO CALDEIRA

MOCIDADES. — Um volume cartonado..... 1$000 réis

Avelino Fernandes & C.ª, Editores — Lisboa

LITTERATURA ITALIANA

FORMATO IN-16.º

E. DE AMICIS

A VIDA MILITAR. *Escorços.*—Uma marcha de verão—O camarada—O official de piquete—Uma pedrada—O filho do regimento—O recruta—Uma marcha de noite—Aquelle dia—A sentinella—O acampamento—A medalha—Um camarada original..... 700 réis

RETRATOS LITTERARIOS.—Victor Hugo, Emilio Zola, Affonso Daudet, Emilio Augier e A. Dumas..... 700 »

G. VERGA

EVA.—Um volume..... 600 »

A. G. BARRILI

COMO UM SONHO. *Conto.*—Traducção de SANTOS VALENTE.. 700 »

CORDELIA

O REINO DA MULHER.—Um reino pequenino—O passado—O presente—Primeiras armas—Os subditos—Um inimigo—Uma traidora—Uma alliada—Um pouco de prosa—Problema difficil—Os pequenos portentos—No reino—Fóra do reino—Reino modesto—Dias de festa—Dias nefastos—Batalhas—Heroinas—O reverso da medalha—Reino deserto—Verdadeira Gloria—A mulher do futuro.—Traducção de MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO..... 600 »

Avelino Fernandes & C.ª, Editores—Lisboa

NO PRÉLO

POETAS CONTEMPORANEOS

JOÃO PENHA

RIMAS.—Um volume cartonado..... 1$000 réis

LITTERATURA ITALIANA

G. VERGA

NOVELLAS.—Um volume..... 600 réis

EDMUNDO DE AMICIS

CONTOS MILITARES.—Um volume..... 700 réis

LITTERATURA NACIONAL

R. BULHÃO PATO

PORTUGUEZES NA INDIA.—Scenas historicas. Um volume.

LITTERATURA INGLEZA

SHAKSPEARE

OTHELLO.—Traducção de J. A. de Freitas. Um volume.

Avelino Fernandes & C.ª, Editores—Lisboa

090
S856r